

Mayara Espadaro

*OS LAPSOS DE FALA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO
SOB A PERSPECTIVA DA MORFOLOGIA
DISTRIBUÍDA*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Scher

VERSÃO ORIGINAL
São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

E771 Espadaro, Mayara
Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da morfologia distribuída / Mayara Espadaro ; orientadora Ana Paula Scher. - São Paulo, 2018.
150 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Morfologia. 2. Lapsos de fala. 3. Morfologia distribuída. 4. Modelos de performance. I. Scher, Ana Paula, orient. II. Título.

ESPADARO, M. OS LAPSOS DE FALA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA. Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr. Ana Paula Scher (Universidade de São Paulo)

Assinatura _____

Prof. Dr. Indaia de Santana Bassani (Universidade Federal de São Paulo)

Assinatura _____

Prof. Dr. Janayna Maria da Rocha Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais)

Assinatura _____

Prof. Dr. Elaine Bicudo Grolla (Universidade de São Paulo)

Assinatura _____

MEMBROS SUPLENTE

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (Universidade de São Paulo)

Assinatura _____

Prof. Dr. Paula Roberta Gabbai Armelin (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Assinatura _____

Prof. Dr. Thomas Daniel Finbow (Universidade de São Paulo)

Assinatura _____

À Nossa Senhora da Aparecida, à minha família e ao Marcelo pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente, nos de mais incerteza.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Ana Paula Scher, que tornou esse trabalho possível, me aconselhando e ajudando muito além das atividades acadêmicas, em todos os momentos – mesmo os mais difíceis. Agradeço a ela por ter acreditado em mim e, principalmente, por ter tido o privilégio de ser sua orientanda.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro (processo 134759/2016-8) que possibilitou essa pesquisa, para que esse trabalho hoje fosse concluído. Ao Departamento de Linguística da USP e seus funcionários, que tanto contribuíram para essa dissertação.

Ao Grupo de Estudos de Morfologia Distribuída da USP (GREMD), que contribuiu imensamente para meu crescimento, tanto dentro da pesquisa, quanto na vida acadêmica e profissional em geral. A cada um dos colegas cujo conhecimento e a estima levarei para a vida toda, em especial: Ana Scher, Janayna Carvalho, Vitor Nóbrega, Vitória Lima, Klauber Renan, Douglas Ruffo, Rafael Camacho e Rodrigo Souza.

Aos professores Esmeralda Negrão, Jairo Nunes, Marcelo Ferreira, Marcos Lopes e Ana Paula Scher, pelas aulas na pós-graduação que me prepararam para o desenvolvimento dessa pesquisa. E à professora Evani Viotti, de quem fui monitora pelo programa PAE, o qual foi um momento muito prazeroso e gratificante durante o mestrado.

Às professoras Janayna Carvalho e Indaiá Bassani pelos comentários e anotações cuidadosas feitas no exame de qualificação, que contribuíram imensamente para o resultado final dessa pesquisa.

Agradeço ao Marcelo Pedro, meu melhor amigo e noivo, pela ajuda, paciência e carinho que dispensou comigo durante este tempo. Sou infinitamente grata pelos momentos que estive ao meu lado, incondicionalmente, e por ter confiado mais em mim do que mim mesma. Obrigada por ter vivido o mestrado tão intensamente comigo, até mesmo se dedicando a entender e aprender sobre lapsos de fala. Dividir meus sonhos com você.

Aos meus pais, por toda a preocupação e zelo que tiveram com a minha educação e bem-estar. Serei eternamente grata por estarem sempre ao meu lado, confiando e apoiando minhas decisões da melhor maneira que poderiam.

À minha família, irmã, tias, avô e sobrinha que são parte indispensável da minha vida. Em especial ao meu avô, que me deu inúmeras caronas para o curso de inglês anos atrás, conhecimento sem o qual eu não teria nem começado a realizar esse trabalho.

À Amanda Balduino, por ter lido e contribuído com esse trabalho desde o projeto de pesquisa até a dissertação e pelas inúmeras discussões e aprendizados ao longo dos anos. Mas, também, por ser uma ótima amiga, com quem tive o prazer de viver muitas aventuras na sala de aula e fora dela.

Aos meus amigos, Victória Alcoforado, Heloisa Meleras, Beatriz Avanso, Carolina Martinez, Angelly Gouveia, Beatriz Masson, Ligia Knöbl, Adele Grostein e Tomás Penha, pelas risadas, brincadeiras, companhia, e pelo suporte nos momentos de ansiedade. Obrigada por terem aguentado minhas reclamações e por terem sido tão compreensivos nos últimos anos.

E, por fim, agradeço a todos os colegas que, interessados pelo meu trabalho, me ajudaram substancialmente, coletando dados que foram de imensa importância para todo o processo dessa pesquisa. Agradeço à Amanda Balduino, à Carolina Martinez, à Angelly Gouveia, à Adele Grostein, ao Tomás Penha, à Vitória Lima, ao Douglas Ruffo, ao Rodrigo Souza, ao Danilo Alves, ao Tarcísio Dias, à Cláudia Souza e à Ana Paula Scher.

Stay afraid, but do it anyway. What's important is the action. You don't have to wait to be confident. Just do it and eventually the confidence will follow.

(Carrie Fisher)

Os lapsos de fala são enunciados que apresentam um desvio em relação ao que o falante pretendia dizer (cf. FROMKIN, 1973). Esse erro pode se manifestar em níveis linguísticos distintos, afetando segmentos fonológicos, morfemas, palavras ou sentenças. Muitos linguistas defendem que os lapsos de fala são uma importante evidência para a postulação de modelos de performance que levem em conta a realidade psicológica das unidades linguísticas e suas regras (cf. FROMKIN, 1973; PFAU, 2009; LEVELT, 1989). O objetivo do nosso trabalho é, portanto, investigar a estrutura dos lapsos de fala espontâneos do português brasileiro que afetam o nível morfológico e explicitar as propriedades que regem os lapsos na nossa língua. Para isso, adotamos como modelo teórico o sistema de Pfau (2009), que foi desenvolvido com base nas evidências fornecidas pelos lapsos de fala e tem como alicerces a arquitetura da gramática proposta no quadro teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) e o modelo de performance em níveis (cf. LEVELT, 1989). Nossa hipótese inicial é a de que o sistema proposto por Pfau (2009) consegue dar conta da análise dos lapsos de fala em português brasileiro. Os resultados da pesquisa incluem a construção de um *corpus* constituído por 140 dados, coletados pelo método naturalístico, isto é, os lapsos foram anotados em contexto natural e espontâneo de fala, sem indução por testes. Os dados apontam para a existência de diferentes estruturas subjacentes aos lapsos de fala morfológicos no português do Brasil, sendo possível classificá-los em seis tipos distintos de acordo com suas características. As classes são: (1) *blends* de palavra, (2) *blends* frasais, (3) substituições que envolvem aspectos semânticos, (4) substituições que envolvem aspectos fonológicos, (5) lapsos que envolvem morfemas, e (6) lapsos que atingem traços gramaticais.

Palavras-chave: Lapsos de fala. Morfologia. Morfologia Distribuída. Modelo de Performance.

The slips of the tongue are utterances that present a deviation as compared to the speaker's intention (cf. FROMKIN, 1973). This error can occur in different linguistic levels, affecting phonological segments, morphemes, words or sentences. Many linguists claim that the slips of the tongue constitute important evidence for proposing performance models that consider the psychological reality of the linguistic units and the rules that apply to them. Our aim is to investigate the properties of spontaneous slips of the tongue in Brazilian Portuguese and to determine the structure of those which affect the morphological level. Hence, we have adopted as a theoretical model the system proposed in Pfau (2009), which has been developed based on evidence from the slips of the tongue. This system takes as a starting point the architecture of the grammar proposed by the Distributed Morphology model for language treatment (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) and by a model based on performance levels (cf. LEVELT, 1989). Our initial hypothesis is that Pfau's system can manage the analysis for slips of the tongue in Brazilian Portuguese. The results of this research include a *corpus* formed by 140 data, collected according to a naturalistic method, noted under natural context and spontaneous speech, without any induction by test. The data point to the existence of different subjacent structures to the morphological slips of the tongue in Brazilian Portuguese, classified in six distinct categories according to their characteristics. These types can be described as: (1) word blends, (2) phrasal blends (3) substitutions based on semantic aspects, (4) substitutions based on phonological aspects, (5) slips involving morphemes and, (6) slips involving grammatical features.

Key-words: Slips of the tongue. Morphology. Distributed Morphology. Performance Model.

Lista de abreviaturas e siglas

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Adjetivo
<i>a</i>	Traço categorizador adjetival
acc	Caso acusativo
Af	Afixo
Agr	<i>Agree</i>
BL	Blend
C ₁	Classe 1
C ₂	Classe 2
C ₃	Classe 3
Co	Coda
D	Determinante
DP	Sintagma Nominal
dat	Caso dativo
DP	Sintagma determinante
gen	Gênero
genit	Caso genitivo
f	Feminino
FL	Faculdade da Linguagem
FLB	Faculdade da Linguagem no sentido amplo
FLN	Faculdade da Linguagem no sentido estrito
fuve	Fusão Vocabular Expressiva
inf	Infinitivo
IV	Item de Vocabulário
LF	Forma Lógica
m	Masculino
MD	Morfologia Distribuída
MS	Estrutura Morfológica

N	Nome
n	Neutro
<i>n</i>	Traço categorizador nominal
neg	Negação
nom	Caso nominativo
NMLZ	Nominalizador
Nu	Núcleo
On	<i>Onset</i>
pass	Tempo passado
part	Particípio
PB	Português brasileiro
PF	Forma Fonológica
pl	Plural
PM	Programa Minimalista
PMP	Produção monitorada por <i>parser</i>
PP	Sintagma preposicionado
pres	Presente
pret.perf	Pretérito Perfeito
Q	Quantificador
RRF	Regra de reajuste fonológico
S	<i>Stem</i>
sg	Singular
T	Tempo
tns	<i>Tense</i>
TP	Sintagma de tempo
V	Verbo
<i>v</i>	Traço categorizador verbal
VP	Sintagma verbal

Figura 1. Estrutura da gramática segundo a MD (cf. MARANTZ, 1997, p. 204)	37
Figura 2. Derivação de conversacional (cf. SCHER, 2015, p. 4)	38
Figura 3. Caminho entre a derivação sintática e PF (cf. HALLE; MARANTZ, 1994, p. 277)	41
Figura 4. Arquitetura da gramática para o PM (cf. GUIMARÃES, 2015, p. 29)	45
Figura 5. Representação do modelo de processamento de Levelt (1989) (cf. LEVELT, 1993)	53
Figura 6. Mapeamento do modelo de produção de Levelt (1989) com a arquitetura da gramática da MD (cf. PFAU, 2009, p. xx)	58
Figura 7. Tipos de erros por níveis de processamento (cf. PFAU, 2009, p. 309)	61
Figura 8. Modelo PMP para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 1) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 139)	65
Figura 9. Modelo PMP revisto e ampliado para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 2) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 173)	66
Figura 10. Modelo PMP revisto e ampliado para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 3) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 174)	67
Figura 11. Representação do <i>blend</i> “tristemunho” (cf. GONÇALVES, 2003, p. 151)	80
Figura 12. Representação do <i>blend</i> “naula”	88
Figura 13. Representação do <i>blend</i> “mosquilongo”	88
Figura 14. Acesso lexical (cf. FROMKIN, 1971, p. 50)	108
Figura 15. Rede lexical (adaptado de Dell, 1986, p. 290)	110
Figura 16. Representação do acesso lexical para o item no caso da produção correta, de um erro de substituição envolvendo aspectos semânticos e de um erro de substituição envolvendo aspectos fonológicos (cf. FROMKIN, 1971, p. 50)	120
Figura 17. Representação dos níveis morfológicos e fonológicos da sentença (adaptado de Dell, 1986, p. 290)	121

Quadro 1. Adaptado da Classificação dos lapsos de fala (cf. STEMBERGER, 1993 apud ILIOVITZ, 2007)	26
Quadro 2. Total de lapsos de fala por tipo	74
Quadro 3. Número de lapsos de fala do tipo <i>blend</i> de palavra por relação entre as palavras-fonte	83
Quadro 4. Classificação dos <i>blends</i> por Minussi e Nóbrega (2014, p. 168)	86
Quadro 5. Relações isocategoriais e heterocategoriais nos <i>blends</i> (cf. RIO-TORTO, 2014, p. 16)	90
Quadro 6. Distribuição dos <i>blends</i> de palavra por categorias morfossintáticas	90
Quadro 7. Padrões de coordenação e modificação em <i>blends</i> , adaptado de Rio-Torto (2014, p. 20)	92
Quadro 8. Número de lapsos de fala de <i>blends</i> frasais por tipo de elementos alternativos	99

Introdução	16
1 Os lapsos de fala	23
1.1 Lapsos de fala do ponto de vista linguístico	24
1.2 Considerações finais do capítulo	32
2 Fundamentação teórica: pressupostos da morfologia distribuída e do programa minimalista	33
2.1 Morfologia distribuída	34
2.1.1 Lexicalismo vs. não lexicalismo	34
2.1.2 As listas e a arquitetura da gramática para a morfologia distribuída	36
2.1.3 Propriedades centrais da morfologia distribuída	42
2.2 Programa minimalista	43
2.2.1 A faculdade da linguagem e a arquitetura da gramática para o programa minimalista	44
2.2.2 Derivação e operações sintáticas no programa minimalista	46
2.3 Considerações finais do capítulo	48
3 Modelos de processamento	50
3.1 O modelo de processamento de Levelt (1989)	52
3.2 O modelo de processamento de Pfau (2009)	56
3.3 O modelo Produção Monitorado por <i>Parser</i> de Rodrigues (2006)	61
3.4 Os modelos de processamento de produção e os dados de lapsos morfológicos do PB	68
3.5 Considerações finais do capítulo	70
4 Metodologia	72
4.1 Coleta de dados	72
4.2 Resultados da coleta	73
4.3 Considerações finais do capítulo	77
5 O comportamento dos lapsos de fala em português brasileiro	78
5.1 <i>Blends</i> de palavra	79
5.1.1 Os <i>blends</i> de palavra na literatura sobre lapsos de fala	81
5.1.2 Os <i>blends</i> de palavra no PB	83
5.1.3 Diferenças entre os <i>blends</i> de palavra e os <i>blends</i> neológicos	85
5.1.3.1 A classificação dos <i>blends</i> no PB	86
5.1.3.2 Categorias morfossintáticas dos <i>blends</i>	89
5.1.3.3 Relações gramaticais internas aos <i>blends</i>	91

5.2	<i>Blends</i> frasais	93
5.2.1	Propriedades gerais dos <i>blends</i> frasais	94
5.2.2	Considerações sobre os <i>blends</i> frasais do PB	98
5.3	Substituições que envolvem aspectos semânticos	105
5.3.1	Propriedades gerais das substituições que envolvem aspectos semânticos	106
5.3.2	Considerações sobre as substituições que envolvem aspectos semânticos em PB	114
5.4	Substituições que envolvem aspectos fonológicos	117
5.4.1	Propriedades gerais das substituições que envolvem aspectos fonológicos	118
5.4.2	Considerações sobre as substituições que envolvem aspectos fonológicos em PB	122
5.5	Lapsos que envolvem morfemas	124
5.5.1	Propriedades gerais dos lapsos que envolvem morfemas'	124
5.5.2	Considerações sobre os lapsos que envolvem morfemas em PB	137
5.6	Lapsos que envolvem traços gramaticais	140
5.6.1	Propriedades gerais dos lapsos que envolvem traços gramaticais	140
5.6.2	Considerações sobre os lapsos que envolvem traços gramaticais em PB	154
5.7	Considerações finais do capítulo	157
6	Considerações finais	159
	Referências Bibliográficas	165
	Anexos	170

Introdução

Os lapsos de fala são fenômenos linguísticos que afetam o desempenho linguístico dos falantes e, apesar de inesperados, ocorrem com certa frequência na fala espontânea. Segundo Garret (1990), basta começarmos a ouvir conversas atentamente para notarmos a ocorrência de lapsos de fala todos os dias, embora várias vezes o falante possa não perceber o próprio erro. Nessa perspectiva, cabe ressaltar que o “erro” é entendido como um enunciado que desvia da intenção comunicativa do falante e é resultado de uma falha de processamento (cf. FROMKIN, 1973). Portanto, a definição de erro que adotamos aqui se distingue daquela da perspectiva prescritivista, que entende o erro como um desvio da norma culta feito pelo falante por desconhecimento ou pela não utilização da forma prestigiada.

Dessa maneira, entendemos os lapsos de fala como desvios da produção linguística perfeita e esperada, sendo, portanto, analisados como produtos de uma falha de processamento. No entanto, apesar de imprevisível e inesperado, o erro não é aleatório. Conforme evidenciado por autores como Fromkin (1973), Levelt (1989) e Boomer e Laver (1973), os lapsos se comportam de maneira regular, isto é, obedecem a um conjunto de propriedades. Um exemplo dessa regularidade seria “a primeira lei” de Wells (cf. WELLS, 1951 *apud* FROMKIN, 1973, p. 24): “um lapso de fala é, quase sempre, um som fonologicamente possível da língua¹”. Tendo isso em vista, portanto, observamos que os lapsos devem ser, de alguma maneira, controlados pelas regras do

¹ Tradução nossa, no original: “A slip of the tongue is practically always a phonetically possible noise”

sistema linguístico², assim como os enunciados normais. Outra regularidade demonstrada pelos dados de Fromkin (1973) aponta que os lapsos de fala geralmente ocorrem entre duas unidades linguísticas do mesmo nível. Isto é, traços fonológicos alternam com traços fonológicos, fonemas alternam com fonemas, morfemas alternam com morfemas, e assim sucessivamente. Esse fato é uma evidência positiva para a hipótese de que o processamento linguístico é modular e que opera em níveis não interativos³. Dessa maneira, os lapsos têm tido um papel importante na elaboração de modelos de processamento linguístico⁴, na medida em que evidenciam propriedades sistemáticas do funcionamento de um sistema linguístico. Nesse sentido, considerando que os lapsos são fatos observáveis, eles se tornam dados importantes para mapear a atividade linguística mental, que é inacessível por outros meios diretos e, por isso, podem revelar aspectos do processamento linguístico. No âmbito teórico, os lapsos de fala tornam-se evidência central para a postulação de modelos de processamento, pois os erros “podem prover influência teórica crucial na medida em que uma análise cuidadosa das irregularidades no contexto pode revelar padrões funcionais que são consistentes com um modelo teórico, e contraditório com outros”⁵ (cf. BOOMER; LAVER, 1973, p. 121). Assim, os lapsos de fala funcionam como *insights* sobre a natureza do comportamento linguístico, servindo como ferramentas para testar hipóteses sobre o processamento psicolinguístico. O objetivo dos estudos sobre os lapsos de fala, sobretudo no campo linguístico, é, portanto, descrever um modelo de processamento da produção linguística que seja elegante e dê conta de dados reais. Além disso, autores como Pfaus (2009) pretendem vincular os níveis de processamento linguístico a modelos de arquitetura da gramática, articulando entre si competência e desempenho.

² Usamos aqui o termo controlados no sentido de que os lapsos de fala devem ser permitidos pelas configurações do sistema linguístico. Isso não implica que o sistema tenha, de fato, controle sobre a ocorrência dos lapsos, uma vez que esses são imprevisíveis e inconscientes. O que queremos dizer é que nenhum lapso pode apresentar propriedades que estão fora do sistema em questão.

³ Em um modelo de processamento que assume níveis não interativos (cf. RODRIGUES, 2006, LEVELT, 1989), não deve haver comunicação entre informações de naturezas distintas, isto é, cada nível opera independentemente, seguindo um fluxo unidirecional.

⁴ Os modelos de processamento linguístico pretendem explicar quais processos complexos são ativados na mente humana para o processamento da produção e da compreensão de linguagem. Para este trabalho, no entanto, investigaremos mais atentamente modelos de processamento da produção linguística (cf. PFAUS, 2009; RODRIGUES, 2006), em detrimento daqueles de compreensão, uma vez que as questões levantadas neste trabalho buscam solucionar problemas relativos à produção dos lapsos de fala, e não tangem aspectos da sua compreensão.

⁵ Tradução nossa, no original: “[...] can provide crucial theoretical leverage in that a careful analysis of the irregularities in context may reveal functional patterns which are consistent with one hypothetical model and contradictory of others” (cf. BOOMER; LAVER, 1973, p. 121).

Sob essa perspectiva, iremos coletar e analisar lapsos de fala morfológicos do português brasileiro (doravante, PB), para descrever o fenômeno e investigar se o comportamento encontrado é congruente com o que preveem os modelos de processamento propostos na literatura.

Os lapsos de fala morfológicos são enunciados que se desviam da intenção comunicativa do falante por falhas em unidades morfológicas, tais como raízes, morfemas ou traços gramaticais. Por exemplo, um dos dados analisados na pesquisa é o dado em (1):

(1) A rasgola sacou⁶

O enunciado pretendido em (1) seria *A sacola rasgou*. Na concretização dessa intenção, parece ter havido uma troca entre as duas raízes que derivam os termos principais desse enunciado: *rasgou* e *sacola*. Em outras palavras, a raiz $\sqrt{\text{RASG}}$, a partir da qual deveria se formar o verbo *rasgar*, está sendo realizada no lugar reservado para a raiz $\sqrt{\text{SAC}}$, que deveria derivar o nome *sacola*. Essa troca dá origem à forma *rasgola*, no lugar do nome *sacola*. Por sua vez, a raiz $\sqrt{\text{SAC}}$, a partir da qual deveria se formar o nome *sacola*, no dado em (1), se realiza no lugar reservado para a raiz $\sqrt{\text{RASG}}$, que derivaria o verbo *rasgar*, na forma flexionada *rasgou*. Aqui, a troca dá origem à forma *sacou*, em lugar de *rasgou*.

Para modelos de análise morfológica mais tradicionais que, por exemplo, assumem um componente lexical poderoso, em que se encontram peças morfológicas e regras para sua combinação (cf. ARONOFF, 1976), a explicação para esse lapso é problemático, pois, além da troca entre as raízes, a falha gerada põe em evidência um comportamento inesperado dos morfemas *-ola*, um sufixo derivacional nominal, e *-ou*, um sufixo de flexão verbal (3sg.pass.). Modelos como esses propõem uma clara distinção entre processos de derivação e de flexão e não poderiam dar conta com tranquilidade da associação de um sufixo derivacional nominal a uma base verbal, como *rasgar*, e nem, tão pouco, da associação de um sufixo flexional verbal a uma base nominal, como *sacola*.

Outro tipo de dado coletado é *maragnífico*, formado a partir das palavras *maravilhoso* e *magnífico*. Nesse caso, temos um *blend* entre duas palavras-alvo que, por

⁶ Ana Paula Scher (comunicação pessoal) me apresentou esse dado, chamando minha atenção para sua relevância dentro do contexto da pesquisa que se desenvolve aqui.

terem significados muito parecidos, são simultaneamente selecionadas pelo falante. A solução para essa falha do ponto de vista do processamento é, portanto, mesclar fonologicamente as duas palavras⁷.

Observamos, então, que os lapsos de fala morfológicos apresentam características distintas, podendo ser subclassificados em vários tipos. Desse modo, o objetivo geral do presente estudo é classificar os lapsos morfológicos em PB, determinar quais propriedades gramaticais estão em jogo no processamento das unidades morfológicas e, também, investigar como se comportam, sistematicamente, as falhas de processamento que acarretam a produção desses lapsos.

Para dar suporte teórico à nossa investigação, teremos como base o trabalho de Pfau (2009), que defende um modelo, concebido a partir de lapsos de fala morfológicos, em que a gramática seja o processador linguístico. Para tal, o autor integra o modelo de processamento de Levelt (1989) com o modelo de arquitetura da gramática da Morfologia Distribuída (doravante, MD). Escolhemos o modelo de Pfau (2009) como o alicerce teórico para a análise dos nossos dados, pois ele consegue explicar o desvio morfológico em diversos tipos de erro. Além disso, as contribuições de uma teoria não lexicalista da gramática, como a MD, mostram-se relevantes para o desenvolvimento de um modelo de processamento baseado nas evidências dos lapsos de fala⁸. Trabalharemos, ainda, com o modelo de Rodrigues (2006), que trata da produção de lapsos de concordância em PB dentro de uma perspectiva que associa o modelo de processamento de Levelt (1989) à proposta do Programa Minimalista (doravante, PM) (cf. CHOMSKY, 1993, 1995, 1999) para análises sintáticas. Dessa forma, consideramos que será possível avaliar a pertinência desses modelos para a análise de lapsos morfológicos produzidos por falantes de PB.

Salientamos que não há trabalhos que tenham como objeto de estudo os lapsos morfológicos envolvendo morfemas, raízes e traços gramaticais para o PB. Entretanto, a literatura sobre lapsos de fala em português abarca outras questões, dentre as quais destacamos: Iliovitz (2001; 2007), que faz uma análise prosódica dos lapsos de fala em

⁷ Detalharemos melhor esse tipo de lapso na seção 5.1 deste trabalho.

⁸ As evidências fornecidas pelos lapsos de fala demonstram que as palavras não são armazenadas como um todo, e sim, estão decompostas em unidades morfológicas (raízes e afixos). Dados como a troca entre raízes em *It waits to pay* por *It pays to wait*, a inserção de morfema de passado (-ed) em uma preposição em *She was upped the dishes* e a regularização de um passado não regular em *The labrador bited the cat* (cf. REEVES et al, 1998 apud NOBREGA, 2010) sugerem que as unidades morfológicas são armazenadas separadamente, uma vez que o falante tem acesso a elas independentemente. Nesse sentido, uma teoria da gramática como a MD é compatível com modelos de processamento linguístico. Outras questões de compatibilidade e convergência entre os modelos serão detalhadas no capítulo 3.

PB; Rodrigues (2006; 2015), sobre lapsos de concordância em PB, induzidos através de experimentos; e Nobrega (2010), sobre lapsos fonológicos e morfológicos do português europeu, entre outros⁹. Assim, fica evidente a necessidade de contribuirmos para a expansão dos estudos sobre lapsos de fala em PB, descrevendo esse fenômeno, uma vez que esse tipo de dado pode ressaltar as propriedades gramaticais das unidades morfológicas na nossa língua, trazendo, portanto, evidências para a descrição da arquitetura da gramática e para a adequação de um modelo de processamento da produção linguística.

De modo geral, podemos classificar os objetivos deste trabalho sob três pontos de vista diferentes: (i) o metodológico, (ii) o da descrição dos lapsos em PB e (iii) o do funcionamento dos modelos de processamento linguístico. Para cada tópico, levantamos algumas das questões iniciais que serão discutidas durante a elaboração do trabalho.

- i. *Ponto de vista metodológico*: Construir um *corpus* de lapsos de fala espontâneos que sirva como base para o fornecimento de dados para essa pesquisa e para futuros trabalhos. É importante destacar que não há nenhum material dessa natureza disponível para o PB¹⁰;
- ii. *Ponto de vista descritivo*: Descrever os lapsos morfológicos em PB, observando as propriedades e características da sua estrutura, bem como desenvolver uma classificação para os dados que leve em conta as unidades morfológicas.
 - Quais elementos morfológicos são afetados nos lapsos de fala em PB? Como esses elementos se comportam?
 - Os dados do PB se comportam de maneira semelhante aos dados do inglês e do alemão apresentados e descritos em Pfau (2009)? É possível classificá-los do mesmo modo?
- iii. *Ponto de vista do funcionamento dos modelos de processamento linguístico*: Com base nos lapsos do PB, testar o modelo de processamento da produção linguística baseado na MD e proposto por Pfau (2009),

⁹ Destacamos outros trabalhos pertinentes sobre lapsos de fala em PB: Vivacqua (2012), Silva (2011) e Martins e Nascimento (2011).

¹⁰ Nobrega (2010) traz um conjunto de lapsos morfológicos e fonológicos para o português europeu, somente.

verificando se há falhas que possam ser sanadas ou reformuladas para adequar o modelo aos dados.

- O modelo de Pfau (2009) acomoda os dados do PB? É preciso reformular o modelo para que ele dê conta das propriedades dos nossos lapsos?
- Em que níveis do processo de produção estão as falhas que dão origem aos lapsos de fala no PB?
- O modelo de produção monitorado por *parser* (doravante, PMP) revisto e ampliado (cf. RODRIGUES, 2006), criado com base nos lapsos de concordância do PB, também dá conta dos dados encontrados? Quais as vantagens e desvantagens desse modelo, em comparação com o modelo de Pfau (2009)?
- Uma análise dos lapsos do PB, baseada na MD, se mostra vantajosa em relação a outras análises em potencial, baseadas em modelos diferentes da MD? De que forma? Em que medida os nossos dados podem contribuir para gerar argumentos em favor da MD?

Esta pesquisa se organiza da seguinte maneira. Depois de apresentarmos algumas considerações sobre a importância dos lapsos de fala para os estudos linguísticos e, em especial, para a construção de modelos de processamento, de apontarmos a necessidade deste estudo para a descrição do fenômeno em PB e de delimitarmos os objetivos da pesquisa, apresentamos, no capítulo 1, uma breve introdução à questão dos lapsos de fala, em que se destacam as principais características do fenômeno, relatadas na literatura. O capítulo 2 contém uma discussão teórica sobre os modelos da MD e do PM, teorias associadas à Proposta de Levelt (1989) para a construção dos modelos de Pfau (2009) e Rodrigues (2006), respectivamente. Na sequência, tem-se a apresentação, no capítulo 3, dos modelos de processamento de Levelt (1989), Pfau (2009) e Rodrigues (2006), propriamente, descrevendo as manifestações dos lapsos durante a codificação e a produção de fala. Este capítulo inclui, ainda, uma seção em que se comparam os modelos de Pfau e Rodrigues, buscando determinar qual deles, a princípio, se mostra compatível com as propriedades dos lapsos de fala já descritos na literatura. Apresentamos a metodologia de coleta e classificação dos lapsos de fala no capítulo 4 e, em seguida, no capítulo 5, tem-se uma discussão sobre os dados

reunidos no *corpus* coletado, contrapondo as propriedades dos lapsos de fala, conforme análise dos nossos dados, à descrição já feita pela literatura. Para finalizar, o capítulo 7 traz as considerações finais para a pesquisa.

Capítulo 1

Os lapsos de fala

Na Introdução do livro *Speech Errors as Linguistic Evidence*, de 1973, Fromkin aponta que o interesse da linguística pelos lapsos de fala iniciou-se com Meringer e Mayer (1895). Os autores coletaram e publicaram um *corpus* extenso de lapsos que serviu de base para muitos outros trabalhos posteriores, e foram os primeiros a analisar o mecanismo envolvido nos enunciados desviantes como uma falha mecânica inconsciente do processador articulatório (cf. FROMKIN, 1973, p. 13). Antes de Meringer e Mayer (1895), a análise dada aos lapsos de fala pelo linguista Hermann Paul apenas considerava-os, quando repetidos com frequência na comunidade, como desencadeadores de mudança histórica na língua (cf. PFAU, 2009, p. 2).

Sob outra perspectiva, os lapsos de fala foram abordados também pela psicanálise, tendo sido analisados de maneira bem distinta por essa disciplina. Para a psicanálise, os estudos dos lapsos de fala começaram com Freud (1958). Conforme a citação abaixo, o autor sugere que os lapsos podem ter duas causas distintas:

A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo discurso – isto é, por uma antecipação ou uma preservação do som –, ou por uma outra formulação das ideias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar [...]. A perturbação poderia, contudo, ser de um segundo tipo [...]; poderia resultar de influências externas à palavra, frase ou contexto, e provir de elementos que não se pretendia enunciar e de cuja excitação só tomamos

conhecimento justamente através da própria perturbação. O que esses dois modos de formação dos lapsos da fala têm em comum é a simultaneidade da excitação, e o que os diferencia é situar-se a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto. (cf. FREUD, 1958, p. 65 - 66).

Assim, os lapsos do primeiro tipo teriam uma motivação linguística, causada por uma interferência que vem do próprio discurso. Por outro lado, os lapsos do segundo tipo têm sua motivação em elementos que estão fora do discurso, no inconsciente do falante. Para o autor, no entanto, apenas os lapsos do segundo tipo são objeto da psicanálise na medida em que funcionam como um acesso às emoções e desejos secretos suprimidos no inconsciente. Nas suas análises, Freud sempre busca aproximar o erro cometido da sua motivação, para, através disso, fazer considerações sobre como o inconsciente se manifesta nas nossas ações. Apesar de observar que há sistematicidade linguística na forma que os lapsos assumem, ele não está preocupado com a forma, sendo a linguagem apenas o meio pelo qual o erro transparece.

[...] a forma específica assumida pelo erro não é determinada pela qualidade da ideia perturbadora que permaneceu na obscuridade. [...] Somente a complacência do material lingüístico é que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites. (cf. FREUD, 1958, p. 252).

Enquanto isso, os estudos linguísticos observam os lapsos de fala por meio de sua forma e procuram descrever as regras e processos que estão sistematicamente envolvidos na sua produção. Isto é, não cabe ao linguista investigar as motivações extralinguísticas e pessoais do falante que deram origem ao erro, mas como e em que estágio do processamento ocorreu a falha na formulação da sentença dentro do sistema. Na próxima seção, iremos nos concentrar nas propriedades e nas classificações dos lapsos de fala do ponto de vista linguístico.

1.1 Lapsos de fala do ponto de vista linguístico

Do ponto de vista linguístico, Boomer e Laver (1973, p. 123) definem os lapsos de fala como “um desvio involuntário na performance da intenção fonológica, gramatical ou lexical do falante”¹¹. O desvio do enunciado, segundo Fromkin (1973), pode ocorrer tanto nos níveis fonológico, morfológico e, lexical, quanto no nível

¹¹ Tradução nossa, no original: “A slip of the tongue is an involuntary deviation in performance from the speaker’s current phonological, grammatical or lexical intention” (cf. BOOMER; LAVER, 1973, p. 123).

sintático, sendo que falhas em diferentes níveis acarretarão tipos diferentes de lapsos, afetando traços ou segmentos fonológicos, morfemas, palavras ou a ordenação sintática.

A seguir, a título de exemplificação, iremos descrever três exemplos de lapsos retirados de Fromkin (1973) que afetam diferentes unidades linguísticas no enunciado.

- | | | | |
|-----|------------------|---|---------------------------|
| (2) | griep three | ← | group three ¹² |
| (3) | bloodent studies | ← | bloody students |
| (4) | blond eyes | ← | blond hair |

O lapso de fala em (2) é do tipo fonológico, ou seja, afeta os segmentos fonológicos. A interação entre as duas palavras resulta na antecipação do fonema /i:/ presente em /θri:/ *three* para a palavra anterior *group*, gerando /gri:p/. No dado em (3), por sua vez, temos um lapso morfológico afetando diretamente os morfemas derivacionais *-y* e *-ent*. Enquanto as raízes √BLOOD¹³ e √STUD ocorrem nas posições esperadas, considerando-se a expressão pretendida – *bloody students* –, os morfemas *-y* e *-ent* são trocados de lugar: *-y* não vai se associar à fonologia da raiz √BLOOD, mas à de √STUD, enquanto *-ent* não se associa à fonologia da raiz √STUD, mas à de √BLOOD. O resultado, então, será *blood-ent stud-ies*. Além disso, vemos que o morfema de plural *-s* continua sendo realizado no local esperado, o que caracteriza o encahamento¹⁴ do traço flexional de número. Por fim, o lapso em (4) é do tipo lexical, acometendo uma palavra inteira. A troca de *hair* por *eyes*, então, é vista como uma falha de escolha lexical que pode resultar, muitas vezes, da antecipação ou preservação de um campo semântico¹⁵. Além de considerarmos o nível linguístico em que se deu a falha e qual unidade foi afetada, podemos analisar um lapso a partir de outros critérios. Para isso, vamos examinar as características adotadas por Stemberger (1993) em sua classificação:

¹² Neste, e em todos os outros exemplos, as setas apontam para a forma produzida, ou seja, para o lapso de fala. Assim, o lapso vem à esquerda da seta, que aponta para ele, e a forma esperada aparece à direita dessa mesma seta.

¹³ Usaremos o símbolo √, seguido de letras maiúsculas, como representação para raiz em linguística (cf. PESETSKY, 1995, p. 70).

¹⁴ O termo encahamento, em inglês, é denominado *stranding*, e remete a casos em que o erro decorrente da substituição de uma raiz por outra não afeta as marcas morfológicas da palavra-alvo. O encahamento é, assim, o abandono dos afixos que pertencem à palavra-alvo em suas posições originais (cf. STEMBERGER, 1993).

¹⁵ Os termos encahamento, antecipação e preservação, entre outros, serão detalhados a seguir.

CINCO CARACTERÍSTICAS CLASSIFICATÓRIAS DOS LAPSOS DE FALA							
A. Tipo de lapso	1. Substituição		2. Adição		3. Perda: omissão, apagamento, deleção.	4. Amálgama	
B. Nível linguístico	1. Semântico	2. Pragmático	3. Lexical	4. Sintático	5. Morfológico	6. Fonológico	7. Motor/fonético
C. Fonte	1. Sem fonte/ não contextual		2. Ambiental (não linguístico)		3. Contextual (linguístico/ sintagmático)		
D. Direcionalidade	1. Antecipação: AB→BA	2. Preservação: AB→AA	3. Incompleto: AB→A-	4. Antecipação/preservação: ABA→AAA	5. Complexo: a) troca/mudança: AB→BA b) série: ABC→AAA/CCC c) cadeia: ABC→AAB/BCC d) borrão: ABC→BA/CB e) <i>bumper-cars</i> ¹⁶ : AB→CA/BC f) neologismos		
E. Unidade linguística	1. Unidade fonológica a) fonema b) traço fonológico c) sílaba d) acento/ prosódia, etc		2. Morfema a) base b) prefixo c) sufixo d) regularização, etc.		3. Palavra a) classe aberta/ classe fechada b) substantivo, verbo, etc.		4. Unidade sintática a) estrutura sintagmática b) transformação c) etc.

Quadro 1 Adaptado da Classificação dos lapsos de fala¹⁷ (cf. STEMBERGER, 1993 *apud* ILIOVITZ, 2007).

¹⁶ O termo *bumper-car*, do inglês, corresponde à carrinho de bate-bate em português. Nesse contexto, refere-se a um tipo de erro que “empurra” o elemento seguinte para uma posição próxima, por isso a alusão ao carrinho de bate-bate.

¹⁷ O quadro reproduzido por Iliovitz (2007) segue fielmente o quadro e a classificação original de Stemberger (1993). Optamos por apresentar o primeiro apenas, porque traz os termos em português.

A categoria (A) classifica os lapsos quanto ao seu tipo, que pode ser resultante de fenômenos como a substituição, a adição ou a perda de um elemento do enunciado-alvo, ou, ainda, do amálgama (*blend*) de dois elementos¹⁸. No exemplo em (5), temos a substituição¹⁹ de /f/ por /p/. Em (6), a palavra *such* é produzida como *stuch*, com a adição de fonema /t/ por antecipação de parte da fonologia da palavra seguinte, *state*. O dado (7) ilustra a perda de um elemento, no caso, a sílaba *dous*. Por fim, o lapso (8) *clarinola* representa o *blend* entre *clarinet* e *viola*. Os quatro tipos podem ocorrer em todos os níveis linguísticos.

- | | | | |
|-----|---------------------------------------|---|---|
| (5) | Flay the pictor | ← | play the victor
(cf. FROMKIN, 1973, p. 230) |
| (6) | But I was in stuch a state of anxiety | ← | (...) such a state of anxiety
(cf. GARRETT, 1993, p. 76) |
| (7) | tremenly | ← | tremendously
(cf. FROMKIN, 1973, p. 229) |
| (8) | Did you bring your clarinola? | ← | (...) your clarinet/viola
(cf. FROMKIN, 1973, p. 229) |

A categoria (B) diz respeito ao nível linguístico no qual foi produzido o erro. Nos exemplos de (2) a (4), ilustramos lapsos que afetam os níveis fonológico, morfológico e lexical, respectivamente. Para Stemberger (1993), é difícil detectar erros puramente semânticos ou pragmáticos, pois eles geralmente afetam palavras, morfemas ou a sintaxe. Desse modo, “é difícil saber se a semântica e a pragmática foram bem formadas, mas um erro aconteceu em um nível mais baixo, ou se a semântica e a

¹⁸ Além de ser um tipo bastante frequente envolvendo palavras, amálgamas também podem ocorrer, de acordo com Stemberger (1993), no nível fonológico envolvendo traços. Por exemplo, o fonema-alvo /p/ se combina com o fonema /g/ resultando na produção do fonema /b/, por meio da fusão entre os traços articulatorios de /p/ com o traço de sonoridade de /g/.

¹⁹ Stemberger (1993) nota que as substituições de palavra podem ocorrer por semelhança semântica, fonológica ou ambas. A substituição de palavras por semelhança fonológica também é chamada de “malapropismo”. Já as substituições por semelhança semântica podem receber o nome de “intromissões sinonímicas”, embora nem sempre a relação semântica estabelecida entre a palavra-alvo e a palavra-fonte seja de sinonímia, pois ocorrem trocas envolvendo antônimos e palavras que pertencem ao mesmo campo semântico também.

pragmática tinham erro, enquanto a performance dos níveis baixos foi apropriadamente impecável”²⁰ (cf. STEMBERGER, 1993, p. 55).

Na categoria (C), os erros são classificados pela sua fonte. Segundo Stemberger (1993, p. 54), a fonte é “qualquer coisa no contexto linguístico ou no ambiente não linguístico que contribui com um elemento linguístico diferente do alvo no erro”²¹. Ou seja, a fonte é o elemento que gera interferência no lapso, mudando o alvo. Se a fonte do erro aparece no enunciado do falante, tal como um fonema que influencia o fonema seguinte, temos um lapso contextual. Um exemplo desse tipo está em (9), pois *Louis* [luəs] é produzido como *Jouis* [dʒuəs] pela antecipação do fonema [dʒ] de *John*. Já, se o elemento que causa o erro está externo ao próprio enunciado, temos um lapso ambiental²², como em (10). Nesse caso, a manifestação de *professor* em *retroprofessor* na frase ocorreu por causa de uma interferência contextual. Segundo descreve Iliovitz (2001), o falante está andando e conversando com um colega quando viu um adesivo colado num carro. O adesivo diz "sem professor esse país não anda", o que interferiu na produção da sentença. Por fim, os lapsos sem fonte são aqueles em que não há uma fonte aparente, como no caso das substituições de palavras. No dado em (11), a troca de *cavanhaque* por *conhaque* não parece motivada por outros elementos do próprio enunciado, e nem externos.

- | | | | |
|------|----------------------------|---|------------------------------|
| (9) | In St. Jouis John said | ← | In St. Louis John said |
| | | | (cf. FROMKIN, 1973, p. 222) |
| (10) | Vou pedir o retroprofessor | ← | Vou pedir o retroprojeto |
| | | | (cf. ILIOVITZ, 2001, p. 56) |
| (11) | Ele está de conhaque | ← | Ele está de cavanhaque |
| | | | (cf. ILIOVITZ, 2001, p. 130) |

Nos termos usados por Iliovitz (2001; 2007), os lapsos contextuais também podem ser chamados de sintagmáticos, pois a relação entre o alvo e a fonte se estabelece

²⁰ Tradução nossa, no original: “It is difficult to know whether the semantics and pragmatics were well-formed, but an error was made at a lower level, or if the semantics and pragmatics were in error, with appropriate flawless performance at lower levels.” (cf. STEMBERGER, 1993, p. 55).

²¹ Tradução nossa, no original: “The source is anything in the linguistic context or nonlinguistic environment that contributed whatever nontarget linguistic elements are found in the error” (cf. STEMBERGER, 1993, p. 54).

²² A fonte externa pode corresponder a coisas que o falante esteja ouvindo, lendo ou observando. Ou, ainda, pode vir de pensamentos não vocalizados, conforme propôs Freud (1958) (cf. STEMBERGER, 1993, p. 55).

por combinação, no eixo do sintagma. Por outro lado, os lapsos sem fonte, ou não contextuais, também são chamados de paradigmáticos, porque a relação entre os elementos é feita associativamente, pela escolha de um item em detrimento de outros, ou seja, no eixo do paradigma.

A categoria (D), por sua vez, refere-se à direcionalidade dos lapsos contextuais. Devido ao registro linear da fala, é possível que a fonte ocorra antes ou depois do erro, gerando preservação ou antecipação de um elemento, respectivamente. Os exemplos de Fromkin (1973, p. 17) estão em (12), em que a antecipação da nasalidade presente no fonema /m/ (de *musician*) faz com que o alvo /d/ (no nome *Dick*) seja realizado como /n/, e em (13), em que o fonema /w/, do nome *Zwicky* (a fonte), é preservado em *skinny* (o alvo).

- (12) Nick Carter is a musician ← Dick Carter is a musician
 (13) Zwicky is getting skwinny ← Zwicky is getting skinny

A categoria de antecipação/preservação no Quadro 1 engloba aqueles erros em que há uma possível fonte para o erro tanto antes, quanto depois dele, sendo, portanto, impossível determinar com clareza qual dos elementos de fato influenciou o desvio. Esse tipo de lapso pode ser exemplificado pelos trava-línguas. Assim, em “três pratos de trigo para três tigres tristes”, se *tigre* for produzido como [tʃrigrɪ], não sabemos se o encontro consonantal inesperado na primeira sílaba aconteceu pela antecipação ou pela preservação de *três* ou de *tristes*.

Já os lapsos considerados como incompletos são aqueles em que o falante detecta o erro através do auto monitoramento e não chega a completá-lo, de maneira que não é possível determinar se o erro seria uma antecipação ou uma troca. Para ilustrar, vamos usar um exemplo inventado. Suponhamos que um falante querendo dizer *preparativos do casamento* tenha dito *preparamentos do (...)* sem completar o restante da frase. Nesse caso, não há como saber se o erro seria de antecipação do sufixo, *preparamentos do casamento*, ou de troca *preparamentos do casativo*.

A quinta categoria de direcionalidade corresponde aos lapsos complexos, que ocorrem quando há dois ou mais erros correlacionados no enunciado. Os tipos mais comuns de lapsos complexos são as trocas e as mudanças. Nas trocas, os elementos são revertidos, como ocorre em (14) com as palavras *sore* e *throat* (cf. FROMKIN, 1973, p.

30), enquanto nas mudanças, um elemento sofre antecipação e desaparece do seu local original na sentença-alvo. Em (15), *this* é antecipado, mas apagado da sua posição.

- (14) My sore is throat ← My throat is sore.
 (15) How much do you want this for ← How much do you want for this?

Lapsos complexos menos comuns são: série, cadeia, borrão e *bumper-car*. Um erro de série ocorre quando um elemento é antecipado ou preservado em várias palavras (*big bed bat* por *big red cat*). Um lapso de cadeia acontece quando um elemento A substitui o elemento B, e o elemento B substitui o elemento C (*big bed rat* por *big red cat*). No erro do tipo borrão, um elemento desaparece de sua posição e substitui um item próximo, sendo semelhante aos lapsos de mudança. Por fim, em erros do tipo *bumper-cars* temos uma substituição não contextual do alvo A, e, então, o alvo A é antecipado ou preservado para substituir o alvo B. No lapso em (16), destacamos um exemplo de um lapso do tipo *bumper-car*, pois, a substituição paradigmática de *calcinha* por *cueca*, ocasionada por semelhança semântica, desencadeia a antecipação de *calcinha*, que toma a posição de *café* na sentença.

- (16) ‘Tô coando calcinha na cueca’ ← Tô coando café na calcinha

A categoria (E) remete às unidades linguísticas que foram afetadas pelos erros. Por exemplo, um erro no nível morfológico pode afetar sufixos, como em (3), repetido em (17), ou pode afetar as raízes, como em (18), abaixo. Nesse caso, é claro que a troca não acometeu uma palavra inteira, pois houve o encalhamento do sufixo flexional *-s*, de terceira pessoa do singular, no presente. Um dado que afeta uma regularização corresponderia a um processo semelhante ao que vemos em (19) com a regularização do verbo *bit* em inglês que não recebe morfologia flexional de passado regular, *-ed*.

- (17) bloodent studies ← bloody students
 (18) It waits to pay ← It pays to wait
 (19) The labrador bited the cat ← The labrador bit the cat

(cf. REEVES *et al*, 1998 *apud* NOBREGA, 2010)

Finalmente, Stemberger (1993) assume que podem existir outros tipos de lapsos complexos não classificados por ele, por isso o autor inclui a categoria *neologismos* em (D), para tipos de lapsos ainda não descritos. Segundo o autor, os critérios usados para a elaboração de sua classificação se baseiam em uma abordagem neutra, isto é, que não categoriza os dados segundo uma teoria de processamento. Para ele, uma classificação neutra seria vantajosa, pois permitiria que pesquisadores usando teorias diversas utilizassem o mesmo sistema de classificação. Além disso, um sistema de classificação neutro não estaria susceptível a mudanças na teoria.

Uma segunda abordagem seria desenvolver um sistema de classificação teoricamente neutro em que a classificação do erro seria baseada em características superficiais. Pesquisadores usando diferentes modelos de produção linguística poderiam usar o mesmo sistema classificatório, mas assumir diferentes mecanismos subjacentes a um determinado tipo de erro. (cf. STEMBERGER, 1993, p. 53)²³

Ou seja, ao optar por um sistema de classificação neutro, Stemberger (1993) não leva em conta questões relativas ao processamento linguístico e à maneira como ocorrem os lapsos. Dessa maneira, porém, a classificação torna-se meramente descritiva, e só auxilia a observação ampla e genérica dos lapsos, pois se baseia na sua avaliação em relação à sentença-alvo. Ainda assim, “a descrição exata de um erro só é possível dentro do contexto de uma teoria particular” (cf. STEMBERGUER, 1993, p. 53). Isso se aplica, por exemplo, em relação ao dado em (20), registrado por Iliovitz (2001).

(20) A conta foi gastronômica ← A conta foi astronômica

Nesse caso, o erro de *gastronômica* por *astronômica* poderia ser interpretado como um lapso puramente fonológico, pela adição do fonema /g/. Por outro lado, também é válida a interpretação de que trata-se de uma substituição lexical, sendo a fonte ambiental, pois o falante estava em um restaurante. Portanto, apesar da adoção de um sistema de classificação neutro, a análise dada para lapsos ambíguos como esse depende, em última instância, da perspectiva teórica adotada pelo pesquisador.

²³ Tradução nossa, no original: “A second approach would be to develop a theory-neutral classification system. An error’s classification would be based on surface characteristics. Researchers using different models of language production could use the same classification system, but might assume different mechanisms underlying a particular type of error.” (cf. STEMBERGER, 1993, p. 53)

Desse modo, devido à dificuldade de criar um sistema de classificação que acomode teorias de processamento diversas, não se estabeleceu uma classificação universal para os dados²⁴. Nesse caso, cabe ao pesquisador adequar o sistema de classificação ao seu conjunto de dados e aos pressupostos da teoria adotada considerando sua proposta de análise. Para sanar essa dificuldade metodológica, optamos por elaborar um sistema de classificação dos lapsos de fala morfológicos do PB que refletisse a estrutura do processamento linguístico, baseando-nos no modelo de Pfau (2009). Com isso pretendemos apresentar uma classificação dos dados que não seja puramente descritiva, mas que também considere, a partir de um ponto de vista teórico, como foi o processo de produção dos tipos de lapsos em questão e em que momento do processamento a falha ocorreu. A classificação será detalhada na seção 4.2.

1.2 Considerações finais do capítulo

Conforme vimos, os lapsos de fala são um desvio involuntário da intenção comunicativa do falante, que podem se manifestar em diversos níveis linguísticos, afetando fonemas, traços fonológicos, morfemas, raízes, palavras ou sentenças. Apresentamos também a classificação de lapsos de fala proposta por Stemberguer (1993) que utiliza propriedades como: tipo de lapso, nível linguístico, fonte, direcionalidade e unidade linguística para categorizar os erros. No entanto, demonstramos que essa classificação não é suficiente, pois ela é apenas descritiva e não dá conta de explicar os lapsos de fala em termos de sua produção. A nossa proposta de classificação, construída levando em conta os dados de lapsos do PB, será apresentada no capítulo 4.

²⁴ Para outras classificações ver Pfau (2009) e Boomer e Laver (1973).

Capítulo 2

Fundamentação teórica: pressupostos da Morfologia Distribuída e do Programa Minimalista

Neste capítulo, iremos apresentar o modelo teórico da Morfologia Distribuída, bem como a proposta do Programa Minimalista.

A MD²⁵ compõe, juntamente com o modelo de processamento de Levelt (1989), a estrutura do modelo de processamento de produção linguística de Pfau (2009) (cf. seção 3.2), o qual servirá de base para a análise do nosso conjunto de dados. Em seu modelo, Pfau (2009) advoga por um sistema em que a gramática seja o processador linguístico, integrando os pressupostos teóricos da MD (sintaxe por toda a derivação, inserção tardia e subespecificação) com a estrutura do modelo não interativo de processamento de Levelt (1989) (cf. seção 3.1). Por sua vez, os mecanismos de computação sintática do PM²⁶, bem como a estrutura da Faculdade da Linguagem (doravante, FL) proposta nesse modelo, integram o modelo PMP de Rodrigues (2006) (cf. seção 3.3), em que se propõe que a computação da concordância sintática é feita na

²⁵ Retomamos, a partir daqui, a sigla MD, definida anteriormente para Morfologia Distribuída.

²⁶ Retomamos, a partir daqui, a sigla PM, definida anteriormente para Programa Minimalista.

gramática nos moldes do PM, por meio da valoração de traços. Nesse sentido, no modelo PMP, a gramática irá atuar segundo as operações postuladas no PM. Faz-se, portanto, necessário revisitar a concepção de gramática e algumas das propriedades da MD e do PM, para, no próximo capítulo, compreendermos o funcionamento dos sistemas de Pfau (2009) e de Rodrigues (2006), bem como a análise que eles fornecem para os lapsos de fala morfológicos e para os lapsos de concordância do PB, respectivamente.

Organizamos o capítulo da seguinte maneira: na seção 2.1 apresentaremos o modelo da MD, começando pela contraposição, na seção 2.1.1, de duas visões de gramática, a lexicalista e a não lexicalista. Na seção 2.1.2, apresentaremos a configuração da arquitetura da gramática para a MD e, finalizaremos, na seção 2.1.3, com a eliciação dos pressupostos teóricos do modelo. Na sequência, apresentaremos o PM, na seção 2.2. Introduziremos esse modelo através da arquitetura da gramática proposta pelo PM, na seção 2.2.1, e das operações sintáticas que atuam na derivação das estruturas, na seção 2.2.2.

2.1. Morfologia Distribuída

A proposta da MD se formaliza, pela primeira vez, no texto *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection* de Morris Halle e Alec Marantz, publicado em 1993, e insere-se dentro do quadro teórico da gramática gerativa. No entanto, ao contrário de outras versões do modelo que concebem uma arquitetura da gramática dotada de dois componentes, a Sintaxe e o Léxico (cf. CHOMSKY, 1995), a MD prevê a eliminação do léxico enquanto componente gerativo, fazendo com que a sintaxe seja responsável por formar tanto palavras, quanto sentenças. Desse modo, a MD propõe uma reformulação para a estrutura da FL tradicionalmente proposta por modelos gerativos anteriores, pulverizando as informações, antes atribuídas ao léxico, em três listas dispostas ao longo da arquitetura da gramática, como dissemos acima. Além disso, o modelo estabelece alguns pressupostos teóricos que governam a derivação, conforme discutiremos nas seções adiante.

2.1.1 Lexicalismo vs. não lexicalismo

Pensando em modelos de arquitetura da gramática que deem conta dos processos de formação de palavras, podemos comparar brevemente duas propostas mais gerais: uma que se fundamente em uma visão lexicalista da gramática e uma outra que assume um viés não lexicalista dessa mesma gramática.

Para o lexicalismo, as palavras são compostas em um componente lexical gerativo, o léxico, que constitui fonte para a sintaxe, que trabalha apenas com palavras internamente complexas. Nessa visão, portanto, a gramática é composta por dois componentes gerativos: o léxico, que forma palavras por meio das regras de formação de palavras, e a sintaxe, que gera sentenças a partir de operações sintáticas.

Já uma proposta não lexicalista, em particular a proposta da MD, assume que o único componente gerativo da gramática é a sintaxe, sendo ela a responsável pela formação tanto de palavras quanto de sentenças. Ou seja, a MD não concebe a existência de um componente ou de regras exclusivas para a formação de palavras, assumindo, portanto, que todos os objetos complexos, de natureza morfológica ou sintática, são gerados por meio das mesmas operações computacionais (cf. *concatenar* (*merge*) e *mover* (*move*)). Nesses termos, essa proposta teórica exclui a função do léxico enquanto um componente gerativo na gramática, conforme era compreendido dentro da visão lexicalista.

Como aponta Scher (2015), em uma breve comparação entre os dois modelos:

Assim, há os que defendem um modelo *lexicalista* de formação de palavras, partindo do pressuposto de que as palavras se formam por meio de um conjunto de regras lexicais, independentes e diferentes das regras sintáticas da gramática, assumindo, explicitamente, que o processo de formação de palavras **não** se dá por meio de transformações sintáticas. Para esses, então, a arquitetura da gramática deverá dispor de componentes distintos que se ocupem, por um lado, da formação de palavras, o *Léxico*, e, por outro, da formação de sentenças, a *Sintaxe*. No outro lado da moeda, há os que assumem exatamente o contrário, ou seja, os que pensam que morfologia é sintaxe, e que as mesmas regras que formam sentenças se ocuparão da formação de palavras. Essa forma de pensar tem a consequência imediata e desejável de reduzir a parafernália necessária para compor a arquitetura da gramática, já que um único componente, a *Sintaxe*, poderá dar conta da formação de palavras e sentenças. (cf. SCHER, 2015, p. 1-2)

Desse modo, ao postular que a sintaxe também é responsável pela formação de palavras, a MD assume que morfologia é sintaxe, pois os mesmos princípios que regem a estrutura das palavras também regem as estruturas sintáticas. Para propostas lexicalistas, por outro lado, a interface entre morfologia e sintaxe é opaca ou indireta,

pois há uma clara distinção entre a composição de palavras, feita no léxico, e a composição dos objetos sintáticos (cf. EMBICK; NOYER, 2007).

A eliminação do componente lexical gerativo também traz outra distinção entre MD e os demais modelos, uma vez que a noção de palavra deixa de ser central e passa a ser entendida como um epifenômeno. Isto é, para a MD, a palavra não é objeto derivacional privilegiado, uma vez que todos os objetos complexos, sejam eles palavras, sintagmas ou sentenças, são tratados como o resultado de operações sintáticas (cf. EMBICK; NOYER, 2007). Da mesma maneira, “porque não há Léxico na MD, o termo item lexical não tem significado na teoria, e não se pode dizer que alguma coisa ‘acontece no léxico’, tanto quanto não se pode dizer que alguma coisa é ‘lexical’ ou ‘lexicalizada’”²⁷ (cf. HARLEY; NOYER, 1999, p. 3). Porém, ao abandonar a concepção de léxico adotada tradicionalmente, a MD precisa reformular a estrutura da gramática em que se fundamenta, distribuindo, em seus componentes, informações de natureza morfossintática, fonológica e semântica, que, em modelos lexicalistas, caracterizam os itens lexicais. Na seção que vem a seguir, portanto, veremos como esse modelo organiza essas informações em três listas distribuídas pelos módulos da gramática.

2.1.2 As listas e a arquitetura da gramática para a Morfologia Distribuída

A grande novidade proposta pela MD está na pulverização do conteúdo do léxico em três listas que estão distribuídas ao longo dos componentes da gramática. As listas, portanto, carregam as informações morfossintáticas, semânticas e fonológicas que antes estavam armazenadas no componente lexical. No entanto, elas não apresentam caráter computacional, isto é, elas não podem operar em termos formais com essas unidades. Reiteramos que, para a MD, a sintaxe é o único componente gerativo na gramática, formando tanto palavras quanto sentenças. Na Figura 1, seguindo a proposta de Marantz (1997), podemos ver como se organiza a estrutura da gramática segundo a MD.

²⁷ Tradução nossa, no original: “Because there is no Lexicon in DM, the term lexical item has no significance in the theory, nor can anything be said to ‘happen in the Lexicon’, nor can anything be said to be ‘lexical’ or ‘lexicalized’” (cf. HARLEY; NOYER, 1999, p. 3).

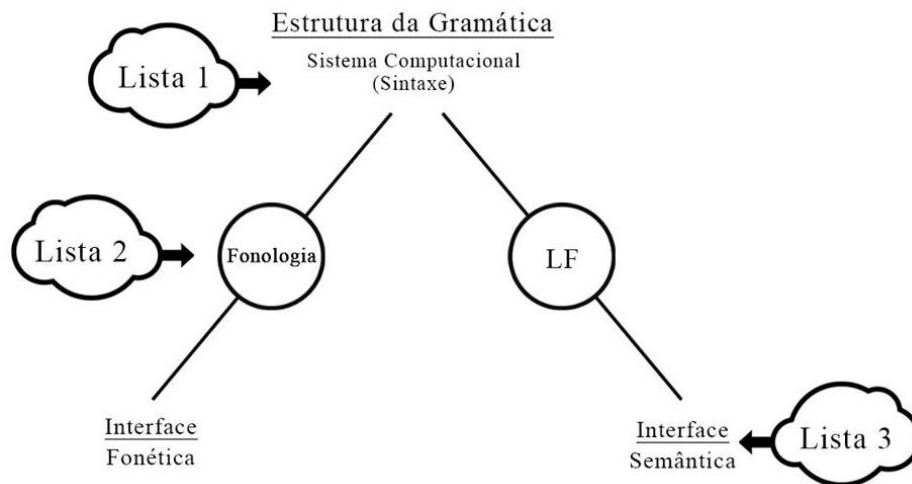


Figura 1 Estrutura da gramática segundo a MD (adaptado de MARANTZ, 1997, p. 204).

Para a MD, a derivação de uma palavra ou sentença começará a partir do sistema computacional, ou seja, pelo componente sintático. A sintaxe irá operar com o material fornecido pela Lista 1 através de *concatenar* (*merge*) e de *mover* (*move*). Também chamada de Léxico Reduzido, a lista 1 contém os primitivos sintáticos, raízes (morfemas lexicais) e morfemas abstratos, que servirão de unidades para a sintaxe. Os morfemas abstratos são feixes de traços gramaticais desprovidos de conteúdo fonológico (são como [sg], [pl], [1], [2], [3], [pres], [pass], [perf], entre outros) e categorizadores *n*, *v* ou *a*. Cada língua irá selecionar, a partir de um inventário universal de traços, aqueles com os quais irá operar. As raízes²⁸, por sua vez, são destituídas de traços gramaticais morfossintáticos, mas contêm traços fonológicos associados a traços diacríticos não fonológicos. Como não contêm traços gramaticais, as raízes são originalmente acategoriais, mas devem sempre aparecer categorizadas na sintaxe pela relação local com um núcleo funcional categorizador. Por fim, ao contrário dos traços gramaticais, que são universais, as raízes são combinações de som e significado particulares de cada língua e constituem uma classe aberta, isto é, novas raízes podem ser adicionadas à lista 1 de um falante a qualquer hora. Na Figura 2, ilustramos o processo de categorização de uma raiz através da derivação da palavra *conversacional*²⁹. Essa derivação começa a partir da concatenação da raiz $\sqrt{\text{CONVERS}}$ com o categorizador nominal (*n*), dando origem ao nome *conversa*. A estrutura é, então, recategorizada pelo categorizador verbal (*v*), derivando a estrutura do verbo *conversar*.

²⁸ Conforme a definição assumida em Embick e Noyer (2007).

²⁹ Este exemplo de derivação aparece em Scher (2015) e também na página do GREMD – Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída da USP em <http://gremd.fflch.usp.br/node/8>.

Sucessivamente, a concatenação do categorizador *n* deriva o nome *conversação* e, por fim, o categorizador adjetival (*a*) deriva a estrutura da palavra *conversacional*.

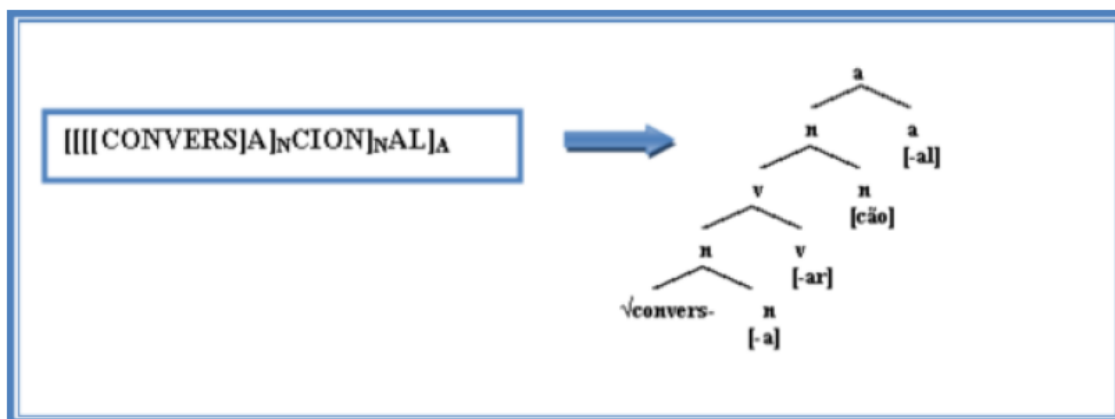


Figura 2 Derivação de conversacional (cf. SCHER, 2015, p. 4)

Dessa maneira, ao final da derivação sintática teremos nós terminais carregando as raízes categorizadas e um conjunto de traços gramaticais que estarão disponíveis para a inserção de vocabulário.

Quando a sintaxe termina de operar, a expressão gerada seguirá para dois módulos da gramática simultaneamente: para a forma lógica (doravante, LF³⁰), onde receberá interpretação semântica e para a forma fonológica (doravante, PF³¹), onde ganhará conteúdo fonológico. No caminho entre a sintaxe e PF, a formação passará por pela estrutura morfológica (doravante, MS³²) onde estará sujeita a operações morfológicas que poderão inserir morfemas, empobrecer traços, fissionar ou fundir nós sintáticos em determinados contextos. Essas operações são processadas de maneira a adequar os nós terminais aos expoentes fonológicos disponíveis na língua, e, também, de modo a satisfazer condições particulares de cada língua. Por exemplo, as relações de concordância entre o sujeito e o verbo, por um lado, e dentro de um DP, por outro lado, se estabelecem em MS. No caso da concordância verbal, um morfema de concordância se adjunge ao nó T em MS e os traços do sujeito são copiados para esse morfema. O mesmo ocorre com morfemas de Caso e número, que se associam, em MS, aos nós de adjetivo e determinante de um DP e têm copiados em si, os traços de mesma natureza associados ao nome-núcleo do DP (cf. HALLE; MARANTZ, 1993, p. 115). Nesses casos, a estrutura sintática derivada não dispõe de núcleos de Caso e concordância, pois

³⁰ A abreviação LF corresponde ao termo em inglês *Logical Form*.

³¹ A abreviação PF corresponde ao termo em inglês *Phonological Form*.

³² A abreviação MS corresponde ao termo em inglês *Morphological Structure*.

tais informações não são consideradas relevantes para a sintaxe, e, portanto, devem ser interpretadas apenas no componente morfológico. Desse modo, a inserção de núcleos de Caso e número dos DPS, além do núcleo Agr da concordância verbo-sujeito, ocorre somente pós-sintaticamente, em MS, de modo a atender requisitos morfológicos não universais. Segundo Scher (2017):

Isso faz sentido na medida em que tais informações podem ser tomadas como particulares de cada língua e, por esse motivo, não precisam aparecer no componente sintático que deve ser o lugar reservado para as informações que sejam comuns entre as línguas naturais. As diferenças entre as línguas devem ser tratadas fora da sintaxe, mais particularmente, na morfologia. O modelo deve, portanto, prever um mecanismo de inserção dessas informações pós-sintaticamente. A esses mecanismos vamos dar o nome de operações morfológicas. (cf. SCHER, 2017, p. 48)

Essas operações não podem, entretanto, ser postuladas de maneira aleatória sendo que: “essas operações são restritas por condições de localidade estritamente sintáticas que requerem que constituintes interativos estejam em uma relação de regência na qual um respeite o outro ou sejam adjacentes estruturalmente”³³ (cf. HALLE; MARANTZ, 1994, p. 276). Ainda no caminho para PF, depois das operações morfológicas pós-sintáticas já terem se processado, temos a inserção de vocabulário. Nesse estágio, os nós terminais organizados pela sintaxe ganharão uma forma fonológica através da inserção dos itens de vocabulário. Em contraste com teorias lexicalistas, a MD postula que a inserção de fonologia na derivação, denominada inserção de vocabulário, é tardia, de modo que a sintaxe não tenha de ser sobrecarregada com traços fonológicos, os quais não são relevantes para a derivação sintática.

É a Lista 2, ou Vocabulário, que fornece o conteúdo fonológico para os nós terminais, isto é, é ela que contém os itens de vocabulário (IVs), elementos que funcionam como regras que regulam a conexão entre as informações morfossintáticas resultantes da derivação e os traços fonológicos. Durante a inserção de vocabulário, os IVs irão competir entre si para determinar qual deles irá ocupar um determinado nó sintático. De acordo com os traços para os quais são especificados, ganhará aquele IV que for mais compatível com o nó sintático que deve ser preenchido, ou seja, que for especificado com mais traços coincidentes com os traços do nó terminal. Segundo a propriedade de subespecificação, o IV não poderá ser especificado com nenhum traço

³³ Tradução nossa, no original: “These operations are constrained by strict syntactic locality conditions that require that interacting constituents stand in a government relation with respect to each other or be structurally adjacent” (cf. HALLE; MARANTZ, 1994, p. 276).

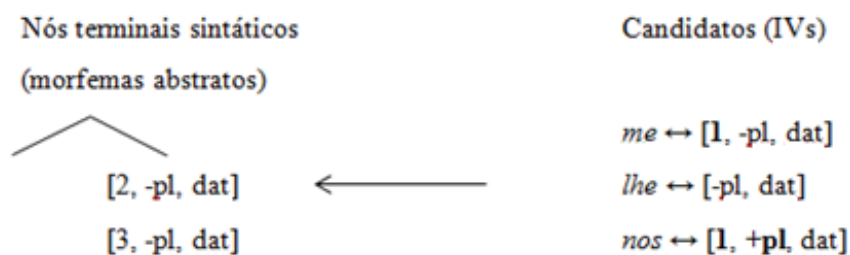
incompatível com os traços do nó terminal, mas não precisará estar especificado para todos eles.

Para exemplificar, vamos considerar a inserção de vocabulário para os contextos de clíticos dativos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular, além do contexto de primeira pessoa do plural. A realização fonológica desses contextos sintáticos se fará pelas formas *me*, *lhe* e *nos*³⁴ em português, PB, mais especificamente. Nessa língua, o clítico dativo *me* denota a 1ª pessoa singular, logo é compatível com posições sintáticas que exibem o seguinte conjunto de traços morfossintáticos: [1, -pl, dat]. O clítico dativo *nos*, por sua vez, denota 1ª pessoa plural e é compatível com posições sintáticas com o conjunto de traços morfossintáticos [1, +pl, dat]. Por fim, o clítico *lhe* denota tanto 2ª pessoa do singular quanto 3ª pessoa do singular. Trata-se de um caso de *sincretismo* já que ele pode ser compatível tanto com posições sintáticas que exibem os traços [2, -pl, dat], quanto com posições sintáticas que exibem os traços [3, -pl, dat].

Para caracterizar cada uma dessas formas de clíticos dativos, podemos, tranquilamente, sugerir que *me* se caracteriza pelos traços [1, -pl, dat] e que *nos* se caracteriza pelos traços [1, +pl, dat]. No entanto, se dissermos que *lhe* se caracteriza pelos traços [2, -pl, dat], não poderemos explicar sua ocorrência em contextos de terceira pessoa. Paralelamente, se dissermos que *lhe* se caracteriza pelos traços [3, -pl, dat], não poderemos explicar sua ocorrência em contextos de segunda pessoa. Isso sugere que, apesar de esperado nesses contextos sintáticos, segundo o princípio de subespecificação da MD, o IV *lhe* não precisa estar especificado para os traços de pessoa. Em outras palavras, enquanto *me* e *nos* são especificados para o traço de pessoa, porque só entram em contexto sintático de primeira pessoa, o IV correspondente a *lhe* é subespecificado para esse traço, o que permite que ele seja realizado em contextos de segunda e de terceira pessoa. Em princípio, por ser subespecificado, *lhe* também seria um bom candidato para preencher um nó terminal em contexto de primeira pessoa. No entanto, o que barra a realização desse IV em tal contexto é a existência de outros IVs mais especificados para essa posição em PB, tais como *me* e *nos*.

³⁴ As três formas clíticas exemplificadas podem ocorrer tanto em posição de acusativo, como de dativo em PB. Em nossos exemplos, retirados de Bassani (2013), abordaremos apenas as formas dativas.

(21) Exemplo de competição para inserção de IVs



(cf. BASSANI, 2013, p. 18)

Dessa maneira, em ambos os nós terminais de (21), o IV que ganharia a competição para a inserção fonológica seria *lhe*, uma vez que os IV *me* e *nos* apresentam traços conflitantes (marcados em negrito em (21)) com os traços do nó terminal e, por isso, se tornam inelegíveis.

Após a inserção de vocabulário, as expressões linguísticas ainda estão sujeitas a ajustes fonológicos realizados por regras de reajustes determinadas para cada língua. Na Figura 3, adaptada de Halle e Marantz (1994, p. 277), vemos como estão estruturados os estágios entre o componente sintático e PF. O caminho indica os processos pós-sintáticos que destacamos acima: em MS (*Morfologia*, na figura), acontecem as operações morfológicas (adição de morfemas, *merge*, fusão, fissão e empobrecimento), seguidas da inserção de vocabulário, e, no último estágio antes de PF, ocorrem as regras de reajuste fonológico.



Figura 3 Caminho entre a derivação sintática e PF (adaptado de HALLE; MARANTZ, 1994, p. 277)

Do outro lado, no caminho entre a sintaxe e LF, temos a interação entre a expressão linguística gerada e a Lista 3 (cf. esquema da Figura 1). A lista 3, ou Enciclopédia, portanto, relaciona-se com o conteúdo semântico especial atribuído a raízes em certos contextos, e licenciados sintaticamente por questões de localidade (cf. MARANTZ, 1997). Nesse sentido, a lista 3 comporta os significados das expressões idiomáticas³⁵ de uma língua.

2.1.3 Propriedades centrais da morfologia distribuída

Como já discutimos nas seções anteriores, por adotar uma perspectiva não lexicalista, a MD precisa distribuir as informações que antes estavam armazenadas no componente lexical nas três listas da arquitetura da gramática, e o processo gerativo de formação de palavras, que antes era atribuído ao léxico, deve ser feito na sintaxe – o único componente gerativo no modelo. A consequência imediata disso é que a MD propõe uma nova estrutura para essa arquitetura da gramática (cf. seção 2.1.2) que deve ser governada por três propriedades centrais: inserção tardia (*Late Insertion*), subespecificação (*Underspecification*) e sintaxe em toda a derivação (*Syntactic Hierarchical Structure All the Way Down*)³⁶.

A propriedade de *inserção tardia* é prevista, uma vez que os feixes de traços gramaticais com os quais a sintaxe irá operar são destituídos de informação fonológica. Como vimos na seção anterior, os expoentes fonológicos só serão inseridos na estrutura pós-sintaticamente, através de um mapeamento entre IVs e os nós terminais gerados pelas operações sintáticas relevantes. Essa propriedade garante que a sintaxe opere apenas com raízes e itens funcionais abstratos que sejam interpretados pelo componente sintático.

O mapeamento entre os IVs e os nós terminais ocorre por meio de uma competição entre os IVs disponíveis na língua. Essa competição é regida pelo *princípio do subconjunto*, de acordo com o qual, o IV escolhido deve ser compatível com todos ou com um subconjunto dos traços especificados para aquele nó sintático (cf. HALLE,

³⁵ Para Harley e Noyer (1999, p. 4), o termo expressão idiomática (*idiom*, em inglês) é usado para remeter a qualquer expressão (palavras ou subpartes de palavras) cujo significado não é totalmente previsível a partir da sua descrição morfosintática estrutural. Logo, no contexto sintático dado pela expressão *bater as botas*, a expressão deverá ser interpretada como morrer no acesso à lista 3.

³⁶ Para formular a descrição das propriedades centrais da MD, nos baseamos em Halle e Marantz (1994) e Harley e Noyer (1999).

1997). Como vimos em (21), para os clíticos dativos do PB, os expoentes fonológicos não precisam ser totalmente especificados para os traços da posição em que serão inseridos. Chamamos essa propriedade de subespecificação dos IVs.

Por fim, a última propriedade é *sintaxe por toda a derivação*. Como já ressaltamos, a sintaxe é o único componente gerativo dentro do modelo da MD, sendo responsável por gerar tanto palavras, quanto sentenças. Desse modo, essa propriedade acarreta que a formação de palavras é feita através de uma estrutura hierárquica gerada a partir de operações e princípios sintáticos.

No próximo capítulo (cf. seção 3.2), veremos como Pfau (2009) integra a estrutura da gramática proposta pela MD ao sistema de processamento de Levelt (1989) para propor uma análise para os lapsos de fala.

2.2 O Programa Minimalista

O PM, proposto por Chomsky (cf. CHOMSKY, 1993, 1995, 1999), fundamenta-se como um programa de pesquisa inserido no quadro teórico da gramática gerativa. Nesse sentido, o PM constitui-se como uma proposta de reformulação de modelos anteriores desse mesmo quadro, cujo objetivo primeiro é reduzir o aparato formal utilizado de modo a minimizá-lo e otimizá-lo. No livro *The Minimalist Program*, Chomsky (1995) revê o modelo de Teoria de Regência e Ligação (cf. CHOMSKY, 1981, 1986) para reestruturar a gramática considerando os ganhos e os problemas apresentados pela teoria. Dessa forma, o PM pressupõe que o sistema computacional é construído apenas com o indispensável, eliminando aparatos formais e operações que sejam complexas e que não façam interface com outros sistemas cognitivos humanos.

Mais concretamente, creio que a busca por princípios e operações simples sugere um projeto minimalista interessante: a construção de modelos gramaticais baseados em um inventário mínimo de operações e princípios que são tanto evolutiva, quanto neurologicamente plausíveis e a partir dos quais as propriedades básicas das gramáticas das línguas naturais podem ser qualitativamente derivadas. [...] Isso sugere que a Faculdade da Linguagem é o produto de uma ou (no máximo) duas inovações evolutivas que, quando combinadas com outros recursos cognitivos disponíveis antes das mudanças que deram origem a língua integram a Faculdade da Linguagem.³⁷ (cf. HORSTEIN, 2009, p. 4)

³⁷ Tradução nossa, no original: “More concretely, I believe that the search for simple operations and principles suggests an interesting minimalist project: the construction of grammatical models based on a small inventory of operations and principles that are at once evolutionary and neurologically plausible and from which the basic properties of natural language grammars can be qualitatively derived. [...] It

Nesse sentido, o PM deve apresentar uma arquitetura perfeita, com *design* ótimo. Isto é, por perfeita, entendemos que a gramática, além de respeitar o princípio de economia das línguas naturais, deve ser capaz de satisfazer condições de legibilidade dos sistemas cognitivos com os quais ela se integra. Assim, no PM, as representações sintáticas devem ser conceitualmente motivadas de maneira a garantir a legibilidade e a acessibilidade da informação por outros módulos da mente. Ou seja, nessa perspectiva, a gramática só contém os mecanismos necessários para construir de forma ótima, com o mínimo custo computacional possível, estruturas interpretáveis pelos sistemas de interface.

A faculdade da linguagem tem que interagir com esses sistemas, senão ela não tem finalidade. Então podemos perguntar: ela é bem projetada para a interação com esses sistemas? Assim se obtém um conjunto de condições diferentes. E, de fato, a única condição que emerge claramente é a de que, dado que a linguagem é essencialmente um sistema de informação, a informação que ela armazena precisa estar acessível a esses sistemas, essa é a única condição. Pode-se perguntar, então, se a linguagem foi bem projetada para satisfazer essa condição de acessibilidade pelos sistemas nos quais ela se encaixa.³⁸ (cf. CHOMSKY, 2002, p. 108)

Para atender a essa assunção, houve uma reformulação da concepção de níveis de representação da gramática conforme eram assumidos pela Teoria de Regência e Ligação, de modo a excluir os níveis internos à gramática (nomeadamente Estrutura Superficial e Estrutura Profunda), mantendo-se apenas os níveis de interface, cuja existência é independentemente motivada, conforme veremos na seção a seguir.

2.2.1 A faculdade da linguagem e a arquitetura da gramática para o Programa Minimalista

Para o PM, a concepção de Faculdade da Linguagem é entendida de duas maneiras: a FL³⁹ no sentido amplo (doravante, FLB) e a FL no sentido estrito

suggests the following picture: FL is the product of (at most) one (or two) evolutionary innovations which, when combined with the cognitive resources available before the changes that led to language, delivers FL.” (cf. HORSTEIN, 2009, p. 4)

³⁸ Tradução nossa, no original: “The language faculty has to interact with those systems, otherwise it’s not usable at all. So, we may ask: is it well designed for the interaction with those systems? Then you get a different set of conditions. And in fact the only condition that emerges clearly is that, given that the language is essentially an information system, the information it stores must be accessible to those systems, that’s the only condition. We can ask whether language is well designed to meet the condition of accessibility to the systems in which it is embedded.” (cf. CHOMSKY, 2002, p. 108)

³⁹ Retomamos, a partir daqui, a sigla FL, definida anteriormente para Faculdade da Linguagem.

(doravante, FLN)⁴⁰ (cf. HOUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002). Segundo os autores, a FLB inclui um Sistema Computacional e mais, pelo menos, outros dois sistemas: o sistema sensorio-motor, responsável pela percepção e produção de informações fonéticas, e o sistema conceitual-intencional, interessado nas relações semânticas. FLN, por sua vez, não é isolada de FLB, mas é parte dela. FLN, portanto, corresponde ao sistema computacional (sintaxe estrita), e funciona independentemente de outros sistemas cognitivos, pois processa informações exclusivamente linguísticas a fim de gerar representações sintáticas legíveis pelos outros sistemas cognitivos por meio dos níveis de interface. Assume-se que a principal propriedade de FLN é a recursividade (atribuída à sintaxe estrita nesse modelo). Assim, FLN é capaz de produzir infinitos conjuntos de expressões discretas a partir de um conjunto finito de elementos. Cada expressão discreta será passada, então, aos sistemas cognitivos que irão elaborar essa informação no uso da língua, pareando som e significado (cf. HOUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1571). Ou seja, para os autores, “o componente chave de FLN é o sistema computacional (sintaxe estrita) que gera representações internas e as mapeia na interface sensorio-motora pelo sistema fonológico, e na interface conceitual-intencional pelo sistema semântico (formal)”⁴¹ (cf. HOUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1571).

Desse modo, temos que a arquitetura da gramática para o PM deve ser constituída pelos seguintes componentes: o Léxico, o Sistema Computacional e dois níveis de interface, a saber, LF e PF.

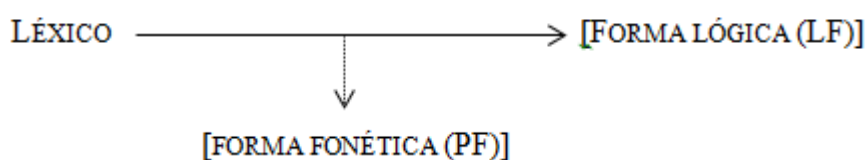


Figura 4 Arquitetura da gramática para o PM (cf. GUIMARÃES, 2015, p. 29)

Na arquitetura proposta, o Léxico é o componente responsável por armazenar os itens lexicais, que são conjuntos de traços semânticos, fonológicos e formais. O sistema

⁴⁰ As siglas FLN e FLB seguem a terminologia em inglês, correspondendo a Faculty of Language - narrow sense e Faculty of Language - broad sense respectivamente (cf. HOUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002).

⁴¹ Tradução nossa, no original: “A key component of FLN is a computational system (narrow syntax) that generates internal representations and maps them into the sensory-motor interface by the phonological system, and into the conceptual-intentional interface by the (formal) semantic system” (cf. HOUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1571).

computacional, por sua vez, irá manipular os itens lexicais que entrarem na derivação para criar objetos sintáticos de acordo com o Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation*). Segundo esse princípio, somente informações legíveis podem chegar aos níveis de interface para serem lidas pelos sistemas cognitivos. Desse modo, os traços semânticos e fonológicos serão lidos apenas nas interfaces correspondentes, o que minimiza o custo do sistema, uma vez que não sobrecarregará a computação com traços que não são relevantes para a derivação. Os traços formais, por outro lado, são aqueles relevantes para as operações sintáticas (cf. traços de gênero, número, pessoa e Caso, por exemplo), e podem ser interpretáveis ou não interpretáveis nas interfaces. No caso dos traços não interpretáveis, cabe ao sistema computacional da língua garantir a sua legibilidade através de um mecanismo de valoração de traços (cf. CHOMSKY, 1999), a ser detalhado na próxima seção.

Além do léxico e do sistema computacional, a arquitetura da gramática proposta pelo PM conta ainda com dois níveis de representação: PF, que faz interface com o sistema sensorio-motor, e LF que estabelece a interface com o sistema conceitual-intencional. Segundo Guimarães (2015, p. 29), esses dois níveis representacionais são suficientes para dar conta da conexão entre som e significado. Sabendo que uma expressão linguística é constituída, no mínimo, por essa relação, o que o PM faz é apostar que esse mínimo é o máximo que sustenta o sistema.

A partir dessa arquitetura, veremos, na próxima seção, como opera o sistema proposto pelo PM, considerando, em especial, as operações sintáticas de *concatenar* (*merge*) e *mover* (*move*), responsáveis por gerar a estrutura e o mecanismo de valoração de traços (cf. CHOMSKY, 1999). Essas noções nos serão úteis para entender a computação da concordância do modelo PMP proposto por Rodrigues (2006), o qual discutiremos adiante (cf. seção 3.3).

2.2.2 Derivação e operações sintáticas no programa minimalista

A derivação sintática para o PM começa na Numeração, com a seleção dos itens lexicais e de seus respectivos traços no léxico. A numeração é um conjunto de pares (LI, i), em que LI indica o item lexical e i o número de vezes que ele entrará na derivação (cf. CHOMSKY, 1995, p. 225), ou seja, a numeração organiza os itens selecionados em sub-arranjos que irão determinar a atuação das operações do sistema computacional,

sendo que a derivação só estará completa quando todos os itens da numeração forem utilizados, tantas vezes, quanto indicado no par (LI, i) .

No sistema computacional, os itens irão se combinar através da operação *concatenar* (*merge*). Essa operação concatena e combina dois elementos a fim de gerar um objeto sintático complexo. Ou seja, a partir de itens x e y , *concatenar* gera o sintagma $[^x xy]$, que herda o rótulo categorial de x (cf. GUIMARÃES, 2005, p. 33). Além de *concatenar*, o sistema ainda conta com a operação *mover* (*move*), que permite o deslocamento de objetos para posições mais altas na estrutura. Entretanto, no PM (cf. CHOMSKY, 1993), a operação *mover* passa a ser entendida como o resultado da interação entre as operações *copiar* (*copy*) e *mover*. Nesse sentido, assume-se que a operação *mover* realiza-se através da cópia do elemento deslocado, que será apagada no componente fonológico, mas estará disponível para interpretação em LF. Contudo, enquanto *concatenar* é implementada sem custo adicional para o sistema computacional, *mover* apresenta custo, por isso cópias só são feitas quando requeridas pelo sistema.

Além dessas operações, a imposição da interpretabilidade dos traços, requerida pelos sistemas de interface, determina o acionamento da operação *Agree* no sistema computacional. *Agree* é, portanto, motivada pelo *princípio de interpretação plena* que prediz que apenas o material que pode ser interpretado deve chegar às interfaces. Desse modo, todos os traços não interpretáveis carregados pelos itens lexicais selecionados devem ser eliminados por valoração.

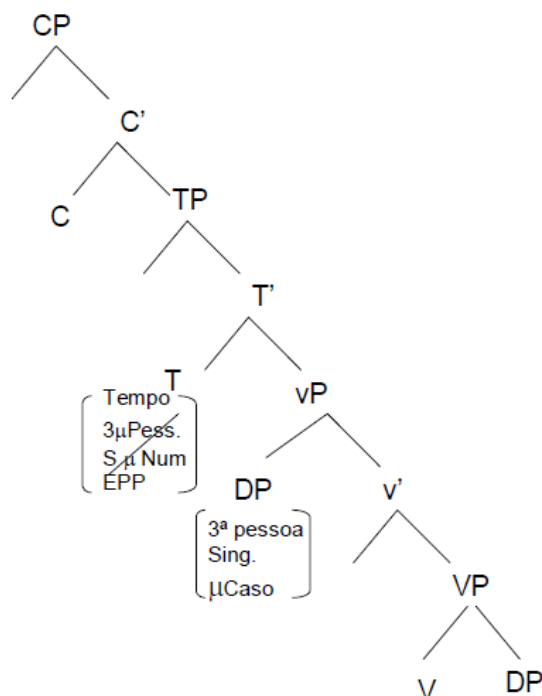
A operação *Agree* permite o pareamento dos traços de uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*), o que garante a valoração dos traços Φ não interpretáveis⁴² da sonda, em uma configuração de *c-comando*. No caso da concordância entre sujeito e verbo (cf. CHOMSKY, 1999)⁴³, por exemplo, o núcleo T é a sonda e tem seus traços valorados pelo DP sujeito, que recebe o Caso nominativo como reflexo da operação. Além de

⁴² Os traços- Φ são os traços gramaticais de gênero, número e pessoa. Quando um item lexical é selecionado da numeração, ele pode ser especificado no léxico por traços- Φ interpretáveis ou não interpretáveis. Quando os traços- Φ são interpretáveis, eles podem ser lidos pelas interfaces e já estão especificados na derivação, como, por exemplo, [sg] ou [pl] e [m] ou [f]. Quando esses traços são não interpretáveis, eles precisaram tornar-se interpretáveis na computação, de modo a tornarem-se legíveis pelas interfaces (cf. SEDRINS; SIQUEIRA, 2017, p. 39).

⁴³ Chomsky (1995), em uma proposta anterior do modelo, assume que a concordância sujeito-verbo é realizada em termos de checagem de traços. A checagem de traços se dá numa configuração estrutural de especificador-núcleo. Nesse caso, o verbo se move do núcleo do VP (sua posição inicial) para TP a fim de checar seus traços de tempo. Por conseguinte, TP precisa de um elemento com traço D em seu especificador, o que desencadeia o movimento do sujeito para Spec de TP. T, portanto, tem seu traço D checado, enquanto o sujeito tem o traço de Caso checado por T. Nessa configuração, portanto, se dá a checagem de traços interpretáveis do sujeito com os traços não interpretáveis do verbo.

Agree, o sujeito se move para especificador de T em função do traço EPP, e o verbo se move para T recebendo as informações de tempo e os traços de número e pessoa. Temos abaixo uma representação arbórea da computação da concordância através da operação *agree*:

(22) **Concordância pela teoria Minimalista (cf. RODRIGUES, 2006, p. 29)**



Por fim, a operação que permite o envio das informações geradas pelo sistema computacional para as interfaces LF e PF é chamada de *Spell-Out*. A partir da reformulação feita em Chomsky (1999), passa-se a assumir que a derivação ocorre em fases, ou seja, é realizada em “blocos”. Nesse caso, há múltiplos *spell-outs* ao longo da derivação, o que garante uma alimentação dinâmica dos níveis de interface.

Retomaremos o PM, em especial, a noção de valoração de traços na computação da concordância sujeito-verbo, na apresentação do modelo PMP proposto por Rodrigues (2006) na seção 3.3 deste trabalho.

2.3 Considerações finais do capítulo

Nesse capítulo, delineamos os pressupostos teóricos e as principais operações de dois quadros teóricos, a MD e o PM. Conforme vimos, a MD opera com três

propriedades básicas: sintaxe por toda a derivação, inserção tardia e subespecificação, sendo essas propriedades distintivas entre a MD e o PM. Dentre as diferenças, destacamos que, enquanto na MD as palavras são formadas na sintaxe, não havendo distinção entre a formação de palavras e sentenças, no PM a formação de palavras ocorre no componente lexical. Voltaremos a discutir as propriedades dos modelos no próximo capítulo, pois veremos como a MD e o PM, bem como as concepções teóricas assumidas por eles, são integrados aos modelos de processamento de produção linguística de Pfau (2009) e Rodrigues (2006) para a análise dos lapsos de fala morfológicos.

Capítulo 3

Modelos de processamento

Nesse capítulo, iremos apresentar três modelos de processamento linguístico importantes para a análise dos lapsos de fala morfológicos do PB que desenvolveremos neste trabalho. São eles as propostas de Levelt (1989), Pfau (2009) e o modelo de produção monitorado por *parser*, de Rodrigues (2006)⁴⁴. Nosso ponto de partida está na concepção, comum a esses três trabalhos, de que compreender e produzir enunciados linguísticos são atividades que envolvem processos complexos que ativam diversas habilidades cognitivas relacionadas à linguagem. Em outras palavras, para produzir ou compreender linguagem, o falante põe em jogo uma série de procedimentos mentais, a que chamamos de processamento linguístico.

A produção e a compreensão normal de fala envolvem a coordenação habilidosa de incontáveis processos. Quando um falante concebe uma intenção comunicativa, ele selecionará e ordenará informações cujas expressões devem reproduzir aquela intenção. O falante também formulará aquela informação, dando a ela uma forma linguística. Isso inclui buscar as palavras apropriadas na memória e atribuir-lhes papéis gramaticais e posições

⁴⁴ Destacamos que os modelos de Pfau (2009) e Rodrigues (2006) são modelos de processamento de produção. Por outro lado, o modelo de Levelt (1989, 1993) caracteriza-se como um modelo de processamento, pois abrange processos de produção e de compreensão de linguagem. No entanto, nosso interesse recairá sobre o subsistema envolvido nos processos de produção da linguagem, mais especificamente, iremos investigar o funcionamento do sistema no que tange à origem dos lapsos de fala. Desse modo, questões concernentes ao processamento de compreensão linguística estarão, a priori, fora do escopo deste trabalho.

sintáticas adequados. A seguir, o falante irá computar uma especificação fonética para o enunciado em desenvolvimento, e usá-la para guiar a execução articulatória que produz o discurso. O ouvinte irá, normalmente, tentar reconstruir a intenção comunicativa do falante. Ele irá realizar uma análise acústico-fonética no sinal contínuo vindo da fala para segmentá-lo em palavras e sintagmas reconhecíveis. E, ele irá interpretar essa informação em termos do contexto da interação, do motivo da troca, das pressuposições sobre a intenção do falante, etc.⁴⁵ (cf. LEVELT, 1991, p. 1)

Diversas pesquisas, em especial no campo da psicolinguística experimental, vêm tentando, com base em dados empíricos, criar modelos de processamento que deem conta de explicar como o processamento linguístico está configurado na mente humana. Desse modo, os modelos de processamento se prestam a investigar os processos de compreensão e de produção da linguagem (cf. LEITÃO, 2008). Apesar disso, esses processos atuam de modo dissociado e, por esse modelo, é possível conceber tanto modelos de processamento que investigam a produção da linguagem, quanto outros que estudam sua compreensão. Os primeiros buscam evidenciar mecanismos que garantem a expressão de uma intenção comunicativa por meio de uma forma linguística. Os últimos investigam a decomposição de uma cadeia sonora em unidades, de modo a reconstruir a intenção comunicativa do falante. Nesse sentido, temos modelos de processamento de produção ou de compreensão, que têm como objetivo explicar como esses subsistemas atuam separadamente e quais mecanismos estão envolvidos nesse processo.

O capítulo se organiza da seguinte maneira: em primeiro lugar, na seção 3.1, descreveremos o modelo de processamento de Levelt (1989), pois tanto Pfau (2009), quanto o modelo PMP⁴⁶ de Rodrigues (2006) assumem os componentes desse sistema para integrar seus modelos de processamento da produção linguística com a teoria da gramática descrita pelas propostas da MD e do PM, respectivamente. Ambos os autores partem da consideração de que há similaridades entre a gramática, segundo os pressupostos da MD e do PM, e o modelo de Levelt (1989), uma vez que ele opera em

⁴⁵ Tradução nossa, no original: “The normal language user’s production and understanding of speech involves the highly skilled coordination of myriad processes. When a speaker conceives of some communicative intention, he will select and order information whose expression may realize that intention. He will also formulate that information, i. e., give it linguistic shape. This includes retrieving the appropriate words from memory and assigning them their proper grammatical roles and syntactic positions. The speaker will further compute a phonetic specification for the developing utterance, and use it to guide the articulatory execution that produces overt speech. The addressee will normally try to reconstruct the speaker’s communicative intentions. She will perform an acoustic-phonetic analysis on the continuous speech signal in order to segment it into recognizable words and phrases. She will retrieve the syntactic properties and meanings of successive words and parse the string into meaningful phrases and sentences. And she will interpret this information in terms of the context of interaction, the purpose of the exchange, the presuppositions about the speaker’s intentions, etc.” (cf. LEVELT, 1991, p. 1)

⁴⁶ Retomamos, a partir daqui, a sigla definida anteriormente para o modelo de Produção Monitorado por Parser.

níveis de processamento não interativos. Isto é, o fluxo informacional é unidirecional e não há comunicação entre informações de naturezas distintas. Isso quer dizer que há um ordenamento linear natural no processamento das informações linguísticas que deve ser mantido, de modo que a codificação sintática preceda à fonológica e que não haja interferência entre essas operações. Seguindo essa hipótese, Pfau (2009) e Rodrigues (2006) tentam mapear seus modelos com o modelo de Levelt (1989), criando um único sistema que dê conta da produção linguística e que também preveja os possíveis lapsos gerados nas expressões linguísticas.

Após a descrição do modelo de processamento de Levelt (1989) na seção 3.1, apresentaremos, na seção 3.2, o modelo de Pfau (2009) que traz inúmeras contribuições para a presente pesquisa. Em sua análise, o autor preza por um sistema que integre o modelo de processamento de Levelt (1989) à arquitetura da gramática da MD, de modo a explicar a ocorrência dos lapsos de fala morfológicos. Dessa maneira, seu modelo nos é útil porque, além de trazer contribuições sobre a análise de lapsos morfológicos, assume a MD como a teoria da gramática.

Na seção 3.3, apresentaremos o modelo PMP proposto por Rodrigues (2006). Esse modelo foi criado com base nos lapsos de fala de concordância no PB, e foi desenvolvido sob a perspectiva do PM. Acreditamos, portanto, que ele servirá como um contraponto ao modelo de Pfau (2009), devido às semelhanças formais entre os dois modelos, mas, também, devido às diferenças identificadas entre as duas abordagens pelo viés gramatical. Ademais, a análise de Rodrigues (2006) baseia-se em dados do PB – de outra natureza, é verdade –, mas consideramos que isso pode colaborar com a investigação dos nossos próprios dados.

Por fim, na seção 3.4, trazemos algumas considerações sobre os três modelos de processamento da produção discutidos neste capítulo, visando levantar um debate sobre a sua aplicabilidade aos lapsos de fala morfológicos.

3.1 O modelo de processamento de Levelt (1989)

Nesta seção, apresentaremos a arquitetura e o funcionamento do modelo de processamento de Levelt (1989). Conforme destacamos no início do capítulo, um modelo de processamento, como o de Levelt (1989), pretende explicitar os processos envolvidos tanto na produção quanto na compreensão de expressões linguísticas. Dessa

maneira, iremos expor brevemente quais são os componentes e mecanismos envolvidos na compreensão linguística, para, então, detalharmos o processamento da produção, que nos concerne neste trabalho.

Na Figura 5, temos a representação do modelo de processamento de Levelt (1989). O processamento da produção linguística está representado no canto esquerdo da imagem, de cima para baixo, iniciando no conceitualizador e terminando no articulador e representado pelas setas vermelhas. Enquanto isso, o processamento da compreensão linguística está localizado no canto direito, de baixo para cima, em azul, pois engloba os componentes que vão do processador acústico-fonético ao conceitualizador.

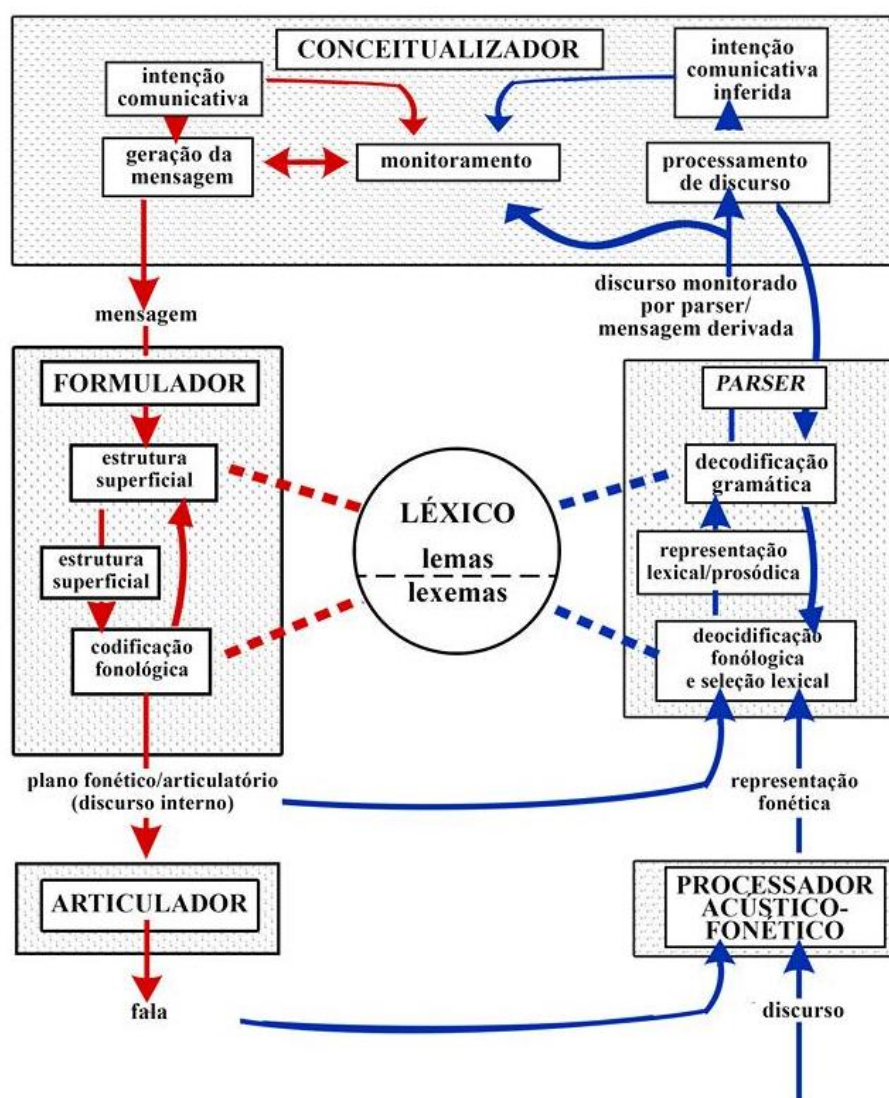


Figura 5 Representação do modelo de processamento de Levelt (1989) (adaptado de LEVELT, 1993)

O processamento da compreensão linguística envolve três componentes: o processador acústico-fonético, o *parser* e o conceitualizador. O processador acústico-fonético é o responsável por processar o sinal acústico recebido, gerando representações fonéticas⁴⁷. As representações fonéticas, então, servirão de *input* para o *parser*. O *parser*, por sua vez, contém dois componentes: um que opera com a decodificação fonológica e o acesso lexical, e o outro com a decodificação gramatical. Desse modo, quando as representações fonéticas são enviadas ao *parser*, elas passam pelo processo de decodificação fonológica, que lida com problemas de segmentação de palavras e decodificação prosódica. Enquanto a segmentação das palavras é primordial para garantir o acesso ao léxico e identificar os itens lexicais, a decodificação prosódica facilita o processamento sintático subsequente através do reconhecimento de agrupamentos métricos de palavras. O *output* do processamento de decodificação fonológica e seleção lexical é chamado de representação lexical/prosódica.

O próximo passo no processamento da compreensão é, então, a decodificação gramatical, que processa tanto informações sintáticas (tais como categoria morfossintática e mapeamento dos argumentos), quanto informações de ordem semântica⁴⁸ (tais como papel temático). O resultado final do *parser* é uma estrutura conceitual chamada de mensagem derivada. Por fim, a mensagem derivada será plenamente interpretada no conceitualizador, que irá identificar os referentes e recuperar a intenção comunicativa do falante, em um processo denominado de processamento discursivo.

Em contrapartida, no modelo de processamento proposto por Levelt (1989), há três componentes distintos responsáveis pela produção linguística: o conceitualizador, o formulador e o articulador. Em poucas palavras, o componente conceitualizador é o responsável pela concepção de uma mensagem, formada a partir da intenção comunicativa do falante. O componente formulador, por sua vez, mapeia a mensagem em forma linguística, e o componente articulador constrói um plano fonético ou articulatorio a partir da estrutura formada.

⁴⁷ Representações fonéticas, de acordo com Levelt (1993), são conjuntos de traços fonéticos que ainda não foram segmentados em unidades reconhecíveis pelo Léxico.

⁴⁸ Levelt (1993) assume que, apesar de informações sintáticas e semânticas serem processadas paralelamente, de modo incremental e online, cada uma segue seus próprios princípios, pois há um certo grau de autonomia do processamento sintático. Isto é, mesmo em casos em que há incompatibilidade ou anomalia semântica, o processamento sintático mantém-se.

O processamento da produção linguística começa no componente conceitualizador com a conceitualização de uma intenção ilocutória, isto é, a intenção comunicativa que o falante pretende expressar por meio da linguagem. Desse modo, o falante pode querer se referir a algo, expressar uma crença ou expectativa, motivar o ouvinte a se comprometer com uma ação, etc. Para expressar sua intenção comunicativa ao ouvinte, o falante, então, irá escolher um ato de fala e selecionar informações cujas expressões realizem tal propósito. Por exemplo, se o falante deseja que o ouvinte faça X, o falante poderá fazer um pedido em que X seja o caso.

Nesse estágio, são ativados e selecionados os lemas⁴⁹ que irão compor a mensagem, o que o torna um estágio compatível com o componente lexical dentro do PM, ou, ainda, com a lista 1, nos termos da MD. O formulador, por sua vez, receberá essa informação conceitual e deverá traduzi-la em forma linguística utilizando mecanismos sintáticos. Nessa fase, ocorre a codificação gramatical da sentença, determinando a estrutura hierárquica dos constituintes, bem como a representação da ordem linear. É, também, nesse ponto da derivação que se dá o processamento da codificação morfológica. Em seguida, essa informação segue para o componente articulador, onde será computada segundo as instruções e o planejamento fonético e fonológico.

Além desses três componentes distintos responsáveis pela formulação dos enunciados, pressupõe-se, nesse modelo, dois níveis de codificação no formulador acontecendo sequencialmente: a codificação gramatical e a codificação fonológica. A codificação fonológica é a construção de um planejamento fonético ou articulatorio, dada a estrutura superficial gerada pela codificação gramatical. O primeiro passo nesse processo é retirar do léxico os lexemas correspondentes aos lemas ativados, pois são os lexemas que conferem uma forma fonológica a estes. Quando esse processo falha, ou seja, quando não é possível acessar um lexema por um bloqueio temporário, experimentamos o fenômeno chamado de “na ponta da língua”, em que o falante não lembra a palavra, ou lembra-se apenas parcialmente dos segmentos. Além da ativação dos lexemas, a codificação prosódica também acontece durante esse estágio.

⁴⁹ Um lema é uma forma abstrata e conceitual de uma palavra que é selecionada mentalmente nos estágios iniciais da produção de um enunciado. Um lema representa um significado, mas não tem conteúdo fonológico (cf. LEVELT, 1993, p. 4).

Por fim, o planejamento fonológico é, então, enviado para o articulador, onde será executado pelo sistema motor responsável pela fala⁵⁰.

Levelt (1989) também propõe que um *parser* monitorador atua simultaneamente ao processamento. De acordo com o autor, com acesso à produção pré-articulatória e articulatória dos enunciados, o próprio sistema de compreensão do falante monitoraria os enunciados garantindo a verificação das falhas e, posteriormente, suprimindo uma eventual correção.

A seguir, examinaremos como as teorias de Pfau (2009) e Rodrigues (2006) articulam o modelo de gramática que adotam, respectivamente a MD e o PM, com o sistema de processamento de produção, especialmente identificando as hipóteses que os autores propõem acerca da ocorrência dos lapsos de fala nos seus modelos.

3.2 O modelo de processamento de Pfau (2009)

A principal hipótese que guia o modelo de Levelt (1989) é a de que apenas o componente articulador lida com o conteúdo fonológico. Como vimos, a inserção tardia de fonologia é uma das propriedades centrais da MD, o que aproxima os dois modelos. Logo, Pfau (2009) entende que a MD e o modelo de processamento de Levelt (1989) são compatíveis na medida em que permitem que a fonologia entre tardiamente na formulação de uma sentença. Em sua análise de lapsos de fala, portanto, Pfau (2009) advoga em favor do uso de um modelo em que a gramática seja o processador linguístico, criando um modelo psicologicamente plausível de gramática (cf. PFAU, 2009, p. 305). Sob seu ponto de vista, o modelo de gramática da MD é muito similar ao modelo de produção linguística em níveis (cf. LEVELT, 1989), e seguindo essa hipótese, o autor tenta integrar os dois modelos criando um único sistema que dê conta da produção linguística e que também preveja os possíveis lapsos gerados nas sentenças.

Sob esse aspecto, a análise de lapsos de fala parece corroborar a proposta de Levelt (1989) e da MD, na medida em que torna evidente que a computação da informação fonológica não pode acontecer no mesmo estágio em que ocorre a informação de natureza formal, semântica e sintática. Isso se justifica pelo fato de haver lapsos baseados na substituição de palavras pela similaridade semântica, e outros que

⁵⁰ O sistema motor é composto por três partes: o sistema respiratório, o sistema laríngeo e o sistema supra-laríngeo (cf. LEVELT, 1993, p 6).

acometem a escolha da forma do lexema. A partir de dados dessa natureza, postulou-se (cf. LEVELT, 1989, 1993) que o formulador primeiro trabalharia exclusivamente com os lemas vindos do léxico, para depois adicionar sua forma fonológica no processamento.

Nesse sentido, e assumindo o modelo de produção proposto por Levelt (1989), o autor mantém os três componentes distintos (o conceitualizador, o formulador e o articulador), sob o argumento de que a divisão entre formulador e articulador reforça a proposta de uma arquitetura da gramática como sugerida pela MD, favorecendo a propriedade da inserção tardia presente nessa teoria. Enquanto que, no modelo de processamento da produção, a informação fonológica só entra no processamento após a seleção dos lemas e as operações gramaticais, na MD, ela só é inserida com informações fornecidas pela lista 2, após a completude da derivação sintática e das operações morfológicas.

Assim, Pfau (2009, p. 304) postula que, a partir da informação conceitual enviada pelo nível conceitualizador, os lemas são ativados indiretamente na lista 1. Esses lemas devem estar marcados para a posição que ocuparão na sentença, ainda que sejam acategoriais. Algum tipo de marcação deve garantir que esses elementos não entrem na posição errada, formando sentenças como *O cachorro viu o menino*, em vez de *O menino viu o cachorro*. Os elementos selecionados na lista 1, portanto, estão disponíveis para o componente formulador que irá gerar sintaticamente a sentença no nível da codificação gramatical. Após a aplicação das operações morfológicas pós-sintáticas, que acontecem em MS⁵¹, teremos a inserção de vocabulário em PF. Ou seja, a interação com a lista 2 acontece no nível da codificação fonológica do formulador. Por fim, a sentença gerada será fisicamente produzida pelo componente articulador⁵². Na Figura 6, vemos a integração entre os modelos da MD e de produção em níveis (cf. LEVELT, 1989) ilustrada em um esquema:

⁵¹ O componente de estrutura morfológica, como apontamos no capítulo 2.

⁵² Não há nenhuma referência sobre o papel da lista 3 atuando no sistema proposto em Pfau (2009) que mapeia o modelo de produção em níveis e o modelo gramatical da Morfologia Distribuída.

- (24) I don't know that I'd **hear** one if I **knew** it
 ← that I'd know one if I heard it. (cf. PFAU, 2009, p. 224)

Erros que envolvem a *cópia de traços* ocorrem em MS, podendo envolver concordância ou atribuição de Caso. No caso de erros de concordância, a cópia errada do traço pode ser desencadeada por um DP interveniente dentro do DP sujeito. Em (25), por exemplo, o verbo concorda com o DP local plural que é parte de um PP.

- | | | | | | |
|------|-----------------|----------------------------|-------------|------------|-----------------|
| (25) | ein Ende | der Unruhen | sind | nicht | abzusehen |
| | <i>an end</i> | <i>of.the disturbances</i> | <i>are</i> | <i>not</i> | <i>in.sight</i> |
| | ← ein Ende | der Unruhen | ist | nicht | abzusehen |
| | ← <i>an end</i> | <i>of.the disturbances</i> | <i>is</i> | <i>not</i> | <i>in.sight</i> |
- (cf. PFAU, 2010, p. 43)

Por sua vez, *lapses fonológicos* acontecem em PF ou em *spell-out*, uma vez que o preenchimento dos nós terminais sintáticos com material fonológico depende da lista 2 e só ocorrerá com a inserção de vocabulário. Esse tipo de lapso compreende não só os erros que afetam a produção de segmentos, mas também a troca de palavras baseada na similaridade fonológica.

Por fim, os erros que resultam em *blends* podem ser de dois tipos: blends de palavra e blends frasais (PFAU, 2009, p. 308). O autor sugere que, no caso dos *blends* de palavra, dois lemas relacionados são igualmente ativados no componente conceitualizador e, conseqüentemente, ambos são selecionados na lista 1 (cf. PFAU, 2009, p. 307). Desse modo, ambas as raízes entram na derivação sintática em um único nó, de modo que, em PF, os dois IVs correspondentes são inseridos e suas formas fonológicas são fundidas para *spell-out*. Em (26), *Plitz* é a realização fonológica da escolha simultânea das raízes $\sqrt{\text{PLATZ}}$ e $\sqrt{\text{SITZ}}$.

- (26) Hatte-st du ein-en gut-en **Plitz** ← (a)/(b)
*had*_{-2.SG} *you*_(SG) *a*_{-M.ACC} *good*_{-M.ACC} (*error*)
- a) ein-en gut-en Platz
*a*_{-M.ACC} *good*_{-M.ACC} *place*_(M)
- b) ein-en gut-en Sitz
*a*_{-M.ACC} *good*_{-M.ACC} *seat*_(M)
- ‘Did you have a good seat?’ (cf. PFAU, 2009, p. 308)

Por outro lado, os *blends* frasais ocorrem em outro lugar da gramática. Como nos *blends* de palavra, duas raízes semanticamente relacionadas são selecionadas na lista 1, mas, nos *blends* frasais, apenas uma dessas raízes receberá a forma fonológica na lista 2. No entanto, há um desencontro de traços na sentença, pois o lapso fica evidente quando o traço de gênero da raiz excluída é realizado no lugar do traço de gênero do item de vocabulário inserido. Quando o falante se autocorrige, vemos qual seria o item esperado. Esse é o caso em (27), em que o artigo dativo feminino do alemão, *der*, deveria concordar com o nome que o segue; mas esse nome é *Stock*, um nome masculino. Quando o falante se autocorrige, vemos que o item esperado seria *Etage*, também feminino conforme o artigo.

- (27) Er wohn-t in der vierten Stock, äh, Etage
*He live*_{-3.SG} *in* *the*_{.F.DAT} *fourth story*_(M), *er, floor*_(F)
- ‘He lives on the fourth floor/story.’ (cf. PFAU, 2009, p. 308)

Abaixo, veremos como Pfau (2009) esquematiza o seu modelo de processamento tendo em vista os níveis em que ocorrem os lapsos apontados acima:

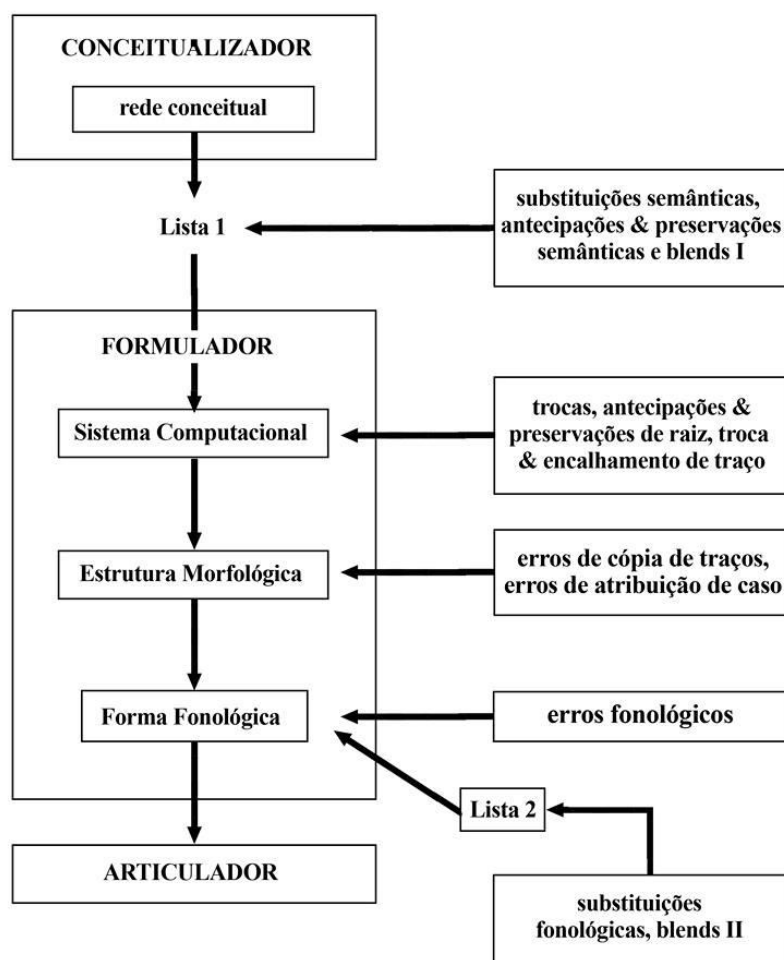


Figura 7 Tipos de erros por níveis de processamento (adaptado de PFAU, 2009, p. 309)

Tendo em vista o sistema misto proposto por Pfau (2009), que correlaciona o modelo de produção em níveis e a arquitetura da gramática da MD, consideramos que ele apresenta-se como uma interessante ferramenta usada para prever a ocorrência dos lapsos de fala, uma vez que é descritivamente elegante e pode ser um modelo psicologicamente plausível de gramática.

3.3 O modelo de Produção Monitorado por *Parser* de Rodrigues (2006)

Como contraproposta, apresentaremos agora o modelo de Produção Monitorado por *Parser*, revisto e ampliado, de Rodrigues (2006). Esse modelo surge como uma revisão do modelo PMP em versões anteriores (cf. RODRIGUES; CORRÊA, 2004; CORRÊA; RODRIGUES, 2005), e visa explicar a interferência de fatores não sintáticos

no processo de concordância nos lapsos de fala do PB, especificamente. Nesse sentido, destacamos a importância desse modelo para este trabalho, visto ser o único modelo de processamento de produção desenvolvido através da investigação de dados de lapsos de fala em PB.

Diferentemente de Pfau (2009), Rodrigues (2006) utilizou métodos experimentais para induzir os lapsos de fala em termos de concordância. A autora aplicou um total de seis testes, controlando as variáveis utilizadas de modo a identificar quais fatores morfológicos, morfofonológicos, semânticos ou de ordem estrutural têm influência sobre a probabilidade de ocorrência de um lapso. Em linhas gerais, a pesquisa buscava determinar a influência, na produção dos lapsos, de fatores tais como i) marcação do traço de número no núcleo nominal e no nome local, ii) distância hierárquica dos constituintes, iii) distância linear entre o núcleo do sujeito e o verbo e iv) a distributividade do DP sujeito sobre o processamento da concordância. Com isso, a autora pretendia alcançar os seguintes objetivos: i) determinar as propriedades gramaticais codificadas no sujeito que estão acessíveis durante a operação da concordância, ii) identificar o momento da formulação das sentenças em que tais erros ocorrem e iii) definir as implicações que tais influências têm na questão da autonomia sintática dentro do sistema.

Os testes foram realizados através da apresentação de um preâmbulo auditivo, seguido da apresentação visual de um verbo no infinitivo. Os sujeitos, então, deveriam repetir o preâmbulo e completar a oração com o verbo flexionado. Os preâmbulos são constituídos de um elemento nominal (núcleo do sujeito) seguido de outro elemento nominal interveniente (nome local), e mudavam, a cada um dos testes, de acordo com as variáveis em questão. Exemplos de preâmbulos usados nos experimentos de Rodrigues (2006) são: *O estojo dos lápis, A maçaneta das portas, O volante do ônibus, etc.*

A partir dos resultados obtidos nos erros induzidos, Rodrigues (2006) revê o PMP (cf. RODRIGUES; CORRÊA, 2004; CORRÊA; RODRIGUES, 2005) e concebe um modelo capaz de explicar os lapsos de concordância, em especial dos erros de atração. Esse modelo apresenta três propriedades fundamentais, sendo elas: (i) incrementalidade moderada; (ii) computação automática da concordância como processo de valoração de traços; (iii) monitoração concomitante à produção por parte de um *parser*.

A incrementalidade diz respeito ao fato de o processo de articulação das sentenças poder ser iniciado antes mesmo de o falante ter terminado seu planejamento e formulação. Assumindo a incrementalidade moderada, o PMP considera que deve se estabelecer uma relação sintática entre o DP sujeito e o verbo antes da codificação morfológica e da articulação daquele. Isto é, a concordância precisa ser computada antes da codificação morfofonológica do verbo. Isso, no entanto, abre a possibilidade de essa codificação ser alterada por interferência de uma representação advinda do *parser* – como veremos adiante.

A segunda propriedade do modelo prediz que a concordância sintática entre sujeito e verbo seja processada tal qual um mecanismo de valoração de traços⁵³, conforme pressupõe o PM. Segundo Rodrigues (2006), essa concepção do processo de concordância é compatível também com o que vem sendo proposto por modelos de processamento como Levelt (1989). Tanto para o PM, quanto para o modelo de processamento, é possível assumir uma distinção entre a representação abstrata de número e a sua realização morfofonológica, correspondendo à distinção entre lema e lexema, para Levelt (1989), e entre traços formais e traços fonológicos no PM. Essa separação é essencial para o PMP, porque “permite que se pense no erro de concordância como resultante de uma interferência apenas na codificação morfofonológica do verbo, não afetando a concordância em si” (cf. RODRIGUES, 2006, p. 136).

A terceira, e última, propriedade do modelo é a monitoração concomitante à produção de fala por parte de um *parser*. Nesse sentido, o PMP prevê que o falante use seu sistema de processamento de compreensão para monitorar a própria fala à medida que o material é disponibilizado para codificação fonética, antes de ser articulado. Dessa maneira, o *parser* pode assistir o processamento da produção de sentenças e afetar a concordância. Ou seja, no modelo PMP, além dos componentes envolvidos no processamento da produção – nomeadamente, o conceitualizador, o formulador e o articulador –, tem-se a incorporação de um monitoramento por *parser* concomitante a produção que pode interferir na concordância.

A partir das três propriedades centrais que definem o modelo, postula-se que os erros de concordância não são gerados por falhas na computação sintática, que deve

⁵³ Para Rodrigues (2006), a concordância sintática funciona como um mecanismo de valoração de traços, implementado via operação Agree (cf. Chomsky, 1999), conforme vimos no capítulo anterior.

atuar de maneira perfeita, mas sim por problemas de acessibilidade⁵⁴ do *parser*. Assim, o modelo apresenta uma grande vantagem que é a de explicar todos os efeitos de fatores não sintáticos (morfológicos, morfofonológicos, semânticos e de ordem linear) identificados por Rodrigues (2006) nos erros de concordância em termos de acessibilidade. Isso garante que a sintaxe não sofre interferência de informações de outra natureza, o que mantém a não interatividade do sistema. Segundo a autora:

A incorporação de um *parser* monitorador à arquitetura do sistema de produção permite unificar a explicação para todos os efeitos em termos de acessibilidade de uma representação do DP sujeito gerada pelo *parser*. O erro deixa de ser atribuído a falhas no curso da formulação sintática do enunciado (a codificação gramatical) e passa a ser associado a limitações de processamento e armazenamento de informação pela memória de trabalho. (cf. RODRIGUES, 2006, p. 169)

No modelo PMP revisto e ampliado, Rodrigues (2006) sugere três explicações para os erros de concordância:

EXPLICAÇÃO 1

A primeira explicação para os erros de atração segue a explicação apresentada na primeira versão do modelo PMP (cf. RODRIGUES; CORRÊA, 2004; CORRÊA; RODRIGUES, 2005). Considerava-se que a atuação do *parser* fosse feita de forma *bottom-up*. O erro, segundo essa explicação, acontece quando questões de acessibilidade relacionadas à saliência fônica da marca de número fazem com que o núcleo interveniente plural mais alto na estrutura hierárquica do DP sujeito seja tomado como o definidor do número do DP sujeito como um todo pelo *parser*. Isto é, no momento em que ocorre a codificação morfofonológica do verbo – após a computação sintática da concordância que se sucede de maneira perfeita – uma espécie de resíduo morfofonológico do DP sujeito criado pelo *parser* pode vir a gerar interferência na codificação, ocasionando o lapso de concordância.

⁵⁴ A acessibilidade pode estar sujeita tanto a questões de processamento do próprio material linguístico quanto a limitações individuais de memória (cf. RODRIGUES, 2006, p. 170).

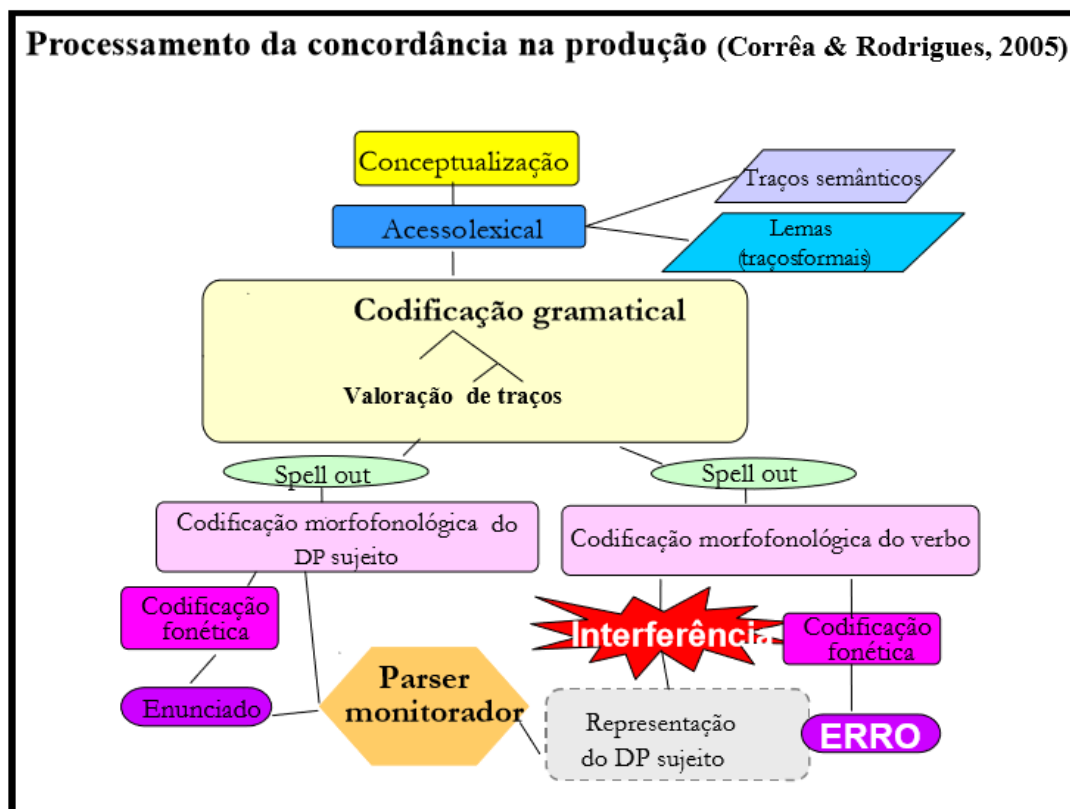


Figura 8 Modelo PMP para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 1) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 139)

EXPLICAÇÃO 2

Diferente da primeira explicação, na explicação 2 supõe-se que o *parser* atua de maneira *top-down*. Nesse sentido, o *parser* já poderia antecipar, ou pelo menos formular uma expectativa, de qual seria a flexão do verbo, com base na informação do número do DP sujeito. Propõe-se então que a informação antecipada da flexão verbal fica ativa na memória de trabalho, podendo afetar a codificação morfofonológica do verbo. Na Figura 9, temos um esquema do processamento da concordância em erros de atração de acordo com a explicação 2, considerando a sentença em (28).

(28) O treinador dos jogadores de futebol viajaram ontem.

O morfema abstrato de número antecipado pelo *parser* está representado em vermelho (3.pl), enquanto o morfema abstrato gerado pelo processamento da concordância está em azul (3.sg). Nesse caso, deve haver uma “competição” entre os dois possíveis morfemas, sendo que a escolha do morfema codificado pelo *parser* induz

o erro. Quando as duas formas geradas são iguais, o resultado é a sentença normal esperada.

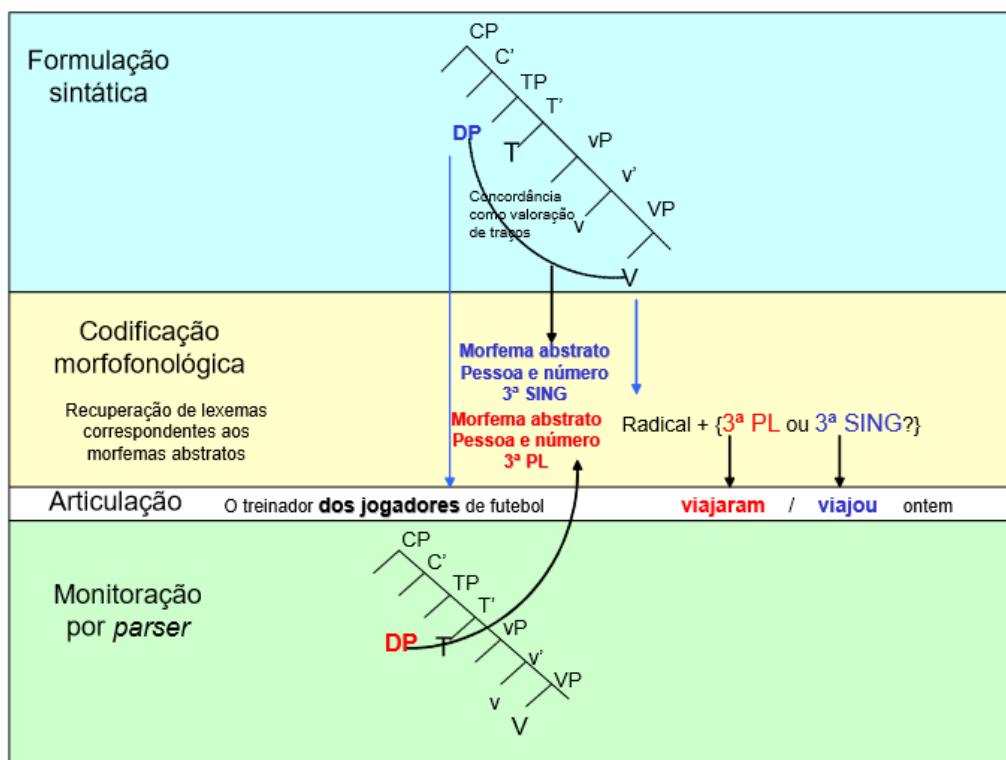


Figura 9 Modelo PMP revisado e ampliado para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 2) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 173)

EXPLICAÇÃO 3

Nesta explicação, considera-se que o *parser*, ao receber o DP enviado do componente formulador, cria uma árvore *top-down* e o analisa como o sujeito da frase. A partir disso, a leitura dá origem a uma representação semântica/conceitual dos elementos, que retoma o DP sujeito por meio de um elemento pronominal nulo. O erro se dá quando o *parser* atribui ao pronome nulo os traços de número do nome local. No caso de DPs com leitura distributiva, o elemento pronominal poderia evidenciar a noção semântica de pluralidade contida nos mesmos, o que levaria à incorporação de um pronome plural. Com base na representação gerada, o *parser* pode antecipar a flexão do verbo pelas informações morfossintáticas de número do DP sujeito e influenciar a escolha da forma a ser produzida.

Segue abaixo, na Figura 10, o esquema proposto por Rodrigues (2006, p. 174) para a sentença em (29):

(29) O rótulo das garrafas de cerveja rasgaram.

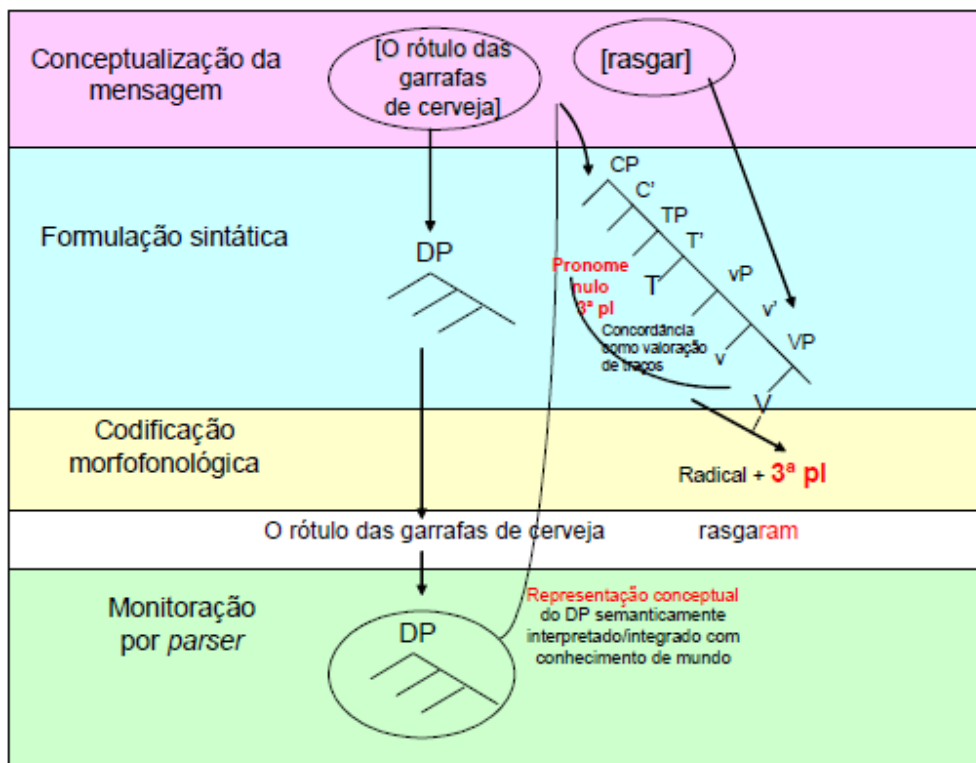


Figura 10 Modelo PMP revisado e ampliado para o processamento da concordância em erros de atração (explicação 3) (cf. RODRIGUES, 2006, p. 174)

Apesar de Rodrigues (2006) não apontar qual das explicações é a mais adequada, todas parecem dar conta de prever os lapsos de concordância entre sujeito e verbo no PB. Além disso, a vantagem desse modelo, que se mantém nas três explicações, é que a incorporação de um *parser* monitorador garante a manutenção da autonomia da sintaxe, já que as influências semânticas e morfológicas estão agora condicionadas ao funcionamento do *parser*. Isso previne que haja uma violação dos princípios da valoração de traços na concordância, no caso dos erros de atração, e mantém a sintaxe enquanto um mecanismo otimizado de formulação.

Na próxima seção, iremos contrapor os modelos de processamento da produção aqui apresentados para refletir sobre a adequação desses modelos tendo em vista os lapsos de fala morfológicos do PB.

3.4 Os modelos de processamento de produção e os dados de lapsos morfológicos do PB

Como vimos nas seções anteriores, os modelos de produção linguística de Pfau (2006) e de Rodrigues (2009) apresentam algumas semelhanças, pois ambos têm como base o modelo de processamento proposto por Levelt (1989) e foram desenvolvidos a partir de evidências provenientes de lapsos de fala, em especial, de erros que envolvem aspectos morfológicos (morfofonológicos ou morfossintáticos). Nesse sentido, tanto as pesquisas de Pfau (2009) quanto as de Rodrigues (2006) são importantes para o desenvolvimento deste trabalho, na medida em que fornecem alternativas de análise para os dados aqui estudados. Pfau (2009), primeiramente, por apresentar e descrever tipos de lapsos morfológicos diversos, e articular um sistema misto, que integra uma teoria da gramática, nomeadamente a MD, ao processamento. Rodrigues (2006), por sua vez, por desenvolver o único modelo de produção disponível que foi pensado a partir de lapsos de fala do PB. No entanto, os dois modelos também apresentam algumas divergências que merecem ser discutidas nesta seção.

A primeira diferença vem no âmbito metodológico e tem um grande impacto na aplicabilidade das análises propostas frente aos dados coletados e descritos neste trabalho. Isto é, enquanto Pfau (2009) tinha por objetivo desenvolver um sistema que desse conta da análise de diversos tipos de lapsos de fala, o modelo PMP revisto e ampliado (cf. RODRIGUES, 2006) apenas explica os lapsos de concordância em erros de atração. Assim, devido à natureza dos dados, a análise proposta por Rodrigues (2006) não abarca as categorias de lapsos de fala que estudamos aqui, e, por isso, não podemos estender sua análise para os nossos dados também. Por exemplo, o modelo PMP não explicaria um lapso como (30), em que temos a troca dos sufixos *-mento* e *-tivo*, porque não discute, especificamente, questões relativas à formação de palavras. Logo, se Rodrigues (2006) não trata da formação de palavras, em princípio, não podemos supor uma análise de acordo com modelo PMP para lapsos dessa natureza.

(30) Preparamentos do casativo ← Preparativos do casamento

A outra diferença entre Pfau (2009) e Rodrigues (2006) compete ao âmbito teórico, pois os dois autores adotam teorias da gramática distintas, sendo elas, respectivamente, a MD e o PM. Como vimos na seção 2.1, a MD dá um tratamento

sintático para a formação de palavras, porque tanto as palavras quanto as sentenças são formadas na sintaxe, eliminando o léxico enquanto um componente gerativo. Nesse sentido, não há distinção entre processos derivacionais e flexionais. O PM, por sua vez, não adota tal abordagem. Assim, é difícil explicar dados como o lapso apresentado em (1), repetido em (31), dentro do modelo PMP, uma vez que seria complicado dar conta da associação do sufixo derivacional nominal, *-ola*, a uma base verbal, e da associação de um sufixo flexional verbal, *-ou* (3ª p. sg. pass.) a uma base nominal dentro de um sistema que propõe a distinção entre processos flexionais e derivacionais. No entanto, Rodrigues (2006) não aborda essa questão, e, como já mencionamos, nem mesmo discute os tipos de lapsos de fala que não sejam erros de atração, sendo, portanto, impossível explicar o comportamento de (31) dentro de seu modelo.

(31) A rasgola sacou ← A sacola rasgou

Ou seja, vemos que o modelo PMP revisto e ampliado (cf. RODRIGUES, 2006) não consegue dar conta de lapsos de fala do PB como (30) e (31), pois o modelo não foi concebido para explicar lapsos de fala morfológicos que envolvam outros aspectos que não o processamento de concordância. Por outro lado, a análise de tais dados não constitui um impasse dentro do modelo de Pfau (2009), uma vez que não há distinção entre processos flexionais e derivacionais e a troca de raízes em (31), por exemplo, não seria um problema. Além de conseguir explicar tais tipos de erros, Pfau (2006) também prevê uma análise para os lapsos de concordância em seu modelo, de acordo com a MD.

No que concerne à operação de concordância, a MD diverge drasticamente do PM, uma vez que assume que a concordância entre o sujeito e o verbo é computada através da inserção de um nó AgrS (irmão do nó Tns) em MS, e não na Sintaxe como vimos antes. Em MS, os traços do nome serão copiados para o nó gerado. Portanto, segundo esse modelo, os erros de concordância são originados da cópia de traços provenientes de outro elemento que não o núcleo do DP sujeito, que podem ser um nome local interveniente, no caso dos erros de atração, um objeto interveniente em posição linear ou até mesmo elementos ausentes da sentença produzida (no caso dos *blends frasais*). De acordo com Pfau: “Em erros de concordância sujeito-verbo, por outro lado, é próprio processo de cópia do traço que causa o erro. Um item – nesse caso,

o verbo – que deve ser especificado para alguns traços morfossintáticos, recebe esse traço da fonte errada”⁵⁵ (2000, p. 146).

Tratando dos erros de atração e da interferência do traço de plural do nome local na maioria dos lapsos desse tipo, Pfau (2000) assume que há uma assimetria entre os traços singular e plural, sendo que somente o último é marcado nos itens. Isto é, por *default*, a ausência de traço de número significa a marca de singular. Assim, nomes locais marcados como [+pl] podem, ocasionalmente, ser detectados equivocadamente pelo mecanismo de cópia e desencadear o erro de concordância. Dessa maneira, nos raros casos que o nome local singular é o gatilho para o erro de atração, pode-se considerar que ocorreu a falha da cópia do traço de número. O autor concede o mesmo tratamento para os lapsos em que a concordância ocorre entre o objeto local e o verbo, chamando esses casos de erro de concordância a curta distância.

Assim, consideramos que o modelo de Pfau (2009) é mais adequado para explicar os lapsos de fala morfológicos em PB porque tem maior poder explicativo e maior aplicabilidade, visto que consegue dar conta de um maior e mais diverso conjunto de dados.

3.5. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, vimos como o modelo de processamento de Levelt (1989) opera em termos da produção linguística e, brevemente, de compreensão. Ademais, apresentamos e comparamos os modelos de Pfau (2009) e o modelo PMP revisto e ampliado de Rodrigues (2006). Comparando esses dois modelos, observamos que eles possuem uma semelhança: ambos assumem os pressupostos do modelo de Levelt (1989) em relação ao processamento da produção linguística. Por outro lado, destacamos suas diferenças. Enquanto Rodrigues (2006) tem como objeto somente erros de concordância do PB, Pfau (2009) analisa diversos tipos de lapsos morfológicos, incluindo também erros de concordância. A segunda distinção entre os dois modelos é referente ao quadro teórico que adotam, pois Pfau (2009) assume a MD e o modelo PMP revisto e ampliado adota o PM. Por fim, considerando os lapsos de fala coletados no nosso *corpus*, o modelo de Pfau (2009) demonstrou-se mais adequado para a análise dos dados, tendo

⁵⁵ Tradução nossa, no original: “In SVA-errors, on the other hand, the feature copy process itself causes the error. An item – here: the verb – which must be specified for some morphosyntactic feature receives that very feature from a wrong source.” (cf. PFAU, 2000, p. 146)

em vista que o modelo PMP não é, a princípio, compatível com outros tipos de lapsos morfológicos, os quais encontramos em nosso *corpus*.

Capítulo 4

Metodologia

A pesquisa incorporou dois momentos metodológicos distintos, o primeiro deles relativo à coleta e classificação dos dados, e o segundo abrangendo o período de estudos teóricos e análises. Neste capítulo, apresentaremos a metodologia da coleta de dados na seção 4.1, e, na seção 4.2, apresentaremos os resultados da coleta e a classificação dos lapsos.

4.1 Coleta de dados

Em relação à coleta de dados, escolhemos trabalhar com o método naturalístico, isto é, recolher os lapsos de fala que ocorrem em conversas espontâneas ao invés de estimular a sua produção por meio de experimentos. Conforme aponta Iliovitz (2007), esse tipo de metodologia é vantajoso, pois:

- Observamos os lapsos de fala produzidos em situações reais de uso linguístico;
- A coleta é acessível, uma vez que o pesquisador também pode contar com a ajuda de terceiros para a coleta dos dados e nenhum equipamento é necessário;

Ainda que esse método apresente desvantagens quanto ao questionamento da confiabilidade dos dados, já que pode haver perdas ou esquecimentos dos dados antes de eles serem anotados pelo pesquisador, acreditamos que caiba melhor aos fins da pesquisa, porque não restringe o acesso a nenhum tipo lapso que possa ser produzido. Visto que pretendemos estudar diferentes lapsos morfológicos no PB, fornecendo uma classificação e descrição para o fenômeno, recorrer a experimentos de indução apenas limitaria os tipos encontrados e, portanto, não ajudaria a estabelecer uma classificação ampla.

Dada à imprevisibilidade do aparecimento de lapsos na fala, iniciamos a coleta dos dados pela sua ocorrência em conversas espontâneas, não gravadas, podendo o lapso ser anotado diretamente pela pesquisadora ou ser devidamente reportado a ela por algum colega do campo de estudos. Além das conversas, que foram nossa principal fonte, também incluímos programas de televisão, especialmente aqueles que não sofrem edição de fala, e vídeos publicados na internet, em nossa coleta de lapsos. Ainda, buscamos dados nas gravações do projeto SP2010, posto que é um valioso *corpus* linguístico de fala e de acesso público.

Essa metodologia foi capaz de sustentar nosso trabalho, contribuindo para a coleta de um *corpus* significativo sem, no entanto, prejudicar a confiabilidade dos dados naturais. Trabalhando como descrito acima, reunimos cerca de cento e quarenta lapsos de fala. Todos os dados coletados estão também apresentados nos anexos, de modo a poder contribuir com a formação de *corpus* para possíveis futuros trabalhos.

4.2 Resultados da coleta e classificação dos lapsos

Durante a coleta, os dados foram analisados e classificados de acordo com suas propriedades, o que nos levou a um total de seis classes distintas para os lapsos de fala morfológicos em PB: i) *blends* de palavra, ii) *blends* frasais, iii) substituições que envolvem aspectos semânticos, iv) substituições que envolvem aspectos fonológicos, v) lapsos que envolvem morfemas, e vi) lapsos que envolvem traços gramaticais.

Essa classificação leva em conta, principalmente, os elementos morfológicos que estão sendo afetados e a localização da falha dentro da arquitetura da gramática. Portanto, cada um dos tipos de lapsos classificados é gerado de uma maneira diferente: isso implica características e estruturas diferentes que iremos descrever no capítulo 5.

De acordo com nossa metodologia e fundamentação teórica, preferimos desenvolver uma classificação com base na arquitetura da gramática e pressupostos teóricos da MD, baseando-nos na análise de Pfau (2009). Embora haja outras propostas de classificações de lapsos de fala relatadas na literatura (cf. NOBREGA, 2010; BOOMER; LAVER, 1973), inclusive a classificação de Stemberger (1993), apresentada na Introdução deste trabalho, essas propostas são muito amplas e genéricas, e não foram desenvolvidas especificamente para os lapsos morfológicos. Além disso, as demais classificações valorizam a descrição dos lapsos.

Com a classificação que utilizamos aqui, por outro lado, buscamos não só descrever os dados, mas também i) verificar até que ponto as estruturas dos lapsos corroboram a manutenção da organização dos componentes e da arquitetura da gramática conforme previsto pela MD, bem como ii) avaliar a adequação do modelo de Pfau (2009) aos dados por nós investigados.

No Quadro 2 abaixo, mostramos a distribuição do *corpus* por tipo, e, a seguir, apresentaremos e exemplificaremos brevemente cada uma das categorias.

<i>Blends</i> de palavra	28
<i>Blends</i> frasais	10
Substituições que envolvem aspectos semânticos	35
Substituições que envolvem aspectos fonológicos	20
Lapsos que envolvem morfemas	33
Lapsos que envolvem traços gramaticais	15

Quadro 2 Total de lapsos de fala por tipo

(32) ***Blends* de palavra**

- a) Jacaré tem **rauba**. ← Jacaré tem rabo/cauda
- b) Quando eu fui **tentrar**... Tentar entrar. ← Quando eu fui tentar entrar

No dado em (32)a, as palavras *rabo* e *cauda* são unidas acidentalmente pelo falante, originando o *blend rauba*. Em (32)b, as palavras *tentar* e *entrar*, que estão adjacentes linearmente na sentença, são mescladas, formando *tentrar*. Os *blends* de palavra são, portanto, fusões de palavras, em que partes das palavras-alvos são sobrepostas ou apagadas fonologicamente. As palavras-alvos são, muitas vezes, palavras com significados semelhantes, como em (32)a, ou palavras que estão próximas no enunciado e sofrem antecipação ou preservação fonológica, como em (32)b.

(33) **Blends frasais**

- a) E **essa sapata** do cão me machucando. ← E esse sapato / essa sandália do cão me machucando⁵⁶
- b) **Bonito** seu **corrente**. ← Bonito seu colar / Bonita sua corrente

Os *blends* frasais são aqueles em que duas palavras-alvos estão em competição para entrar no enunciado, mas apenas uma delas é realizada fonologicamente. Nesses casos, o lapso fica evidente quando há desencontro entre traços gramaticais na concordância, como em (33)a e em (33)b. Em (33)a, vemos que o determinante *essa* não concorda em gênero com *sapato*. Na sentença, o determinante feminino estava concordando com a palavra *sandália*, que não está realizada fonologicamente no enunciado, mas que fez parte do processamento da sentença, influenciando a concordância. Além do *blend* frasal, temos também a alteração da vogal temática de –o para –a, processo que investigaremos melhor na seção 5.2.2. Em (33)b, tanto o adjetivo *bonito*, quanto o pronome possessivo *seu* estão no masculino; logo, não concordam em gênero com o nome feminino *corrente*. Nesse caso, o adjetivo e o pronome estão concordando com *colar*, que não foi realizado fonologicamente na sentença.

(34) **Substituições que envolvem aspectos semânticos**

- a) Coube tudo no **liquidificador**. ← Coube tudo no congelador.
- b) Um apartamento de três **andares**. ← Um apartamento de três dormitórios.

Esta classe é constituída por lapsos em que há troca da palavra-alvo por outra motivada por aspectos semânticos. A substituição pode ser influenciada por traços semânticos da palavra-alvo, ou por palavras que estão antes ou depois dela. Em (34)a, por exemplo, *congelador* é trocado por *liquidificador*, ambos hipônimos de eletrodomésticos. Já em (34)b, a substituição de *dormitórios* por *andares* é possivelmente motivada pela relação semântica que *apartamento* estabelece com *andar*. Logo, a palavra que motiva a troca semântica antecede a palavra-alvo nesse exemplo.

⁵⁶ Apesar de *sapata* ser uma variante possível no PB, esse termo não faz parte do uso do falante em questão. Por isso, e pela saliência de *sandália* no contexto da situação, acreditamos que esse dado seja mesmo um lapso de fala.

(35) **Substituições que envolvem aspectos fonológicos**

- a) Tem **imãs** diferentes ← Tem **himens** diferentes
- b) Faz uma associação **ordinária** ← Faz uma associação ordenada

As substituições que envolvem aspectos fonológicos são lapsos em que há uma troca de palavras motivada pela semelhança fonológica entre a palavra-alvo e a palavra realizada no enunciado, havendo, nesse caso, compartilhamento de sons. Nos lapsos em (35), vemos que as palavras-alvo *hímens* e *ordenada* e as palavras realizadas *imãs* e *ordinária* compartilham os mesmos segmentos iniciais.

(36) **Lapsos que envolvem morfemas**

- a) Prepar**amentos** do casativo ← Preparativos do casamento
- b) **Achei entrando** ← Entrei achando

Os lapsos que envolvem morfemas são aqueles em que o segmento afetado é um morfema, podendo ser uma raiz ou um morfema derivacional, como sufixos ou prefixos. Nesse tipo de lapso, o erro pode ocorrer pela antecipação, preservação, troca ou substituição do morfema na sentença. No exemplo em (36)a, temos uma troca entre os sufixos das palavras *casamento* e *preparativo*, *-mento* e *-tivo*. É interessante notar que, além da troca dos morfemas, houve o encalhamento do sufixo de plural, o que pode ser uma evidência para a separação dos morfemas derivacionais e flexionais. Em (36)b, ao contrário de (36)a, há troca das raízes dos verbos *achar* e *entrar*, mas o encalhamento dos sufixos flexionais verbais. Desse modo, o verbo *achar* recebe a flexão de 1ª pessoa singular no passado, enquanto o verbo *entrar* recebe o sufixo de gerúndio.

(37) **Lapsos que envolvem traços gramaticais**

- a) Vamos ver a boneca **das suas tias** ← Vamos ver as bonecas da sua tia
- b) Dá **um** grande sensação de sucesso ← Dá uma grande sensação de sucesso.

Essa categoria abrange os lapsos de fala gerados por problemas que afetam traços gramaticais, como traços de tempo, número, pessoa e gênero. Ao contrário do

que ocorre no exemplo em (36)a, em (37)a é o sufixo de plural que aparece no lugar errado. Em (37)b, o lapso atinge o traço de gênero do artigo *um*, que deveria concordar com *sensação*, sendo, portanto, feminino. Nesse caso, diferentemente dos *blends* frasais, não há indício de que esse erro tenha sido induzido por uma palavra não realizada fonologicamente, logo, possivelmente o lapso é decorrente de uma falha na cópia do traço gramatical de gênero.

4.3 Considerações finais do capítulo

A metodologia utilizada nessa pesquisa consistiu em coletar os lapsos de fala em PB por meio do método naturalístico. Isto é, os dados foram coletados em situações de fala espontânea, sem a utilização de testes de indução. Desse modo, foi possível encontrar tipos distintos de lapsos. Nosso *corpus* tem 140 dados que foram classificados em seis tipos. Conforme apresentamos nesse capítulo, as seis categorias são: (1) *blends* de palavra, (2) *blends* frasais, (3) substituições que envolvem aspectos semânticos, (4) substituições que envolvem aspectos fonológicos, (5) lapsos que envolvem morfemas, e (6) lapsos que atingem traços gramaticais.

Capítulo 5

O comportamento dos lapsos de fala em português brasileiro

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos com a coleta dos lapsos de fala espontâneos em PB sob um ponto de vista descritivo, buscando explicitar seus padrões e modos de organização dentro das categorias estabelecidas. Após a organização e descrição dos dados, a análise pretende confrontar os resultados com os tipos de lapsos relatados na literatura (cf. FROMKIN, 1971; 1973, DELL, 1986, GARRETT, 1975; 1988, STEMBERGER, 1993), bem como averiguar a compatibilidade da estrutura dos lapsos em PB com as propostas de análise do modelo de processamento de Pfau (2009).

A discussão que segue está dividida em subseções de acordo com a categorização dos tipos de lapsos de fala apresentada no capítulo 4, que descreve a metodologia da pesquisa aqui desenvolvida. Isto é, apresentaremos os tipos de lapsos de fala nas seguintes seções: *blends* de palavra na seção 5.1, *blends* frasais na seção 5.2, substituições que envolvem aspectos semânticos na seção 5.3, substituições que envolvem aspectos fonológicos na seção 5.4, lapsos que envolvem morfemas na seção 5.5 e lapsos que envolvem traços gramaticais na seção 5.6.

Como apontamos anteriormente, adotamos essa classificação, pois ela nos permite correlacionar os lapsos de fala morfológicos com a arquitetura da gramática de Pfau (2009), tendo em vista as unidades linguísticas que foram afetadas, nomeadamente, raízes, morfemas ou traços gramaticais. Dessa forma, será possível, não apenas apreender os erros de maneira descritiva, mas também observá-los sob a perspectiva de um modelo processamento da produção linguística. Isso está inteiramente de acordo com o nosso objetivo que é, além de descrever os dados, reconsiderar as hipóteses de Pfau (2009) sobre a organização da gramática e as estruturas que formam os lapsos de fala, pensando em como esse sistema se mantém para os dados encontrados no PB.

5.1. *Blends de palavra*

Segundo a definição de Nóbrega e Minussi (2015, p. 163), “podemos caracterizar o *blending*⁵⁷ como um processo morfológico não concatenativo atemplático, em que parte de suas palavras-fontes⁵⁸ são sobrepostas ou apagadas”. São exemplos de *blends* no PB termos tais como: *apartamento* (*apartamento* + *apertado*), *namorido* (*namorado* + *marido*), *chafé* (*chá* + *café*), *sacolé* (*saco* + *picolé*), *portunhol* (*português* + *espanhol*), entre muitos outros. Desse modo, podemos considerar que o *blending* é um processo produtivo na formação de neologismos em português e, particularmente, em PB.

Ao contrário de processos como afixação e composição, o *blending* é um processo não concatenativo⁵⁹, pois as palavras envolvidas em sua formação muitas vezes não têm seus segmentos linearmente alinhados, como é o caso de *tristemunho* (*triste* + *testemunho*). Nesse caso, não conseguimos delimitar com exatidão quais fonemas fazem parte da palavra *triste* e quais deles fazem parte de *testemunho*, por

⁵⁷ O processo de *blending* se denomina fusão vocabular (cf. BASILIO, 2010), cruzamento vocabular (cf. RIO-TORTO, 2014) e amálgama (cf. CORREIA; ALMEIDA, 2012) na literatura sobre o tema. Nesse trabalho, adotaremos o termo *blending* para nos referirmos ao processo de criação de palavras ou lapsos, e o termo *blend* para designar seu resultado.

⁵⁸ As palavras-fonte são as palavras que se cruzam para dar origem ao *blend*. Para a formação de *maragnífico*, que discutiremos no exemplo (38), temos que as palavras-fonte são *maravilhoso* e *magnífico*.

⁵⁹ De acordo com Haspelmath e Sims (2010, p. 34), “Linguists often distinguish two basic types of morphological patterns: concatenative, which is when two morphemes are ordered one after the other, and non-concatenative, which is everything else”. Ou seja, a morfologia não concatenativa engloba processos em que a ordenação dos morfemas não se dá de modo linear, com o acréscimo de segmentos aos limites base. Além dos *blends*, modificação da base, reduplicação, conversão e morfologia templática também são exemplos de processos morfológicos não concatenativos.

conta da ocorrência, nessas duas palavras, da sílaba [te]. As duas ocorrências dessa sílaba nas duas palavras origem aparecem sobrepostas na palavra resultante. Podemos sugerir, portanto, duas hipóteses de segmentação: i) *triste* + *testemunho* (em que a sequência *teste*, de *testemunho*, desaparece), ii) *triste* + *testemunho* (em que a sequência *te*, de *triste*, e *tes*, de *testemunho*, desaparecem). Na Figura 11, temos a representação da sobreposição fonológica nesse *blend*.

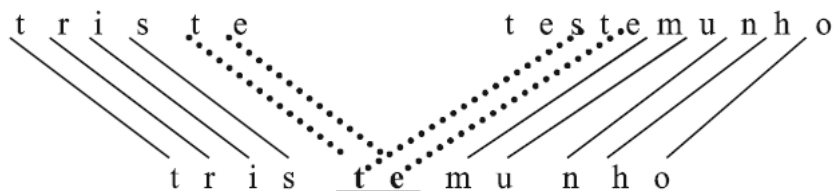


Figura 11 Representação do *blend* “tristemunho” (cf. GONÇALVES, 2003, p. 151).

O caso de *apartamento* é ainda mais drástico no que concerne à ausência de linearidade no processo de formação de um *blend*, uma vez que a forma resultante exhibe uma ordem de suas partes menores – *apert* + *amento* – invertida em relação à ordem dos termos do sintagma que lhe corresponde: *apartamento apertado*.

É interessante observar que, da mesma maneira que esse é um processo criativo usado para cunhar novas palavras na língua intencionalmente, ele também gera lapsos de fala, que são fenômenos de ocorrência singular e espontânea. Ou seja, os *blends* podem tanto ser o resultado de um processo regular de formação de novas palavras na língua, quanto de uma falha no processamento. Nesse sentido, os *blends* de palavra constituem uma categoria muito particular dentro dos lapsos de fala, pois são os únicos que exibem propriedades que seriam, de alguma maneira, compatíveis com um processo de formação de palavras na língua. Além disso, este é o único tipo de lapso de fala criado a partir de processos morfológicos não concatenativos em PB.

Nesta seção, portanto, iremos analisar os lapsos de *blends* de palavra em PB com o objetivo não só de descrever suas propriedades, mas também de compará-los com as características dos *blends* neológicos encontrados na literatura. Para continuar nossa discussão, será pertinente definirmos os seguintes termos, que usaremos daqui em diante: *blends neológicos* e *blends de palavra*. Usamos o termo *blends neológicos* para nos referirmos aos *blends* que se formam por meio do processo regular de formação de palavras, e que são, portanto, neologismos. Esse tipo de formação engloba os *blends* que já são de uso comum e que, muitas vezes, integram o vocabulário da língua. Em

oposição, o termo *blends de palavra*⁶⁰ corresponde aos lapsos de fala, ocasionados pela fusão entre duas palavras-alvo por meio de uma falha de processamento involuntária. *Blends* de palavra normalmente têm uma realização única e não se tornam palavras novas da língua. Observamos que na literatura sobre o processo de *blending* em PB tal diferenciação não tem sido feita, e a discussão é fomentada apenas por *blends* neológicos. É necessário, portanto, observarmos se as mesmas propriedades se aplicam também aos *blends* de palavra.

Para continuarmos a discussão, as próximas subseções foram organizadas da seguinte maneira: em 5.1.1, retomaremos os principais aspectos dos *blends* de palavra tratados na literatura sobre os lapsos de fala. Em 5.1.2, descreveremos os *blends* de palavra do PB, tendo em vista as propriedades descritas na literatura. Após discutir os principais aspectos dos lapsos de fala, em 5.1.3, vamos comparar os *blends* neológicos com os *blends* de palavra levando em conta a classificação estabelecida na literatura para os *blends* do PB (cf. 5.1.3.1), as categorias morfossintáticas dos *blends* (cf. 5.1.3.2) e as relações gramaticais internas aos *blends* (cf. 5.1.3.3).

5.1.1. Os *blends* de palavra na literatura sobre lapsos de fala

Os *blends* de palavra são lapsos de fala resultantes do cruzamento entre duas palavras-alvo. Normalmente o cruzamento ocorre quando há duas formas semanticamente equivalentes disponíveis no enunciado alvo, resultando na fusão fonológica entre as duas. Conforme destaca Garrett (1988), “*blends* de palavra diferem das substituições de palavra em uma característica essencial, os *blends* se dão entre itens que são igualmente aceitáveis como candidatos para um determinado espaço na frase (i.e. preservam o valor de verdade intencional, e a substituição de palavra, não)⁶¹” (cf. GARRETT, 1988, p. 91). Por exemplo, no dado em (38), as palavras *maravilhoso* e *magnífico*, que mantêm uma relação sinonímica entre si, são fonologicamente mescladas, dando origem à forma *maragnífico*.

⁶⁰ Optamos por usar o termo *blend de palavra* para nos referirmos aos *blends* de lapso de fala porque há dois tipos de *blends* de lapsos de fala: os *blends* de palavra e os *blends* frasais (cf. seção 5.2).

⁶¹ Tradução nossa, no original: “Word blends differ from word substitutions in an essential feature. They hold between items that are equally acceptable as candidates for a given phrasal slot (i.e., they preserve intended truth value; word substitutions do not).” (cf. GARRETT, 1988, p. 91).

(38) Maragnífico ← Maravilhoso / Magnífico

Segundo Pfau (2009, p. 307), a formação dos *blends* de palavra ocorre quando dois conceitos relacionados são ativados no componente conceituador, o que faz com que suas raízes sejam selecionadas ao mesmo tempo na lista 1. Na derivação sintática, ambas as raízes entram em um único nó, de modo que, em PF, os dois IVs correspondentes são selecionados. Por questões articulatórias, as formas fonológicas são fundidas para *Spell-Out*. Desse modo, temos que a fusão das duas palavras se dá após a realização das operações morfológicas, por isso as unidades em jogo são partes de palavras, ou segmentos fonológicos, e não morfemas⁶². Como apontamos no dado em (38), apresentado acima, partes das palavras-fonte podem ser apagadas ou sobrepostas em PF, caracterizando a natureza não concatenativa desse processo.

Nobrega (2010, p. 55) aponta para a existência de dois tipos de *blends* de palavras:

(39) Tipos de *blends* de palavras (cf. NOBREGA, 2010, p. 55)

- i) aqueles que envolvem palavras com o significado semelhante;
- ii) aqueles que ocorrem por distração.

Os *blends* do primeiro tipo caracterizam-se pela ativação simultânea de dois conceitos cujo significado é apropriado para o enunciado, como é o caso de *maragnífico*, (*maravilhoso* + *magnífico*). Nesse caso, o que predomina é a relação semântica entre as palavras-fonte, que, provavelmente, poderiam funcionar como sinônimos no enunciado em questão. Por outro lado, no caso dos *blends* por distração, os conceitos não são semanticamente relacionados, mas ambos são ativados por uma interferência de pensamento. Ressaltamos, porém, que não houve ocorrências de *blends* por distração entre os dados que serão aqui analisados, sendo, portanto, todos do primeiro tipo⁶³. Para ilustrar o segundo tipo, apresentamos abaixo um lapso descrito em Freud (1958):

⁶² Pfau (2009), no entanto, não entra no mérito de delimitar quais segmentos de cada forma fonológica serão realizados e quais serão apagados, uma vez que, para o autor, essa questão é puramente fonológica.

⁶³ Também não encontramos dados de *blends* por distração no *corpus* apresentado no anexo do trabalho de Nobrega (2010).

Um cavalheiro falava a uma jovem senhora, cujo esposo falecera pouco antes. Depois de dar-lhe os pêsames, acrescentou: “achará consolo em consagrar-se (*widmen*) agora completamente a seus filhos”. Mas, abrigando um pensamento reprimido, referente a outro consolo que existia para sua interlocutora, jovem e formosa viúva (*witwe*), que não tardaria a gozar novas alegrias sexuais, confundiu os sons das palavras *widmen* (*consagrar-se*) e *witwe* (*viúva*), dizendo *widwen* em sua frase de consolo. (cf. FREUD, 1958, p. 82)

No entanto, esses dois grupos apontados por Nobrega (2010), ou ainda a hipótese de processamento dos *blends* de Pfau (2009) nos parecem insuficientes para classificar os tipos de *blends* de palavras constatados nos lapsos de fala do nosso *corpus*, pois não contemplam os casos em que a fusão das palavras-fonte ocorre por problemas de localização das raízes adjacentes da sentença. Ou seja, além dos casos em que as palavras-fontes do *blend* estão em uma relação de equivalência semântica, que podemos chamar de *blends paradigmáticos*, encontramos lapsos em PB em que as palavras-fontes do *blend* estão em uma relação de adjacência, que podemos chamar de *blends sintagmáticos*, conforme apresentaremos a seguir.

5.1.2. Os *blends* de palavra do PB

Entre os 28 *blends* de palavra encontrados no *corpus* para o PB, distinguimos dois tipos distintos classificados de acordo com a relação que as palavras-fonte estabelecem entre si: *blends paradigmáticos* e *blends sintagmáticos*. O Quadro 3 aponta a distribuição dos dados de *blends* de palavras de acordo com a classificação aqui sugerida:

Paradigmático	16
Sintagmático	12
Total de dados =	28

Quadro 3 Número de lapsos de fala do tipo *blend de palavra* por relação entre as palavras-fonte

No caso dos *blends* de palavra, especificamente, as palavras-fonte podem ser palavras-alvo ou não. Para os *blends paradigmáticos*, as palavras-fonte são também palavras-alvo, pois qualquer uma delas poderia realizar o próprio enunciado-alvo⁶⁴. Em outros termos, se ambas as palavras comportam significados apropriados ao enunciado,

⁶⁴ Entendemos por *enunciado-alvo* a realização do enunciado aquele que é produzido conforme a intenção comunicativa do falante, sem falhas no processamento. Ou seja, o enunciado-alvo é a maneira como a sentença ou a palavra deveriam ter sido realizadas caso não houvesse um lapso.

a relação de sinonímia que os itens estabelecem entre si implica que apenas um deles deveria estar presente no enunciado-alvo. Assim, considerando os dados em (38) e (40), respectivamente, os enunciados-alvo poderão se realizar de uma das duas formas a seguir: i) como *maravilhoso* ou *mosquito*; ou, ii) como *magnífico* ou *pernilongo*. Nesse caso, as palavras-fonte ativadas deveriam ocupar o mesmo lugar na estrutura, e a relação entre as palavras-fonte é paradigmática.

(40) Mosquilongo ← Mosquito / Pernilongo

Por outro lado, para os *blends* sintagmáticos, uma das palavras do enunciado-alvo sofre antecipação ou preservação e, portanto, não é realizada na posição esperada. Por exemplo, em *obrigaldo*, *blend* do enunciado-alvo “*Obrigada, Heraldo*”, a palavra *Heraldo* é realizada na mesma posição que a palavra *obrigada*, ou seja, sua forma fonológica sofre uma antecipação, resultando no *blend* das palavras que compõe a expressão. O que estamos observando aqui, portanto, é que as outras raízes, que também fazem parte do enunciado-alvo, podem, da mesma forma, influenciar a formação de *blends* sintagmáticos, porque elas podem sofrer antecipação ou preservação do seu conteúdo fonológico, gerando a fusão. Nesses casos, as palavras-fonte não guardam correspondência semântica entre si (o que caracterizaria a relação paradigmática): o que prevalece é sua relação sintagmática. Logo, os *blends* sintagmáticos podem ser o resultado da antecipação, preservação ou troca entre palavras adjacentes no enunciado-alvo, conforme veremos nos dados abaixo.

(41) Provavelmente vai ser Chitãoró e (...) ← Provavelmente vai ser Chitãozinho e Chororó

(42) Tinha um saco enorme de ração de radorro. ← Tinha um saco enorme de ração de cachorro⁶⁵

(43) Eu tenho dois tios, o Anildes e o Antonísio. ← Eu tenho dois tios, o Anísio e o Antonildes.

⁶⁵ Esse dado é ambíguo e pode ser analisado de duas maneiras: como um erro puramente fonológico de preservação do traço [+contínuo] do fonema /h/, ou como um *blend* sintagmático do cruzamento entre as formas fonológicas ração e cachorro (ração + cachorro). Não é possível, no entanto, determinar qual das análises está correta em termos de como o lapso foi de fato processado, mas ambas podem ser explicadas dentro do sistema adotado, seja em termos de uma falha no processamento que gerou um *blend*, ou em termos de uma falha no componente articulador, que também está prevista no sistema de Pfau (2009).

Os lapsos (41) e (42) ilustram a fusão por antecipação ou preservação de outra palavra na sentença, respectivamente. No caso em (41), *Chitãoró* resulta da antecipação do nome *Chororó* que sucederia *Chitãozinho* (***Chitãozinho*** + *Chororó*). Em (42), *ração* entra em fusão com *cachorro* devido à preservação da palavra na sentença (***Ração*** + *Cachorro*), formando *rachorro*. Por outro lado, o *blend* sintagmático do tipo que se tem em (43), ocorre quando há tanto a antecipação, quanto a preservação de uma palavra. Nesse lapso, por exemplo, observamos que dois nomes estão em uma relação de coordenação, sendo que a ordem das palavras não altera semanticamente o enunciado-alvo. Desse modo, ambas as palavras-fonte se sobrepõem para ocupar os espaços simultaneamente, gerando as fusões de nomes próprios *Anildes* (***Anísio*** + *Antonildes*) e *Antonísio* (*Antonildes* + ***Anísio***).

Esses casos diferem ligeiramente do que foi proposto por Pfau (2009) e Nobrega (2010), pois não estamos lidando com um problema na ativação dos conceitos no componente conceitualizador, mas apenas com a ativação dos conceitos desejáveis para a boa formação do enunciado-alvo. Logo, se o problema não se inicia no componente conceitualizador, possivelmente estamos lidando com falhas resultantes de problemas exclusivos de PF. Desse modo, temos que a formação de *blends* paradigmáticos e sintagmáticos é ligeiramente diferente, pois enquanto os *blends* paradigmáticos têm uma falha na seleção das raízes na lista 1, sendo mais de uma selecionada simultaneamente, os *blends* sintagmáticos são resultado apenas de uma falha fonológica, já que os elementos são ativados corretamente.

5.1.3. Diferenças entre os *blends* de palavra e os *blends* neológicos

Apesar de os *blends* terem sido pouco estudados como resultado dos lapsos de fala, tem havido um avanço considerável nos estudos de *blending* como um processo de criação de palavras, tanto em PB quanto em outras línguas (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015; GONÇALVES, 2003; RIO-TORTO, 2014; BASILIO, 2010; ARAÚJO, 2000; LEHRER, 2003; 2007; LEHER; VERES, 2000). Os esforços vêm de diferentes correntes teóricas e abordam o *blending* sob pontos de vista distintos, chegando a algumas conclusões interessantes, como observaremos. A questão que prevalece, no entanto, é se tais análises também dão conta descritivamente dos lapsos de fala já que esses dados têm sido sistematicamente excluídos dos estudos.

A seguir, retomaremos algumas características dos *blends* conforme discutido na literatura, tais como sua classificação, as relações gramaticais entre as palavras-fonte, e a questão da expressividade semântica na sua formação. Ressaltamos, porém, que o que vem sendo discutido na literatura sobre *blending* é baseado na análise de *blends* neológicos exclusivamente; por isso, as classificações que serão apresentadas nas próximas seções tomam esse tipo como ponto de partida. Assim, ao discutirmos as propriedades dos *blends* do PB, investigaremos as semelhanças entre o processo na formação de neologismo e de lapsos de fala.

5.1.3.1. A classificação dos *blends* no PB

Com base na divisão fornecida por Minussi e Nóbrega (2014), os *blends* do PB podem ser classificados em três categorias de acordo com critérios morfofonológicos e semânticos.

<i>Blends</i> Fonológicos	<i>Blends</i> Morfológicos	<i>Blends</i> Semânticos
- presença de um ou mais segmentos idênticos sobrepostos.	- ausência de quaisquer segmentos fonológicos idênticos nas palavras-fontes; - truncamento de uma ou de ambas as palavras-fontes.	- reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos de uma das palavras-fontes; - substituição do segmento fonológico reanalisado por segmentos fonológicos equivalentes ao de outra raiz com traços enciclopédicos distintos.
Por exemplo: - <i>matel</i> < <i>mato</i> + <i>motel</i> - <i>roubodízio</i> < <i>roubo</i> + <i>rodízio</i>	Por exemplo: - <i>cariúcho</i> < <i>carioca</i> + <i>gaúcho</i> - <i>portunhol</i> < <i>português</i> + <i>espanhol</i>	Por exemplo: - <i>boacumba</i> < (<i>má</i>)- <i>cumba</i> - <i>bebemorar</i> < (<i>come</i>)- <i>morar</i>

Quadro 4 Classificação dos *blends* por Minussi e Nóbrega (2014, p. 168).

A classificação estabelecida por Minussi e Nóbrega (2014) assemelha-se àquela utilizada por Basilio (2010) e Gonçalves e Almeida (2007), com diferenças apenas nas nomenclaturas utilizadas: o termo *entranhamento lexical* (cf. GOLÇALVES; ALMEIDA, 2007) corresponde a *blend fonológico*, assim como *combinação truncada* (cf. GOLÇALVES; ALMEIDA, 2007) corresponde a *blend morfológico* e *reanálise* (cf. BASILIO, 2010) e *criação analógica* (cf. GOLÇALVES; ALMEIDA, 2007) a *blend semântico*.

No entanto, Gonçalves (2003) assume que o processo de *blending* é diferente da criação analógica. No caso das criações analógicas, ou *blends* semânticos na nomenclatura acima, o autor interpreta a reanálise fonológica de parte da palavra-fonte como uma substituição sublexical⁶⁶:

Vistos dessa forma, BLs⁶⁷ distinguem-se de criações analógicas, aqui interpretadas como substituições sublexicais por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo” (BAT-EL, 1996). A palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação. Em “macumba”, por exemplo, a sequência “má” – que não apresenta qualquer status morfológico – é idêntica ao adjetivo “má”. A palavra invasora (“boa”) é projetada a partir dessa sequência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. “Boa” promove o constituinte “má” à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa sequência. (cf. GONÇALVES, 2003, p. 152).

O autor justifica, portanto, que a estrutura das criações analógicas é diferente da dos *blends*, pois, enquanto os *blends* contêm duas palavras-fontes como *input* à formação de uma terceira, as criações analógicas têm apenas uma base servindo de *input* para o processo. Desse modo, temos que *bebemorar* se forma a partir de *comemorar* somente, e da aplicação da reanálise do segmento *come* que será reinterpretado como uma forma do verbo *comer*, o que possibilita a troca por *bebe*, uma forma do verbo *beber*. Por outro lado, um *blend* do tipo *portunhol* tem duas palavras-fontes como *input* (*português + espanhol*), e a formação da nova palavra depende da fusão entre elas. Com base nisso, assumimos que o que Gonçalves (2003) classifica como *blends* são apenas os dois primeiros tipos descritos acima, os *blends* fonológicos e os morfológicos.

Por sua vez, Basílio (2010) apresenta o conceito de fusão vocabular expressiva (doravante, *fuve*)⁶⁸, e aponta que apenas os *blends* fonológicos comportam-se dessa maneira. Segundo a autora:

Assim, a fusão vocabular tem um objetivo expressivo, um objetivo de criar uma unidade lexical em que o elemento qualificador se integra no significado global da palavra base para provocar algum impacto. Essa integração se faz simultaneamente pela via fonológica e pela via semântica (cf. BASÍLIO, 2010, p. 204).

⁶⁶ O termo *substituição sublexical* (cf. GONÇALVES, 2003, p. 152) indica que a substituição ocorreu com uma parte da parte da palavra, apenas.

⁶⁷ A sigla BL corresponde à *blend*.

⁶⁸ Como sugere Basílio (2010).

Vemos que o conceito de *fuve* criado pela autora baseia-se primordialmente na integração entre as vias fonológica e semântica, como ocorre em *boilarina* (*boi* + *bailarina*). Nesse exemplo, os fonemas [b] e [i] da sílaba inicial das duas palavras-fontes são compartilhados no *blend*, fazendo com que parte da estrutura fonológica da palavra qualificadora *boi* seja a mesma da palavra modificada *bailarina*. Tendo em vista essa característica, conforme mencionamos, apenas *blends* fonológicos podem ser considerados, de fato, *fuves*, porque não há compartilhamento de segmentos fonológicos nos outros tipos.

Pensando na classificação, apontamos que os lapsos de fala coletados apresentam as estruturas de *blends* fonológicos, como em (44) ou de *blends* morfológicos, como em (45), representados, respectivamente, pelas Figura 12 e Figura 13. Contudo, até agora, não atestamos nenhum *blend* semântico.

(44) Tchau amor, boa naula. ← Tchau amor, boa natação / aula

(45) Mosquilongo ← Mosquito / Pernilongo



Figura 12 Representação do *blend* “naula”.

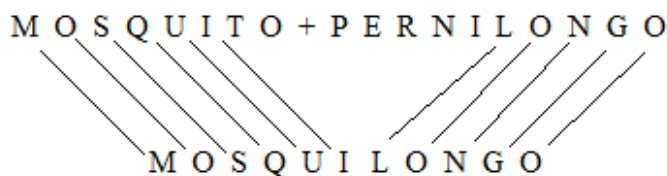


Figura 13 Representação do *blend* “mosquilongo”.

Nossa hipótese é que a não ocorrência dos *blends* semânticos não seja aleatória, mas sim uma consequência da sua estrutura. É possível que a reanálise semântica de uma parte dos segmentos fonológicos e a sua substituição por uma raiz equivalente com traços semânticos distintos seja apenas um processo consciente nos falantes, que têm como objetivo a criação de uma palavra com conteúdo expressivo. Desse modo, não seria possível ocorrer a reanálise de um item sublexical de maneira acidental e

espontânea nos lapsos de fala, pois isso iria requerer que o falante tivesse consciência sobre o processamento. Isto é, entendemos que a capacidade de identificar um elemento sublexical com conteúdo semântico compartilhado com o conteúdo da palavra e substituí-lo por outra palavra não deve ser um processo fortuito.

É interessante notar que a não ocorrência de *blends* semânticos nos lapsos reflete, de alguma maneira, as considerações de Gonçalves (2003). Para o autor, como já mencionamos, os *blends* semânticos são, na verdade, criações analógicas e têm estrutura diferente dos demais. Além disso, a despeito de constatarmos a ocorrência de lapsos de fala com estruturas de *blends* fonológicos, nenhum deles pode ser classificado como uma *fuve*, nos termos descritos por Basílio (2010). Isso se dá porque o objetivo da *fuve* é a integração entre a via fonológica e a semântica, na qual um elemento qualificador se integra no significado da palavra. No caso dos *blends* atestados com lapsos de fala, há apenas a integração pela via fonológica, pois em nenhum dos casos há um elemento qualificador.

Conforme já mencionamos, nos *blends* de palavra, que nos prendem mais a atenção nesta pesquisa, as palavras-fontes estão em relação paradigmática ou sintagmática, não sendo atestados casos em que há uma relação de modificação entre elas. Com isso, temos que o termo *fuve* não pode ser utilizado para os lapsos de fala, restringindo-se aos *blends* neológicos somente.

5.1.3.2. Categorias morfossintáticas dos *blends*

Os *blends* podem ser formados a partir de relações isocategoriais ou heterocategoriais⁶⁹ entre as palavras-fonte. A categoria morfossintática do *blend*, por sua vez, vai ser dada pela categoria da palavra-fonte que é o núcleo da fusão. Segundo Rio-Torto (2014), que analisa apenas os *blends* neológicos, é possível encontrar os dois tipos de relações, resultando das seguintes combinações categoriais:

⁶⁹ As relações heterocategoriais são aquelas em que as categorias morfossintáticas das palavras-fontes são diferentes, como em *apartamento* (apartamento + apertado), pois temos a fusão de um nome e um adjetivo. Já as relações isocategoriais ocorrem quando as palavras-fontes têm a mesma categoria, tal como em *chafé* (chá + café), ambos nomes. A categoria morfossintática do *blend*, por sua vez, é dada pelo núcleo da fusão.

Nome + Nome	<i>argumentiras</i> (<i>argumento</i> + <i>mentiras</i>); <i>contrabandoleiro</i> (<i>contrabando</i> + <i>bandoleiro</i>);
Adjetivo + Adjetivo	<i>atrapalhaço</i> (<i>atrapalhado</i> + <i>palhaço</i>); <i>atrevida</i> (<i>atrevida</i> + <i>vivida</i>);
Verbo + Verbo	<i>abenssonhar</i> (<i>abençoar</i> + <i>sonhar</i>); <i>liquedesfazer</i> (<i>liquefazer</i> + <i>desfazer</i>);
Nome + Adjetivo	<i>Carolinda</i> (<i>Carolina</i> + <i>linda</i>); <i>Mariavilhosa</i> (<i>Maria</i> + <i>maravilhosa</i>);
Adjetivo + Nome	<i>maldição</i> (<i>mau</i> + <i>audição</i>); <i>loucomotiva</i> (<i>louco</i> + <i>locomotiva</i>);

Quadro 5 Relações isocategoriais e heterocategoriais nos blends (cf. RIO-TORTO, 2014, p. 16)⁷⁰

A autora ainda destaca que são formados, predominantemente, *blends* nominais (85% do seu *corpus*) e, em menor quantidade, adjetivos (15% do *corpus*). Porém, o mesmo padrão não se repete nos *blends* de palavra, de que tratamos aqui, como vemos no Quadro 6:

Nome + Nome	18
Adjetivo + Adjetivo	1
Verbo + Verbo	7
Adjetivo + Nome	1
Nome + Verbo	1
Total de dados	28

Quadro 6 Distribuição dos *blends* de palavra por categorias morfossintáticas

Um fato que chama a nossa atenção ao observar o Quadro 6 é que há uma predominância de *blends* isocategoriais nos lapsos de fala. Enquanto vinte e seis dos dados são isocategoriais, somente dois deles, apresentados em (46)⁷¹ e (47), são heterocategoriais.

(46) Obrigaldo. ← Obrigada, Heraldo!

(47) Não posso correr se não a toque atassa. ← (...) correr se não a tosse ataca

Esses dados revelam que, apesar de raros no *corpus*, é possível encontrarmos *blends* de palavra heterocategoriais, especialmente se considerarmos os *blends* sintagmáticos. Acreditamos que essa predominância seja um reflexo das propriedades de licenciamento das raízes na estrutura, pois, de acordo com a MD, as raízes são

⁷⁰ Os exemplos apresentados foram extraídos pela autora da obra de Mia Couto.

⁷¹ Esse dado já foi discutido brevemente acima, na seção 5.2.

acategoriais e são categorizadas em função do ambiente de licenciamento em que se encontram. Nesse caso, portanto, as raízes selecionadas nos *blends* paradigmáticos, ocupam o mesmo nó sintático, e, por isso, são licenciadas pelo mesmo categorizador. Logo, as palavras-fontes sempre serão isocategoriais. Para os *blends* sintagmáticos, por sua vez, a correspondência entre as classes das palavras-fonte nem sempre se mantém, o que pode resultar na formação de *blends* heterocategoriais, como é o caso dos dados em (46) e (47), uma vez que palavras adjacentes podem ter categorizadores diferentes. Os dados comprovam essa hipótese, já que todos os *blends* paradigmáticos são isocategoriais, enquanto os sintagmáticos podem ser hétero ou isocategoriais.

Logo, quando comparamos a descrição da literatura sobre *blending* com os dados de lapsos de fala, constatamos que há uma diferença na distribuição entre as categorias morfossintáticas das palavras-fontes dos *blends* neológicos e de palavras, sendo as relações heterocategoriais predominantes no segundo tipo. Isso decorre de uma observação geral feita com base nas propriedades dos *blends* de palavra: *blends* paradigmáticos devem ser isocategoriais.

5.1.3.3. Relações gramaticais internas aos *blends*

Alguns autores consideram o processo de *blending* semelhante à composição (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014; RIO-TORTO, 2014), sendo distintos apenas porque o *blending* desencadeia a ruptura da ordem linear, causando sobreposição ou apagamento fonológico. Além de apresentarem padrões similares de combinação entre as categoriais morfossintáticas, também espera-se que os *blends* permitam as mesmas relações gramaticais internas aos compostos. As relações da estrutura interna dos compostos são: subordinação, atribuição e coordenação (cf. BISETTO; SCALISE, 2005; SCALISE; BISETTO, 2009). Entretanto, não há convergência entre Minussi e Nóbrega (2014) e Rio-Torto (2014) sobre quais os tipos de relações gramaticais são manifestadas nos *blends*.

Conforme aponta Rio-Torto (2014), os *blends* apresentam relações gramaticais internas de coordenação e modificação atributiva, apenas. A autora destaca que, até o momento, não encontrou exemplos de *blends* com subordinação, tão comum nos compostos, especialmente no caso de compostos [VN] (cf. *abre-latas* e *guarda-chuva*).

Desse modo, no Quadro 7, estão dispostos os tipos de *blends* descritos pela autora quanto às relações gramaticais e os padrões de fusão das categorias morfossintáticas:

Coordenação	
[NN] _N	<i>abreijos, cantautor, diciopédia</i>
[AA] _A	<i>abismaravilhado, analfabuto, fabulástico</i>
[VV] _V	<i>estremexer, omentir, liquidesfazer</i>
Modificação	
[NA] _N	<i>Carolinda, Mariavilhosa, estuditário</i>
[NA] _N	<i>agradádiva, loucomotiva, maldição</i>
[NN] _N	<i>argumentira, nuventania</i>

Quadro 7 Padrões de coordenação e modificação em *blends*, adaptado de Rio-Torto (2014, p. 20)

Minussi e Nóbrega (2014), por outro lado, apontam a existência de relações subordinadas nos *blends* também, em fusões como: *cartomente* (*cartomante* + *mente*) e *Berluscome* (*Berlusconi* + *come*). O que chama nossa atenção, porém, independente das diferenças entre os autores citados, é que todos os *blends* de palavra do nosso *corpus* se assemelham apenas a estrutura de coordenação, não havendo nenhum dado que manifeste uma relação de modificação atributiva ou subordinação.

Segundo Minussi e Nóbrega (2014), uma característica fundamental dos *blends* é o seu tom jocoso, cômico, que se dá pela modificação ou oposição não esperada entre as palavras-fontes. Nesse sentido, os autores propõem que a formação dos *blends* não seja, meramente, uma redução fonológica de segmentos, mas que haja a interferência de um componente semântico-enciclopédico na sua formação.

Essa redução de segmentos fonológicos gera outra característica comum aos *blends*, nomeadamente, a produção de um efeito estilístico, relacionado ao cômico e ao jocoso. Nesse ponto, encontramos uma primeira evidência para um *input* semântico-enciclopédico na formação desses dados, pois o caráter cômico é derivado da oposição semântica entre as palavras-fontes (e.g., *boilarina* < *boi* + *bailarina*), ou da modificação causada por uma das palavras-fontes (e.g., *apartamento* < *apartamento* + *apertado*). (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 164)

Os *blends* de palavra, por outro lado, são formados espontaneamente, sem objetivo cômico, e, como já constatamos, não exprimem relações de modificação atributiva entre as palavras-fonte. Logo, no caso dos lapsos de fala, não podemos assumir que, assim como nos *blends* neológicos, há interação entre a redução fonológica e um *input* semântico-enciclopédico, uma vez que eles não são motivados por efeitos estilísticos e não são derivados por oposição ou modificação semântica.

Considerando que não encontramos dados que nos levem a presumir uma interferência semântica na formação dos *blends* de palavra, devemos assumir que *blends* de palavra e *blends* neológicos têm formações diferentes dentro do sistema, sendo, portanto, fenômenos distintos. Nossos dados corroboram a hipótese de Pfau (2009) de que os *blends* de palavra são formados pela fusão fonológica das palavras-fontes em PF, sendo que a falha que leva à criação do *blend* pode ocorrer por dois motivos: (i) pela ativação de duas raízes semanticamente equivalentes na lista 1, que entrarão na derivação no mesmo nó sintático, originando um *blend* paradigmático, ou (ii) pela antecipação ou preservação do conteúdo fonológico de alguma raiz adjacente à palavra-alvo na sentença, originando um *blend* sintagmático. Porém, conforme já demonstramos, essa hipótese é incompatível com a formação de *blends* neológicos, segundo a análise de Minussi e Nóbrega (2014), uma vez que, para gerar efeito estilístico, esse tipo de *blend* recebe *input* semântico-enciclopédico, sendo formado, portanto, com interferência da lista 3.

Desse modo, constatamos que os *blends* de palavra apresentam propriedades distintas daquelas descritas na literatura para os *blends* neológicos, pois as relações estabelecidas entre as palavras-fonte nos dois casos são diferentes. Enquanto os *blends* neológicos são formados a partir de relações gramaticais de modificação, coordenação e subordinação, o que determina a formação dos *blends* de palavra são as relações paradigmáticas ou sintagmáticas entre as palavras-fonte. Além disso, cabe ressaltar que os *blends* de palavra são formados sem a interferência do componente semântico-enciclopédico, porque, ao contrário dos *blends* neológicos, não são motivados por efeitos estilísticos, sendo, portanto, o resultado de uma falha de processamento apenas.

5.2. *Blends* frasais

Os *blends* frasais são lapsos de fala caracterizados pelo cruzamento de duas formas alternativas de codificar o mesmo enunciado. Essas formas paralelas podem ser estruturas sintáticas inteiras ou raízes que estão simultaneamente disponíveis para a realização fonológica de um mesmo nó sintático. Em (48), apresentamos um exemplo deste lapso em PB:

(48) Bonito seu corrente ← (a)/(b)

a) Bonito seu colar

b) Bonita sua corrente

Nesse dado, temos que ambas as raízes de $\sqrt{\text{CORRENT}}$ e $\sqrt{\text{COLAR}}$ foram selecionadas da lista 1 para a derivação sintática, porque têm o mesmo significado no contexto em questão. Desse modo, as raízes ocupam o mesmo lugar na estrutura sintática e estão disponíveis para a realização fonológica na frase, resultando nas possíveis sentenças-alvo (48)a e (48)b. O cruzamento entre (48)a e (48)b ocorre, portanto, no nível estrutural, pois o pronome possessivo masculino *seu* e o adjetivo *bonito* estão concordando em gênero com o nome *colar*, que não é realizado fonologicamente no enunciado. Assim, os indícios de que houve o processamento paralelo das duas sentenças emergem do desencontro (em inglês *mismatch*) entre, por um lado, o gênero do pronome possessivo e do adjetivo e, por outro lado, o gênero do nome que deveria ter desencadeado a concordância entre estes elementos, evidenciando o cruzamento entre esses dois sintagmas paralelos.

Nesta seção, iremos discutir esse tipo de lapso de fala, revisitando, primeiramente (cf. seção 5.2.1), suas propriedades mais gerais, tais como descritas na literatura (cf. BUTTERWORTH, 1982; GARRETT, 1988; 1993; PFAU, 2000; 2009). Em seguida, na seção 5.2.2, descrevemos os *blends* frasais encontrados no PB, considerando os aspectos relevantes para a língua, tais como classe flexional e gênero.

5.2.1. Propriedades gerais dos *blends* frasais

Os *blends* frasais refletem formulações alternativas para a mensagem que o falante pretendia comunicar, e, assim como os *blends* de palavra (c.f. seção 5.1.), expressam duas formas alternativas de dizer a mesma coisa (cf. GARRETT, 1988; 1993). No entanto, enquanto nos *blends* de palavra as raízes selecionadas sofrem fusão fonológica, havendo sobreposição ou apagamento de material sonoro, a fusão dos *blends* frasais manifesta-se em sua estrutura sintática. Um *blend* frasal resulta, portanto, do cruzamento entre dois sintagmas-alvos alternativos que foram intercalados, como em (49):

(49) Do I have to put on my seatbealt on? ← (a)/(b)

a) Do I have to put on my seatbelt?

b) Do I have to put my seatbelt on?

(cf. STEMBERGER, 1982 *apud* TAYLOR, 2012)

No lapso em (49), a preposição *on* aparece realizada em duas posições, antes e depois do objeto. Nesse caso, a duplicação da preposição é consequência da fusão entre as duas sentenças-alvos paralelas: (49)a e (49)b. Assim, como também vimos no exemplo do PB apresentado em (48), o *blend* frasal é o cruzamento entre duas estruturas alternativas no nível sintático, sem que haja sobreposição fonológica como ocorre nos *blends* de palavra.

Discutindo os tipos de *blends* frasais, Butterworth (1982) distingue os erros de planejamento alternativo dos erros de planejamento de competição. No primeiro tipo, o *blend* ocorre entre enunciados com significados equivalentes, sendo a fusão derivada da falha do processamento em não escolher, isto é, não eliminar, uma das alternativas disponíveis. Este é o caso dos lapsos em (48) e (49), para o qual as sentenças (48)a e (48)b, e (49)a e (49)b, compartilham o mesmo significado, respectivamente. Nos casos de erros de planejamento de competição, os enunciados alternativos não guardam relação semântica entre si, mas são o resultado de uma interferência de um pensamento paralelo, alheio ao enunciado-alvo formulado. Os erros de planejamento de competição, nos termos postos por Butterworth (1982), são, portanto, o cruzamento entre ideias distintas que estão co-ocorrendo na mente do falante. O exemplo em (50), dito quando o falante estava com fome, ilustra esse tipo:

(50) I've eaten all my library ← I've read all my library⁷²

(cf. HARLEY, 1984 *apud* GARRETT, 1988)

Dessa maneira, comparando a classificação de Butterworth (1982) com a de Stemberger (1993), a fonte dos erros de planejamento alternativo é não contextual, ou paradigmática (cf. ILIOVITZ, 2001; 2007), porque é a manifestação de uma estrutura

⁷² Uma análise alternativa para esse dado seria classificá-lo como uma substituição de palavra, apenas, e não um *blend* frasal. Desse modo, teríamos a troca do verbo *read* por *eat* sem o paralelismo entre duas estruturas em competição. Como não há outros resquícios sintáticos na frase, não há evidências que comprovem que houve um processamento paralelo de dois sintagmas. Nesse caso, ambas as análises são possivelmente válidas.

com significado semelhante, enquanto a fonte dos erros de planejamento de competição é ambiental, podendo decorrer da interferência de enunciados externos ou pensamentos subconscientes do falante.

Para Garrett (1988; 1993), os *blends* frasais representam forte evidência de que há processamento paralelo interno ao sistema de computação de sentenças. A autora assume que a similaridade de significados é a condição que desencadeia o processamento paralelo no caso dos erros de planejamento alternativo, porém, o processamento de erros de planejamento de competição deve ser diferente. Como vimos, os erros do segundo tipo são ligados a cadeias de pensamentos alheias ao enunciado alvo, sendo assim, as sentenças paralelas não carregam o mesmo conteúdo semântico. Logo, Garrett (1988; 1993) assume que os erros de planejamento de competição requerem representações distintas no nível da mensagem, enquanto os erros de planejamento alternativo, não.

O nível de duplicação do processamento necessário é diferente para planos alternativos e de competição, uma vez que planos alternativos não exigem representações distintas no nível da mensagem, nem, conforme podemos argumentar, no nível Funcional. Certamente, há casos em que os erros parecem estar ligados a cadeias de pensamento fora da mensagem planejada – A explicação dos erros de Freud (1901; ver também Motley, 1980) fornece um exemplo óbvio da influência de planos em competição, embora com uma bagagem teórica extra.⁷³ (cf. GARRETT, 1988, p. 91)

Para explicar os erros de planejamento alternativo⁷⁴, Pfau (2009) diz que duas raízes semanticamente relacionadas são selecionadas na lista 1, mas apenas uma dessas raízes receberá a forma fonológica na lista 2. Desse modo, ambas as raízes selecionadas ficam disponíveis paralelamente durante o processamento da sentença. Nesses casos, é possível que uma delas seja realizada fonologicamente, enquanto a concordância do sintagma se dá a partir dos traços gramaticais do elemento que fica fonologicamente

⁷³ Tradução nossa, no original: “The level of processing duplication necessary is different for alternative and competing plans since the former do not require distinct representations at M, nor it might be argued, even at F. There most certainly are instances in which error seems to be linked to thought trains outside the intended message - Freud's accounts of error (1901; see also Motley 1980) provide an obvious example of competing plan influences, though with extra theoretical baggage.” (cf. GARRETT, 1988, p. 91)

⁷⁴ Em seu trabalho, Pfau (2009) não faz distinção entre casos de planejamento alternativo e entre planejamento de competição, porém sua explicação só daria conta dos erros do primeiro tipo, uma vez que o autor postula que o lapso seja uma decorrência da seleção de duas raízes com significados semelhantes na lista 1. Tendo em vista que os erros de planejamento de competição não são desencadeados pela seleção de formas semanticamente equivalentes, a proposta do autor abarca apenas o primeiro tipo.

nulo, o que pode acarretar em erros de concordância devido ao desencontro dos traços gramaticais, conforme vimos em (48).

Por fim, vamos ressaltar que os *blends* frasais podem estar condicionados ao paralelismo entre duas estruturas sintáticas ou entre duas raízes. No lapso em (51), por exemplo, as sentenças (51)a e (51)b exibem estruturas sintáticas diferentes, mas que compartilham o mesmo significado. Nesse sentido, temos que o *blend* em (51), é o cruzamento entre duas sentenças alternativas.

(51) This is getting very difficult to cut this. ← (a)/(b)

a) This is getting very difficult to cut.

b) It's getting very difficult to cut this

(cf. STEMBERGER, 1982 *apud* TAYLOR, 2012)

Por outro lado, em (52) e (53), abaixo, há duas raízes alternativas para ocupar a mesma posição na sentença. Nesses casos, ambas as formas estão disponíveis paralelamente no processamento da sentença, mas apenas uma deverá ser realizada fonologicamente.

No dado em (52), a escolha para realização fonológica se dá entre *man* ('one' 3.sg) e *wir* ('we' 1.pl). Nesse lapso, a existência das duas formas durante um estágio do processamento fica em evidência pelo erro de concordância entre o sujeito e verbo – o sujeito singular *man* não concorda com forma de plural do verbo *können*.

(52) weil **man** das Kind nicht frag-en **könn-en** ← weil (a)/(b)

because one the child not ask-INF can-1.PL ← because

a) man das Kind nicht frag-en kann

one the child not ask-INF can.3.SG

b) wir das Kind nicht frag-en könn-en

we the child not ask-INF can-1.PL

“Because one / we cannot ask the child.” (cf. PFAU, 2009, p. 150)

Em (53), por sua vez, temos um desencontro dos traços de gênero e número no DP. Os nomes *kopfweh* ('headache' neutro singular) e *kopfschmerzen* ('headpain' masculino plural) estão sendo processados paralelamente. Nesse caso, o adjetivo

leichtes ('*slight*') concorda com o nome neutro singular, embora o nome fonologicamente realizado seja aquele masculino plural.

- (53) ich habe so **leicht-es** **Kopfschmerz-en** ← (a)/(b)
I have much *slight-SG.n* *headpain(m)-PL*
 a) leicht-es Kopfweh
 slight-SG.n *headache(n)*
 b) leicht-e Kopfschmerz-en
 slight-PL.m *headapain(m)-PL*
 "I have a slight headache" (cf. PFAU, 2000, p. 71)

Ou seja, enquanto o dado em (51) implica a computação paralela de duas estruturas sintáticas diferentes que sofrem fusão no nível fonológico, os lapsos como (52) e (53) ocorrem quando duas raízes ocupam a mesma posição estrutural, assim como nos *blends* de palavra. Mas, ao contrário dos *blends* de palavra, apenas uma das raízes irá receber conteúdo fonológico, enquanto a outra irá desencadear a concordância com os demais elementos. Assim, a fusão, nesse caso, não é fonológica, mas uma decorrência do desencontro de traços entre as formas alternativas.

Além do dado em (51), o exemplo que apresentamos em (49) também pode ser considerado como um *blend* frasal com sentenças alternativas, ao passo que (48) configura-se como um *blend* frasal com raízes alternativas.

Na próxima seção, passaremos ao tratamento dos dados coletados para o PB.

5.2.2. Considerações sobre os *blends* frasais do PB

Ao longo da coleta de lapsos de fala em PB, encontramos dez lapsos correspondentes a *blends* frasais. A baixa quantidade de dados parece uma decorrência da dificuldade em detectar o fenômeno, uma vez que é possível que o falante processe sentenças alternativas paralelamente sem que a realização fonológica cause estranheza aos ouvintes, de maneira que nem sempre podemos identificar sentenças ou raízes em processamento paralelo. Por exemplo, imaginemos que, no lapso em (48), repetido em (54), as raízes selecionadas fossem $\sqrt{\text{COLAR}}$ e $\sqrt{\text{PINGENT}}$, como sugere (55).

- (54) Bonito seu corrente.
 (55) Bonito seu (...) ← (a)/(b)
 a) Bonito seu colar
 b) Bonita seu pingente

Nesse caso, ainda que a concordância ocorresse com a forma não realizada fonologicamente (com *pingente*, em (55)a, ou com *colar*, em (55)b), não teríamos indícios de que houve um processamento paralelo dos dois itens, pois os nomes *colar* e *pingente* compartilham o mesmo gênero e classe nominal e, portanto, não haveria um desencontro de traços.

Apesar disso, consideramos que os lapsos encontrados são bastante significativos para a discussão do fenômeno, especialmente porque podem fomentar a discussão sobre a relação entre gênero e classe flexional, bem como suas representações formais dentro da perspectiva assumida pela MD, conforme veremos adiante.

No Quadro 8, abaixo, exibimos o total dos lapsos de *blends* frasais coletados classificados entre aqueles que são derivados de sentenças alternativas e aqueles com raízes alternativas.

<i>Blends</i> frasais com sentenças alternativas	2
<i>Blends</i> frasais com raízes alternativas	8
Total de dados =	10

Quadro 8 Número de lapsos de fala de *blend* frasais por tipo de elementos alternativos

Inicialmente, iremos observar os dois *blends* frasais formados a partir da fusão entre duas estruturas sintáticas paralelas, os quais estão transcritos em (56)⁷⁵ e (57).

- (56) Não me deixa na frente senão eu me [e]rro. ← (a)/(b)
 a) Não me deixa na frente senão eu erro.
 b) Não me deixa na frente senão eu me perco.

⁷⁵ O erro foi cometido por uma aluna que ia apresentar um pôster em um congresso em parceria com uma colega. Logo, quando a falante diz “Não me deixa na frente senão eu me [e]rro”, ela queria que dizer que podia errar ou se perder durante a apresentação. Dessa maneira, as sentenças (55)a e (55)b são equivalentes semanticamente porque ambas traduzem a mesma mensagem, sendo ela a possibilidade de a falante ficar confusa e não proceder corretamente à apresentação.

(57) Ele escreveu o menino que roubava livros. ← (a)/(b)

- a) Ele escreveu o menino do pijama listrado.
- b) Ele escreveu a menina que roubava livros.

Em (56), temos um *blend* frasal de planejamento alternativo, pois, no contexto em questão, as sentenças (56)a e (56)b apresentam uma correspondência de significados. Nesse caso, a fusão entre as sentenças alternativas gera a agramaticalidade da sentença, uma vez que os verbos *errar* e *perder* têm estruturas argumentais diferentes. Além disso, observamos também um efeito fonológico nesse lapso, pois em vez de ter-se produzido o verbo como [ε]rro, com a vogal média baixa anterior, a realização foi [e]rro, com a vogal média alta anterior. Uma análise possível é pensar que a realização de [ε] como [e] se deve à influência da vogal média alta no verbo p[e]rco, presente na sentença alternativa. Dessa maneira, em (56), o cruzamento sintático entre as duas sentenças-alvo seria evidenciado também pela influência fonológica entre *perco* e *erro*.

Em (57), dois sintagmas que correspondem aos nomes dos livros foram processados paralelamente, originando as sentenças-alvo em (57)a e (57)b. Para além da referência errada ao título do livro, não há nada no lapso que viole a gramaticalidade no PB. Nesse caso, só é possível determinar a ocorrência do lapso pelo conhecimento de mundo⁷⁶, e, concluímos que, embora não haja uma falha gramatical no enunciado, a sentença em (57) é o resultado do cruzamento entre os alvos (57)a e (57)b.

O mesmo efeito pode ser visto no exemplo em (58), abaixo, apresentado por Iliovitz (2001), em que não há violação de gramaticalidade, e a sentença é sintaticamente bem formada.

(58) Vocês não vão querer cometer esse risco. ← (a)/(b)

- a) Vocês não vão querer cometer esse erro.
- b) Vocês não vão querer correr esse risco. (cf. ILIOVITZ, 2001, p. 132)

O lapso em (58) decorre da fusão entre duas expressões idiomáticas do PB: *cometer esse erro*, em (58)a, e *correr esse risco*, em (58)b. Ou seja, embora não haja um erro estrutural propriamente dito, a inadequação da expressão idiomática pode

⁷⁶ Destacamos que a falante se corrigiu imediatamente após cometer o lapso, o que elimina a possibilidade de o erro ter decorrido do desconhecimento dos títulos dos livros.

evidenciar a falha de processamento paralelo entre as duas sentenças, que resultou no *blend* frasal.

Desse modo, podemos observar que *blends* frasais, especialmente aqueles formados por sentenças alternativas, podem resultar em estruturas que, embora sejam gramaticais em PB, evidenciam a fusão entre duas sentenças-alvo processadas paralelamente por questões pertinentes a conhecimento enciclopédico ou extralinguístico.

Os *blends* frasais com raízes alternativas encontrados no nosso *corpus*, por outro lado, são sempre agramaticais, pois apresentam um desencontro entre traços gramaticais. Além do exemplo em (57), apresentamos abaixo outros lapsos de fala desse tipo:

- (59) Eu sou a padrinha de casamento do meu irmão. ← Eu sou a madrinha de casamento do meu irmão.
- (60) Depois o ouvido dele inflama e a culpa é minha ← (a)/(b)
- a) Depois o ouvido dele inflama e a culpa é minha.
 - b) Depois a orelha dele inflama e a culpa é minha.
- (61) E essa sapata do cão me machucando ← (a)/(b)
- a) E esse sapato do cão me machucando.
 - b) E essa sandália do cão me machucando.

Em (59), apesar de a palavra-alvo ser *madrinha*, a sentença é realizada com a forma masculina *padrinho*. Nesse caso, possivelmente, ambas as raízes foram selecionadas na lista 1 e foram paralelamente processadas. Porém, o cruzamento entre as duas formas disponíveis deu origem ao lapso “*a padrinha*”, com um desencontro dos traços de gênero⁷⁷. Em (60), por sua vez, as raízes alternativas selecionadas são √ORELH e √OUVID. Para esse lapso, a raiz realizada fonologicamente é √ORELH, porém ela recebe o traço masculino e a vogal temática –o, correspondente a classe I de formas não verbais em PB (cf. ALCÂNTARA, 2003, 2010), a que pertence o nome *ouvido*. Por fim, em (61), as raízes selecionadas paralelamente são √SANDÁLI e √SAPAT. Assim como ocorreu com os nomes *ouvido* e *orelha*, em (60)a,b, os nomes *sandália* e *sapato*,

⁷⁷ A relação entre os nomes *padrinho* e *madrinha* aparece mais duas vezes nos *blends* frasais do nosso *corpus*, nos lapsos “Vamos ser madrinhos” (← Vamos ser padrinhos) e “Ela vai ser padrinha” (← Ela vai ser madrinha).

em (61)a,b têm gêneros e classes distintas. No lapso “*essa sapata*”, portanto, há o desencontro de gênero e de vogal temática, porque a raiz realizada é a do nome *sapato*, mas o gênero feminino e a vogal temática *-a*, da classe II de formas não verbais do PB, correspondem ao nome *sandália*.

Nesse sentido, observamos um fenômeno bastante interessante nos *blends* frasais do PB: nos casos em que os nomes alternativos apresentam gêneros e classes diferentes, como vimos nos lapsos em (60) e (61), o desencontro entre o gênero da forma realizada e o determinante sempre é acompanhado de um desencontro da vogal temática que marca a classe de elementos não verbais. Ou seja, dentro dessa categoria, não encontramos dados em que houvesse um desencontro de gênero (marcado pela forma do determinante), desacompanhado do desencontro da marca de classe no nome. Em outros termos, não houve casos em que o nome alternativo tenha preservado a marca de classe, apesar da mudança de gênero do determinante com que concorda. De modo paralelo, também não se encontrou um exemplo em que a marca de classe do nome alternativo variasse em relação à do nome esperado, sem que isso se fizesse acompanhar pelo desencontro de gênero⁷⁸. Desse modo, verificamos uma relação de dependência entre gênero e classe nominal nos *blends* frasais, uma vez que o desencontro de gênero implica no desencontro de classe e vice-versa.

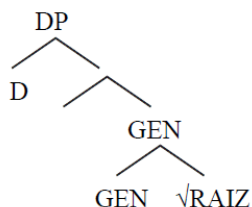
A abordagem tradicional para a questão de gênero e classe nominal em PB prevê que estes são domínios autônomos, sendo que a atribuição de gênero e da classe nominal ao radical é feita de maneira independente, idiossincraticamente, ou por meio de regras de redundância⁷⁹ (cf. ALCÂNTARA, 2003). Contudo, o principal problema para essa abordagem é a perda da generalização possível entre gênero e classe para os nomes das classes I e II, visto que, salvo exceções, a maioria dos nominais da classe I, terminados em *-o*, são masculinos, enquanto que a maioria dos nomes da classe II, terminados em *-a*, são femininos. Com base nos nossos dados de *blends* frasais, a abordagem de Alcântara (2003) também não explicaria porque, nos lapsos, o desencontro do traço de gênero parece estar associado à vogal temática realizada. Assim, para dar conta dessa relação e explicarmos a formação dos *blends* frasais em PB, devemos optar por um sistema que relacione gênero e classe nominal.

⁷⁸ Quando gênero e classe distinguem-se entre as duas raízes alternativas selecionadas, os *blends* frasais apresentam desencontro para ambos. Não temos exemplos no corpus de lapsos como *esse sapata* ou *essa sapato*, em que o nome realizado fonologicamente preserva seu gênero ou sua vogal temática.

⁷⁹ As regras de redundância atuam sobre os nomes masculinos pertencentes à classe I e os nomes femininos pertencentes à classe II.

Dentro da perspectiva da MD, Armelin (2015) propõe um sistema que unifica as noções de gênero e classe nominal. Segundo essa proposta, as marcas de gênero e classe nominal ocupam um mesmo núcleo sintático. Tal núcleo é identificado como gênero (GEN) e é parte da projeção estendida do nome (cf. (62)).

(62) **Estrutura básica de partida para nomes**



(cf. ARMELIN, 2003, p. 52)

Nesse sistema, gênero e classe nominal são codificados uma única vez no mesmo núcleo sintático, e, portanto, a classe temática, por si só, não é um primitivo gramatical. O agrupamento por classes em PB é definido apenas pelo resultado de diferentes possíveis expoentes fonológicos para o núcleo sintático de GEN. De acordo com os pressupostos da MD, o expoente fonológico da vogal temática será definido por meio da competição entre os IVs. De modo geral, os IVs *default* mapeiam o núcleo GEN para *-a* no contexto feminino, e para *-o* no contexto masculino, conforme os IVs em (63).

(63) **Realização fonológica *default* no núcleo de GEN**

a) [f]_{gen} ↔ a

b) [m]_{gen} ↔ o

(cf. ARMELIN, 2015, p. 54)

Por outro lado, os casos em que a forma fonológica da vogal final é imprevisível – nomes femininos terminados em *-o*, nomes masculinos terminados em *-a* e nominais pertencentes às demais classes do PB – precisam ser listados em algum lugar no sistema de maneira a prevenir a inserção dos IVs *defaults*. Armelin (2015) explica, então, a existência desses nominais através de IVs mais especificados que incluem as raízes relevantes em sua especificação contextual. Desse modo, pelo princípio do subconjunto, os IVs com especificações contextuais vencerão a competição, bloqueando a realização dos IVs *defaults* para as raízes listadas. Os IVs com especificação contextual para o

caso dos nomes masculinos terminados em *-a* e femininos terminados em *-o* estão em (15).

(64) **Especificação contextual dos Itens de Vocabulário**

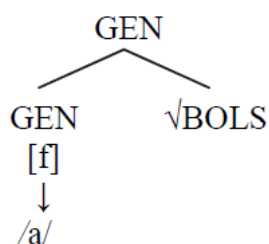
- a) $[m]_{\text{gen}} \leftrightarrow a / \{\sqrt{\text{PLANET}}; \sqrt{\text{MAP}}; \sqrt{\text{PROBLEM}}; \text{etc.}\}$
 b) $[f]_{\text{gen}} \leftrightarrow o / \{\sqrt{\text{TRIB}}; \sqrt{\text{LIBID}}; \sqrt{\text{VIRAG}}; \text{etc.}\}$

(cf. ARMELIN, 2015, p. 55)

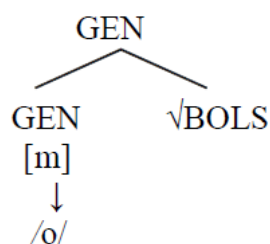
Logo, a inserção vocabular dos IVs ocorrerá como em (65), dado a estrutura sintática dos nominais *bolsa*, *bolso*, *planeta* e *tribo* (de (65)a à (65)d, respectivamente). A raiz $\sqrt{\text{BOLS}}$ será realizada com vogal final *-a* quando o núcleo de GEN for feminino, e com *-o*, quando o núcleo GEN for masculino, de acordo com a inserção dos IVs *defaults*. Por outro lado, a raiz $\sqrt{\text{PLANET}}$ receberá o expoente fonológico *-a*, ainda que o núcleo de GEN seja masculino, porque o IV (64)a é mais especificado para esse contexto. Enquanto isso, a raiz $\sqrt{\text{TRIB}}$ receberá o expoente *-o*, também mais especificado contextualmente, seguindo (64)b, do que o IV *default*.

(65) **Estrutura sintática dos nominais**

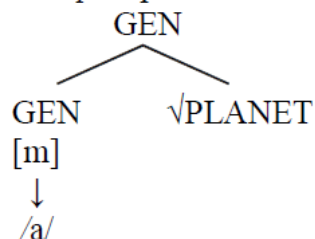
a) *Output: bolsa*



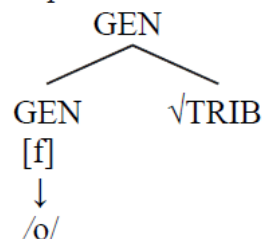
b) *Output: bolso*



c) *Output: planeta*



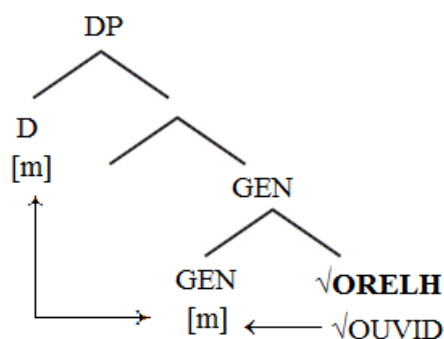
d) *Output: tribo*



(cf. ARMELIN, 2015, p. 54 – 55)

Assim, assumindo que tanto gênero quanto classe nominal são determinados pelo núcleo sintático GEN, é possível entendermos o efeito de dependência que ambos estabelecem nos *blends* frasais. Em (66), observamos a estrutura derivada a partir do lapso em (60), que dá origem ao *blend* frasal “o *orelho*”. Nesse caso, como já dissemos acima, duas raízes alternativas são selecionadas na lista 1, nomeadamente $\sqrt{\text{ORELH}}$ e $\sqrt{\text{OUVID}}$, mas apenas uma delas, $\sqrt{\text{ORELH}}$ (em negrito na estrutura), é realizada fonologicamente. No entanto, é o traço masculino, referente ao nominal *ouvido*, que fica disponível no núcleo de GEN. Dessa forma, o traço de masculino é copiado para o determinante para estabelecer a concordância nominal. Por fim, a realização da vogal final *-o* se dá, pois a raiz $\sqrt{\text{ORELH}}$ não está especificada contextualmente, e, portanto, recebe o expoente fonológico *default* para masculinos.

(66) **Estrutura sintática do blend frasal “o *orelho*”**



Ou seja, o sistema unificado proposto por Armelin (2003) se mostra bastante vantajoso, porque, com ele, conseguimos explicar a relação entre gênero e classe nos *blends* frasais utilizando os mesmos mecanismos que atuam na formação de expressões bem-formadas na língua.

5.3. Substituições que envolvem aspectos semânticos

Segundo Dell (1986), quando consideramos a produção de uma sentença, podemos prever alguns erros que poderiam acontecer envolvendo a troca de palavras. Supondo o processamento de uma sentença como *Eu escrevi uma carta para a minha mãe*, por exemplo, podemos pensar em cinco tipos de substituições envolvendo a palavra *carta*:

- i) O nome *carta* pode ser substituído por outros nomes que mantenham com ele uma relação semântica, tal como *bilhete*, *envelope* ou *e-mail*;
- ii) O nome *carta* pode ser substituído por outros nomes presentes na sentença-alvo, como *mãe*;
- iii) O nome *carta* pode ser substituído por nomes semanticamente relacionados a outros nomes da sentença, como *pai* ou *irmã*;
- iv) O nome *carta* pode ser substituído por outros nomes, através de uma interferência ambiental (se, por ventura, o falante se distrair com um carro, ou outro objeto contextual, isso pode ocasionar a substituição pelo nome *carro*);
- v) O nome *carta* pode ser substituído por nomes que lhes são semelhantes fonologicamente, como *carga*.

Considerando esses possíveis tipos de erros relatados por Dell (1986), nesta seção, investigaremos a ocorrência das substituições dos tipos (i) e (iii), ou seja, aquelas cujo erro está condicionado à semelhança semântica entre as palavras que interagem entre si⁸⁰. Para tal, na seção 5.3.1., iremos apresentar uma caracterização geral desse tipo de lapso de acordo com Dell (1986), Fromkin (1971) e Pfau (2009). Em seguida (cf. seção 5.3.2.), descreveremos as substituições baseadas em aspectos semânticos encontradas em PB.

5.3.1. Propriedades gerais das substituições que envolvem aspectos semânticos

As substituições baseadas em aspectos semânticos ocorrem quando palavras do enunciado-alvo são trocadas por outras palavras que contém traços semânticos em comum. Nesses casos, as palavras podem manter diferentes relações semânticas, como antonímia, co-hiponímia, relação de parte-todo ou outra relação de associação mais ampla (cf. PFAU, 2009, p. 87). O erro em (67), por exemplo, ocorre devido à substituição da palavra *cold* por *hot*, ou seja, envolve adjetivos antônimos. Em (68), por

⁸⁰ Excluiremos, no entanto, erros como a troca de *carta* por *mãe*, na sentença exemplificada, isto é, erros em que há a antecipação ou a preservação de outra palavra da sentença. Esse tipo de lapso será tratado na seção 5.5. Já erros do tipo em (iv) (conforme indicado na seção 5.3), que envolvem a semelhança fonológica entre as palavras, serão detalhados na próxima seção.

sua vez, o nome *neck* é trocado por *nose*, sendo ambos co-hipônimos, sugerindo partes do corpo. Em (69), a troca de *sun* por *world* envolve uma associação semântica mais ampla, mas ainda é possível, de fato, ver uma conexão. Por fim, o lapso em (69) ocorre a partir da substituição de *Baum* (árvore) por *Zweig* (galho), mantendo a relação de parte-todo, uma vez que o galho é uma parte da árvore.

(67) This room is too damn hot ← This room is too damn cold
(cf. FROMKIN, 1971, p. 46)

(68) Bridge of the nose ← Bridge of the neck
(cf. FROMKIN, 1973, p. 37)

(69) under the world ← under the sun
(cf. FROMKIN, 1971, p. 46)

(70) damit kommst du auf keinen grünen Baum
with.that come you_(SG) on no._M green._M tree_(M)
 ← grünen Zweig
 ← *green._M branch_(M)*
 ‘With that you’ll never get anywhere’ (cf. PFAU, 2009, p. 87)

De acordo com Dell (1986), a similaridade⁸¹, nesse caso a similaridade semântica, é um forte fator de influência na ocorrência de lapsos de fala. Isto é, as palavras que interagem no erro tendem a ser semelhantes em significado e/ou som. Portanto, para Dell (1986), a similaridade semântica facilita a falha na produção linguística, tornando esse tipo de lapso bastante recorrente.

Além da similaridade semântica, Dell (1986, p. 292) propõe que há uma restrição categorial atrelada à substituição de palavras: “qualquer item que substitua outro item em um erro de substituição deve ser membro da mesma categoria que o item adequado”⁸². Esse parece ser o caso para os exemplos ilustrados acima: em (67) a troca

⁸¹ Para Dell (1986), a similaridade afeta os erros de duas maneiras: através da similaridade dos itens, que pode ser por similaridade de significado ou de som, e a similaridade ambiental, quando há repetição de um mesmo fonema. O segundo caso é exemplificado por *heft lemisphere* (em vez de *left hemisphere*) no qual a vogal /e/ é adjacente aos fonemas trocados /l/ e /h/. (cf. DELL, 1986, p. 293). De acordo com o autor: “Em teoria, similaridade ambiental e similaridade dos itens podem ser entendidas como resultantes de conexões próximas na rede lexical” (cf. DELL, 1986, p. 293).

⁸² Tradução nossa, no original: “Any item that replaces some other item in a substitution error must be a member of the same category as the proper item” (cf. DELL, 1986, p. 292).

ocorre entre adjetivos, e nos demais lapsos, de (68) a (70), a substituição acontece entre dois nomes.

Diversos autores já investigaram a substituição de palavras baseada em aspectos semânticos em contraste com a substituição de palavras baseada em aspectos fonológicos (cf. seção 5.4.), e o que se tem demonstrado é que esse tipo de erro é uma evidência em favor da separação entre o acesso das palavras por via semântica e fonológica em modelos de processamento da produção linguística (cf. FROMKIN, 1971, GARRETT, 1975, LEVELT, 1986; 1993, DELL, 1986, PFAU, 2009). A seguir, iremos apresentar a visão de três autores sobre como esse tipo de lapso é processado em seus respectivos modelos. Consideraremos as hipóteses de Fromkin (1981), Dell (1986) e Pfau (2009).

Fromkin (1971) defende a visão clássica da seleção lexical, chamada por Dell (1986) de teoria da seleção lexical em dois estágios (em inglês *two-step theory of lexical selection*). Nessa hipótese, a partir de uma estrutura sintática com traços semânticos identificados, o acesso lexical ocorre, primeiro, em uma subseção do léxico ordenada por classes semânticas. Nessa etapa, os traços semânticos são mapeados e obtém-se a direção de um endereço. Por endereço, entendemos a localização onde as especificações fonológicas de uma palavra estão armazenadas. Ou seja, o endereço indica onde cada palavra está listada, de modo que palavras com sons semelhantes e que pertençam à mesma categoria sintática tenham endereços próximos. Desse modo, o endereço fonológico de palavras similares (como *carta* e *carga*, por exemplo) está listado próximo um do outro. Por fim, o item com o endereço acessado é selecionado, e suas propriedades fonológicas são especificadas (cf. FROMKIN, 1971, p. 49). Na Figura 14, temos a representação do mapeamento entre a especificação semântica e o endereço que conecta o item aos traços fonológicos.

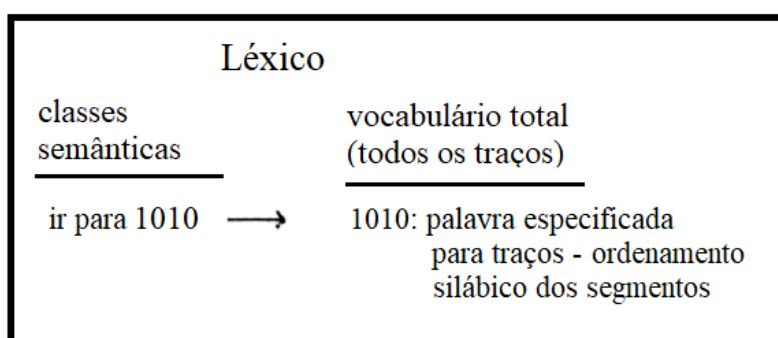


Figura 14 Acesso lexical (adaptado de FROMKIN, 1971, p. 50)

Nesse sentido, temos dois estágios no acesso lexical: o primeiro passo consiste em ir de uma especificação semântica a um endereço, e, o segundo, selecionar, por meio do endereço, a forma fonológica da palavra. Na imagem, o primeiro passo é representado do lado esquerdo, onde os itens estão organizados de acordo com o conteúdo semântico. Nesse estágio, cada item é associado à sua representação semântica e está mapeado a um endereço. Do lado direito, que corresponde ao segundo passo, está o vocabulário total, que contém as especificações fonológicas (i.e. traços, fonemas, ordenamento silábico) de todos os itens, listados pelos seus endereços. Assim, o falante irá acessar o conteúdo fonológico do item selecionado por meio de seu endereço correspondente.

Para Fromkin (1971), portanto, os erros de substituição baseados em aspectos semânticos ocorrem no primeiro estágio, sendo resultado do mapeamento errado dos traços semânticos. Tendo em vista que os itens estão organizados em classes semânticas nessa etapa, a proximidade de um item pode levar a especificação do endereço incorreto.

As substituições baseadas em aspectos fonológicos, por outro lado, acontecem no segundo estágio, conforme aponta Dell (1986):

Assim, de acordo com a teoria de seleção lexical em dois estágios, um erro é causado no mapeamento do significado até o endereço ou no mapeamento do endereço à palavra, mas não em ambos. Essencialmente, isso significa que as substituições semânticas de palavras e substituições fonológicas de palavras devem ser grupos distintos. (cf. DELL, 1986, p. 318)⁸³

Dell (1986), por sua vez, assume que o léxico funciona como uma rede, e não como uma lista. O processamento da produção da sentença será gerado em níveis. Isto é, a representação da sentença em planejamento será construída em vários níveis: semântico, sintático, morfológico e fonológico, sendo a construção da representação inferior guiada pelas representações superiores através da propagação da ativação. Logo, o principal mecanismo de tradução de informação de uma representação para outra é a propagação da ativação através do léxico (cf. DELL, 1986, p. 287).

No caso das substituições que envolvem aspectos semânticos, o erro ocorre na ativação do lema inadequado devido à interferência de outro lema que não faz parte da

⁸³ Tradução nossa, no original: “Thus, according to the two-step theory, a given error is caused either in the mapping from meaning to address or in the mapping from address to word, but not in both. Essentially, this means that semantic word substitutions and phonological word substitutions should be disjoint sets” (cf. DELL, 1986, p. 318).

sentença-alvo. Cada lema representa um nó e esse conjunto de nós está organizado de maneira que lemas que compartilhem uma relação semântica estejam próximos uns aos outros. Isso pode levar à ativação de um lema incorreto como uma consequência da difusão da ativação, uma vez que, na teoria de Dell (1986), a ativação do nó está sujeita a se espalhar⁸⁴. O mesmo pode ser dito nos casos dos lapsos em que a palavra que é inserida mantém uma relação semântica com outra palavra da sentença, mas não com aquela que ela substituiu. Nesse caso, dois lemas próximos recebem ativação, levando um deles a ocupar outro lugar na sentença e inibindo a ativação do próximo lema.

Rede Lexical

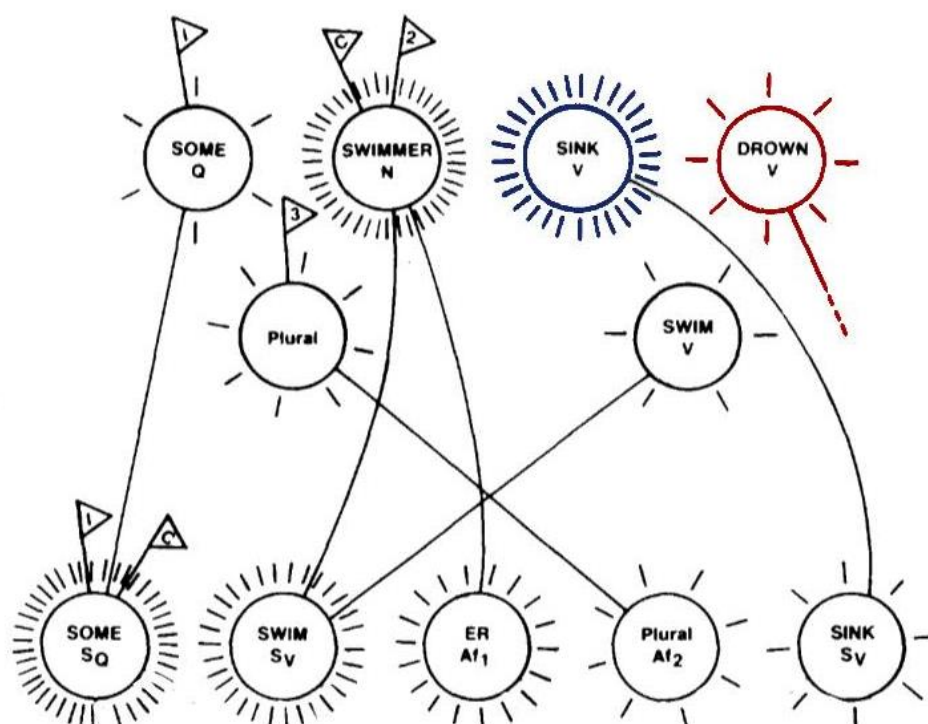


Figura 15 Rede lexical (adaptado de Dell, 1986, p. 290)⁸⁵

⁸⁴ Os fatores que condicionam a propagação da ativação são discutidos em Dell (1986, p. 292-293) e incluem: influência do *output*, similaridade, distância e velocidade da fala. No caso das substituições baseadas em aspectos semânticos, conforme já indicamos, a propagação da ativação é decorrente de efeitos de similaridade entre os lemas.

⁸⁵ A figura mostra o processamento da sentença “*some swimmers sink*” de acordo com o modelo de Dell (1986), sendo que, nessa representação, o nível lexical está representado na primeira linha, enquanto o nível morfológico está representado pela segunda linha. Assim, temos que, para formular tal sentença, primeiro, devemos ativar os lemas correspondentes: *some*, *swimmer*, plural e *sink*. A ordem de ativação é representada pelas bandeiras triangulares em cima dos lemas. Dell (1986) propõe que os lemas sejam marcados quanto a sua classe, por isso, abaixo dos lemas temos as marcas q (quantificador), n (nome) e v (verbo). Após a ativação dos lemas no nível lexical, a ativação prossegue para o nível inferior. Desse modo, o lema *some* irá ativar a base *some*, enquanto *swimmer* precisará ativar dois nós, a base verbal *swim* e o afixo *-er*, e o plural irá ativar o afixo de plural. Por fim, o lema *sink* irá ativar a base verbal *sink*.

Na Figura 15, acima, temos uma representação simplificada da sentença “*some swimmers sink*”. A representação apenas leva em conta a ativação dos lemas e dos morfemas, e ignora o nível fonológico a título de simplificação. Observando a imagem, vemos que, além da ativação do lema *sink*, o lema *drown* também recebeu ativação devido à similaridade semântica com *sink*, no nível lexical. No entanto, como *sink* tem mais ativação que *drown*⁸⁶, *sink* será a palavra realizada na sentença conforme o pretendido. Se *drown*, por outro lado, tivesse mais ativação, teríamos uma substituição baseada no aspecto semântico. Notamos também que, no nível lexical, os lemas estão organizados de maneira que lemas com significados semelhantes estejam próximos, o que permitirá o espalhamento da ativação entre eles. Assim, na Figura 15, temos os lemas de *sink* e *drown* um ao lado do outro.

Pfau (2009), por sua vez, também concorda com a hipótese da separação entre os acessos às informações semânticas e fonológicas, assim como Fromkin (1981) e Dell (1986). No entanto, a perspectiva pela qual o autor explica o lapso é relativamente diferente, uma vez que ele adota um modelo de processamento de produção linguística que atua de acordo com a teoria da gramática da MD, como já vimos. Considerando que a MD assume a existência de listas nas quais estão distribuídas as propriedades semânticas, sintáticas e fonológicas das expressões linguísticas, a teoria é, portanto, compatível com essa separação.

De acordo com esse modelo, as substituições que envolvem aspectos semânticos são explicadas em termos da ativação e seleção de raízes na lista 1. Isto é, para formular linguisticamente uma mensagem, conceitos são ativados de acordo com a intenção comunicativa do falante. Os nós conceituais são conectados a componentes semânticos (relações semânticas, propriedades, etc), formando uma rede conceitual que Pfau (2009) assume ser idêntica à lista 3. Em suas palavras: “Isso implica que a Enciclopédia é, não só, responsável por interpretar o *output* do sistema computacional, mas também por determinar quais elementos irão entrar no sistema computacional”⁸⁷ (cf. PFAU, 2009, p. 90). Por sua vez, os conceitos mais ativados na rede conceitual irão ser selecionados na lista 1. Assim, as raízes e traços morfossintáticos selecionados entram na derivação. Considerando esse processo, os erros de substituição baseados em aspectos semânticos

⁸⁶ O nível de ativação é representado pelos traços ao redor do círculo na Figura 15. Assim, como o nó *sink* tem mais traços do que o nó *drown*, ele obteve mais ativação e, por isso, foi o selecionado.

⁸⁷ Tradução nossa, no original: “This implies that the Encyclopedia is not only responsible for interpreting the output of the computational system but also for determining which elements enter the computational system” (cf. PFAU, 2009, p. 90).

ocorrem quando um conceito-intruso recebe mais ativação do que o conceito-alvo. A maior ativação do conceito-intruso leva, então, à seleção da raiz correspondente. No caso do lapso em (69), repetido em (71), por exemplo, o conceito de WORLD teve uma ativação superior ao conceito de SUN, sendo a ativação desencadeada devido à associação semântica entre os conceitos que, portanto, estavam conectados na rede conceitual. Logo, a raiz $\sqrt{\text{WORLD}}$ foi incorretamente selecionada, causando a substituição.

(71) under the world ← under the sun

Além dos erros que correspondem aos que discutimos nos dados de (67) a (70), chamados de “substituições semânticas” por Pfau (2009), o autor distingue outros dois tipos de substituições que envolvem aspectos semânticos: *antecipações e preservações semânticas verdadeiras* e *blends de deslocamento* (em inglês *shift blends*). A diferença entre as substituições semânticas e esses dois últimos tipos é que, enquanto a raiz-intrusa toma o lugar na sentença da raiz-alvo, no caso das substituições semânticas, nos outros dois tipos a raiz-intrusa irá substituir outra raiz, mas não aquela com a qual estabelece uma relação semântica. Abaixo, ilustramos esses tipos de erros:

(72) beim Reden sprech-en wir nicht ← beim Laufen
at.the talking speak-PL we not ← at.the running
 ‘We don’t speak while running.’ (cf. PFAU, 2009, p. 92)

(73) they even fly on the wing ← sleep on the wing (cf. PFAU, 2009, p. 92)

Em (69), $\sqrt{\text{RED}}$ substitui $\sqrt{\text{LAUF}}$. A interferência que causou a substituição vem de $\sqrt{\text{SPRECH}}$, uma vez que os significados de $\sqrt{\text{RED}}$ e $\sqrt{\text{SPRECH}}$ são semanticamente compatíveis, e podem ser considerados sinônimos para a sentença em questão. Nesse caso, conforme descreve Pfau (2009, p. 292), as raízes $\sqrt{\text{RED}}$ e $\sqrt{\text{SPRECH}}$ estão disponíveis para inserção, e, ao invés de haver uma escolha, as duas raízes são realizadas, mas em diferentes posições, tendo a raiz $\sqrt{\text{RED}}$ substituído outra. Em (73), a raiz intrusa $\sqrt{\text{FLY}}$ substitui $\sqrt{\text{SLEEP}}$, sendo a substituição desencadeada pela associação semântica entre $\sqrt{\text{FLY}}$ e $\sqrt{\text{WING}}$.

Nos casos em que duas raízes de significados semelhantes estão em competição e ambas são realizadas na sentença, mas uma das competidoras toma o lugar de outra raiz, tal como (72), temos um *blend* de deslocamento. Já as antecipações e preservações semânticas verdadeiras, como (73), acontecem quando um traço ou uma relação semântica são antecipados/preservados, afetando outras raízes na sentença. Assim, *blends* de deslocamento são diferentes de antecipações e preservações semânticas verdadeiras, pois apenas o primeiro tipo é decorrente de uma competição entre raízes.

No entanto, para dar conta da explicação dos lapsos de fala que envolvem substituições baseadas em aspectos semânticos, Pfau (2009) precisa assumir que as raízes sejam individualizadas e que contenham conteúdo semântico, o que contradiz a proposta tradicional da MD.

Para a MD (cf. HARLEY; NOYER, 2003), as raízes que entram no sistema computacional são desprovidas de traços semânticos, porque tais traços não têm nenhum papel na sintaxe. Nessa perspectiva, a lista 1 não incluiria raízes diferentes para $\sqrt{\text{AZUL}}$, $\sqrt{\text{VERMELH}}$ ou $\sqrt{\text{AMAREL}}$, por exemplo, mas apenas conteria um único objeto $\sqrt{\text{ROOT}}$. Pfau (2009), por outro lado, sugere que as raízes sejam individualizadas e que traços semânticos/conceituais estejam disponíveis no começo da derivação, pelo menos do ponto de vista do processamento, pois, caso contrário, seria impossível guiar a seleção das raízes e a inserção de vocabulário de modo a transmitir a mensagem pré-conceitualizada.

Portanto, eu sugiro que – ao menos do ponto de vista do processamento – nós precisamos assumir que traços semânticos/conceituais estejam disponíveis no início na derivação para guiar a escolha dos elementos da Lista 1. Isto é, a Lista 1 não contém apenas traços morfossintáticos que serão manipulados pela sintaxe, mas também conceitos formais que serão posteriormente interpretados pela Enciclopédia. Isso implica que não há apenas uma $\sqrt{\text{ROOT}}$, mas sim um grande número de raízes com conteúdo que são ativadas e selecionadas com base nos conceitos que criam a mensagem abstrata pré-verbal⁸⁸ (cf. PFAU, 2009, p. 85 - 86).

Dessa maneira, Pfau (2009) consegue explicar as substituições semânticas e ainda dar conta de casos como o lapso em (72), em que os dois conceitos ativados por

⁸⁸ Tradução nossa, no original: “I therefore suggest that – at least from a processing point of view – we need to assume that semantic/conceptual features are available at a very early point in the derivation in order to guide the choice of elements from List 1. That is, List 1 does not only contain morphosyntactic features to be manipulated by the syntax, but also the formal concepts that will later be interpreted by the Encyclopedia. This implies that there is not just one $\sqrt{\text{root}}$ but rather a large number of contentful roots that are activated and selected on the basis of the concepts that make up the abstract preverbal message” (cf. PFAU, 2009, p. 85 - 86).

semelhança no significado, cujas raízes são selecionadas e entram na derivação em competição, apresentam categorias morfossintáticas diferentes na sentença. Isso é possível porque, de acordo com a MD, raízes são acategoriais. Logo, $\sqrt{\text{RED}}$ e $\sqrt{\text{SPRECH}}$ entram na derivação sem categoria, e são, posteriormente, categorizadas pela posição sintática que assumem. Assim, dentro desse modelo, não há problemas em manter a restrição categorial (cf. DELL, 1986, p. 292) que governa as substituições de palavras, porque ela se mantém enquanto um epifenômeno no sistema. Isto é, a restrição categorial é apenas uma consequência em se assumir que a troca se dá entre raízes acategoriais.

Destacamos, ainda, que o que são comumente chamados de lapsos de *substituições de palavras*, são, na verdade, substituições das raízes (cf. PFAU, 2009). Tratar esse tipo de lapso como substituição de palavras não explica corretamente dados como (72), já que, se o que estivesse em jogo fossem palavras, esperaríamos que tanto $\sqrt{\text{RED}}$, quanto $\sqrt{\text{SPRECH}}$ aparecessem na forma de verbos na sentença⁸⁹. Por conseguinte, adotando a perspectiva de Pfau (2009), trataremos esses erros como substituições de raízes.

Na próxima seção, descreveremos os lapsos de fala relativos às substituições que envolvem aspectos semânticos encontrados no nosso *corpus*. Iremos observar os dados do PB quanto às propriedades apresentadas nesta seção: relação semântica entre as palavras, posição da palavra-intrusa e restrição categorial.

5.3.2. Considerações sobre as substituições que envolvem aspectos semânticos no PB

Encontramos trinta e cinco lapsos de fala que pertencem à classe das substituições que envolvem aspectos semânticos. Nesse conjunto, as relações semânticas entre a raiz-alvo e a raiz-intrusa que predominaram foram a co-hiponímia e as associações semânticas mais amplas. Destacamos um exemplo de cada nos dados abaixo. Em (74), a troca ocorre entre as raízes $\sqrt{\text{NARIZ}}$ e $\sqrt{\text{OLH}}$, que podem ser considerados hipônimos de partes do corpo humano. Já em (75), a relação entre os

⁸⁹ Esperaríamos que estivessem na forma de verbo porque a sentença estaria correta se formulada como “beim Laufen sprechen wir nicht” (Nós não falamos enquanto corremos), ou como “beim Laufen reden wir nicht” (Nós não conversamos enquanto corremos).

conceitos de *andar* e *dormitório* é relativamente menos evidente, mas, ainda sim, é possível ver a associação de ambas com o conceito de *apartamento*.

(74) Eu não sou chinesa. Eu não tenho nariz puxado. ← Eu não sou chinesa. Eu não tenho olho puxado.

(75) Um apartamento de três andares. ← Um apartamento de três dormitórios.

A terceira relação semântica que identificamos no corpus é a antonímia, ilustrada pelo dado em (76). Esse lapso é bastante interessante, pois, além da troca de raízes, houve o encalhamento do prefixo *-des*. A partir da explicação de Pfau (2009), podemos pensar que o que gerou a falha, nesse caso, foi a ativação do conceito de *arrumado* associado à negação. Ativando-se os dois conceitos, então, a raiz de $\sqrt{\text{BAGUNÇ}}$ foi selecionada, em detrimento de $\sqrt{\text{ARRUM}}$, bem como um traço de negação, que, concatenado à raiz $\sqrt{\text{ARRUM}}$, formaria *desarrumado*. Assim, a seleção da raiz inadequada dá origem ao erro.

(76) A sala também está desbagunçada. ← A sala também está desarrumada.

A sinonímia, por fim, também manifesta-se no *corpus*, em um dos nossos dados. Relações de sinonímia em lapsos de substituições são difíceis de identificar, pois, como não há alteração do conteúdo da mensagem pré-verbal, as sentenças não parecem desviantes. Nesse caso, apontado em (77), porém, a troca de $\sqrt{\text{TIP}}$ (*tipo*) por $\sqrt{\text{RAÇ}}$ (*raça*) causa estranheza devido ao contexto. Isto é, *parafuso* não é uma *raça* de macarrão. Logo, apesar de *tipo* e *raça* serem sinônimos⁹⁰, não são sinônimos perfeitos, como fica evidente no erro.

(77) Compra da raça parafuso. ← Compra do tipo parafuso.

Os quatro dados que apresentamos acima, de (74) a (77), podem ser classificados como o que Pfau (2009) chama de substituições semânticas, já que a raiz-intrusa é inserida no lugar da raiz-alvo com a qual mantém a relação semântica. Erros desse tipo são maioria no *corpus*. Em contrapartida, encontramos alguns em que houve

⁹⁰ Raça e tipo são sinônimos de acordo com o Dicionário de Sinônimos Online (<<https://www.sinonimos.com.br/raca/>> acessado em 03/01/2018).

preservação de traços semânticos. Em (78), por exemplo, observamos que as raízes relacionadas $\sqrt{\text{CALÇ}}$ (*calcinha*) e $\sqrt{\text{CUEC}}$ (*cueca*) foram selecionadas. Primeiro, a raiz $\sqrt{\text{CALÇ}}$ é antecipada e substituí outra raiz na sentença, nomeadamente, $\sqrt{\text{CAFÉ}}$. O traço [roupa íntima], então, é preservado e a raiz $\sqrt{\text{CUEC}}$ substitui a raiz $\sqrt{\text{CALÇ}}$.

(78) Tô coando calcinha na cueca. ← Tô coando café na calcinha.

Ademais, atestamos que todos os lapsos desse tipo no PB respeitam a regra de restrição categorial (cf. DELL, 1986, GARRETT, 1975). No entanto, no modelo de Pfau (2009), considerando que estamos lidando com a substituição de raízes acategoriais, a restrição é indiferente, pois é uma consequência do sistema. Nessa perspectiva, a regra de restrição categorial torna-se um epifenômeno, uma vez que as substituições sempre respeitarão as categorias morfossintáticas porque as raízes-intrusas são inseridas no mesmo ambiente de licenciamento das raízes-alvo, e, logo, serão categorizadas da mesma maneira.

Por fim, outro fenômeno bastante significativo que observamos é que, em alguns dados, fatores fonológicos e/ou morfológicos parecem estar influenciando também as substituições semânticas. O dado em (79) ilustra como fatores fonológicos podem afetar as substituições, uma vez que o erro parece estar sendo influenciado tanto pela preservação de significado entre *lapso* e *falha*, quanto pela semelhança fonológica entre *falha* e *fala*. Por sua vez, um fator morfológico parece estar implícito na substituição em (80), visto que *liquidificador* e *congelador* compartilham o mesmo sufixo (-or).

(79) Lapso de falha ← Lapso de fala

(80) Coube tudo no liquidificador. ← Coube tudo no congelador

Apesar de limitado a poucos dados do nosso *corpus*, outros autores (cf. HARLEY, 1984, FROMKIN, 1971, DELL, 1986) também têm constatado que “há mais palavras sonoramente semelhantes envolvidas em substituições semânticas do que seria provável se essa relação fosse uma mera coincidência” (cf. DELL, 1986, p. 318)⁹¹.

Dell (1986, p. 310) consegue explicar esse fato no seu modelo através de *feedback retroativo*. Considerando o processamento da sentença *the doctor has a new*

⁹¹ Tradução nossa, no original: “[...] have all found out that the interacting words in semantic word-substitutions errors are similar in sound to a degree greater than chance” (cf. DELL, 1986, p. 318).

purse, por exemplo, temos que os lemas *doctor*, *new* e *purse* devem receber ativação no nível lexical. Por associação semântica com *doctor*, o lema *nurse* também estaria ativo. No nível da representação fonológica, sons correspondentes à realização de *new*, *purse* e *doctor* seriam ativados. Sendo *purse* e *nurse* fonologicamente semelhantes, por conseguinte, os sons de *nurse* também estariam ativos (incluindo o fonema /n/ que recebe ativação de *new*). Desse modo, em teoria, dado que o lema *nurse* encontraria *feedback* positivo no nível fonológico, ele poderia receber ativação o suficiente para ser selecionado no lugar de *purse*.

A questão, porém, não se resolve no modelo de Pfau (2006), pois o acesso à forma fonológica das palavras está submetido à operação de inserção de vocabulário que acontece através dos IVs armazenados na lista 2. Logo, para explicar a possível influência fonológica exercida na ativação dos conceitos e na seleção das raízes dos erros de substituição semântica, seria preciso olhar informação contida em estágios posteriores da derivação, e, portanto, postular um *look-ahead* indesejável para o modelo. A segunda hipótese, também indesejável, é considerar a influência fonológica nesses casos como casualidade. Isso, entretanto, contradiria os demais autores que verificaram tal fato (cf. HARLEY, 1984, FROMKIN, 1971, DELL, 1986). Desse modo, esse problema relativo aos erros de substituições que envolvem aspectos semânticos ainda precisa ser debatido no modelo de Pfau (2006), com dados que possam atestar, ou não, a acidentalidade da influência fonológica nesses casos.

A seguir, na próxima seção, iremos discutir os erros que estão do outro lado da moeda, ou seja, os erros de substituição envolvendo aspectos fonológicos em PB.

5.4. Substituições que envolvem aspectos fonológicos

Como vimos na seção anterior, a semelhança fonológica entre duas palavras pode ser um aspecto facilitador no caso dos erros de substituição envolvendo aspectos semânticos. Mas, também, a semelhança fonológica entre duas palavras pode atuar como o desencadeador dessa substituição, sem estar, necessariamente, atrelada a fatores semânticos. Por exemplo, retomando o exemplo sugerido por Dell (1986), no processamento de uma sentença como *Eu escrevi uma carta para a minha mãe*, a palavra *carta* está sujeita à substituição por nomes que são semelhantes fonologicamente a ela, como *carga* ou *capa*.

Nesta seção, discutiremos as propriedades gerais das substituições que envolvem aspectos fonológicos e como esses lapsos se manifestam em PB. Primeiro, vamos apresentar diferentes explicações (cf. FROMKIN, 1971, DELL, 1986, PFAU, 2009) sobre como esses erros são produzidos e como a influência lexical interfere na sua produção (cf. seção 5.4.1.). Na seção seguinte (cf. seção 5.4.2.), descreveremos esse tipo de lapso de acordo com os dados coletados em PB apenas.

5.4.1. Propriedades gerais das substituições que envolvem aspectos fonológicos

As substituições que envolvem aspectos fonológicos ocorrem quando uma palavra do enunciado-alvo é trocada por uma palavra-intrusa com base na semelhança sonora. Isto é, a palavra-alvo e a palavra-intrusa devem compartilhar sílabas ou fonemas iguais. Os dados abaixo, disponíveis em Iliovitz (2001), ilustram esse tipo de lapso:

- (81) Vamos comprar um belisco? ← Vamos comprar um petisco?
- (82) Parece pouco caso entrar com uma hora de acaso ← Parece pouco caso entrar com uma hora de atraso.
- (83) É urina de guitarra ← É urina de cigarra
- (84) Hoje eu cortei pras paredes ← Hoje eu contei pras paredes

(cf. ILIOVITZ, 2001, p. 129 – 131)

Em (81), *petisco* e *belisco* compartilham os mesmos fonemas finais, além da similaridade entre os fonemas iniciais, [p] e [b], que se opõem apenas pelo traço [± vozeado]. O dado em (82), por sua vez, consiste na troca de *atraso* por *acaso*, e, além da similaridade fonológica entre a palavra-alvo e a palavra-intrusa, a proximidade da palavra *caso* na sentença, que também é sonoramente similar às demais, pode ter influenciado no erro.

Segundo Dell (1986), há dois fatores que facilitam a ocorrência de erros de substituição de palavras que envolvem aspectos fonológicos: a similaridade e a influência do *output*. Como vimos (cf. seção 5.3.1), a similaridade de significado é um fator que facilita a ocorrência de substituições semânticas devido às estreitas conexões dos conceitos na rede lexical (cf. DELL, 1986, p. 293). O mesmo pode ser dito quanto

às substituições que envolvem aspectos fonológicos, pois palavras sonoramente semelhantes estão relacionadas por causa das estreitas conexões entre seus sons. Ou seja: “Itens são similares se eles se conectam diretamente aos mesmos nós em um nível superior ou inferior. Os morfemas *sink* e *some* são fonologicamente similares no sentido em que ambos se conectam ao fonema /s/”⁹² (cf. DELL, 1986, p. 293).

O segundo fator, influência do *output*, diz respeito à tendência dos lapsos de fala de criar combinações de sons com significado ou combinações de sons frequentes na língua. Tal fato é chamado de influência lexical: “a tendência de lapsos sonoros criarem palavras ou morfemas verdadeiros”⁹³ (cf. DELL, 1986, p. 292), e já foi atestado tanto por experimentos de indução de lapsos de fala (cf. BAARS et al., 1975) quanto em dados naturais (cf. DELL; REICH, 1981).

Outro fato importante que observamos é que as palavras-alvo e as palavras-intrusas dos dados de (81) a (84) pertencem à mesma categoria, visto que a restrição categorial (cf. NOOTEBOOM, 1969, FROMKIN, 1971, DELL, 1986) também se aplica às substituições fonológicas. Assim, a questão que deve ser respondida, portanto, é: como uma restrição de natureza morfossintática se aplica a um erro de natureza fonológica? Veremos, a seguir, como Fromkin (1971), Dell (1986) e Pfau (2009) dão conta desse problema em seus modelos.

Na seção anterior (cf. seção 5.3.1.), vimos que Fromkin (1971) adota a visão clássica de separação de conteúdos semânticos e fonológicos no léxico através da teoria da seleção lexical em dois estágios. O primeiro estágio consiste no mapeamento dos traços semânticos em um endereço. Nele, os itens estão ordenados por classes semânticas, de modo que itens relacionados fiquem adjacentes. É nesse estágio que ocorrem as substituições que envolvem aspectos semânticos. O segundo estágio consiste em ir ao endereço mapeado e selecionar os traços fonológicos especificados. Fromkin (1971) assume que, nessa parte do léxico, as palavras estão listadas por semelhança sonora. Os erros de substituições que envolvem aspectos fonológicos, então, acontecem no segundo estágio como um resultado da seleção incorreta de um endereço. Ou seja, conforme representamos na Figura 16, o endereço correto é obtido através do

⁹² Tradução nossa, no original: “Items are similar if they connect directly to the same nodes at a lower or higher level. The morphemes *sink* and *some* are phonologically similar in that they both connect to the phoneme /s/” (cf. DELL, 1986, p. 293).

⁹³ Tradução nossa, no original: “One such bias is lexical bias — the tendency for sound errors to create actual words, or morphemes” (cf. DELL, 1986, p. 292).

mapeamento dos traços semânticos no primeiro estágio, mas um endereço próximo é selecionado.

Essa explicação dá conta das diferenças entre lapsos que envolvem aspectos semânticos e aqueles que envolvem aspectos fonológicos, mas não explica a restrição categorial das substituições.

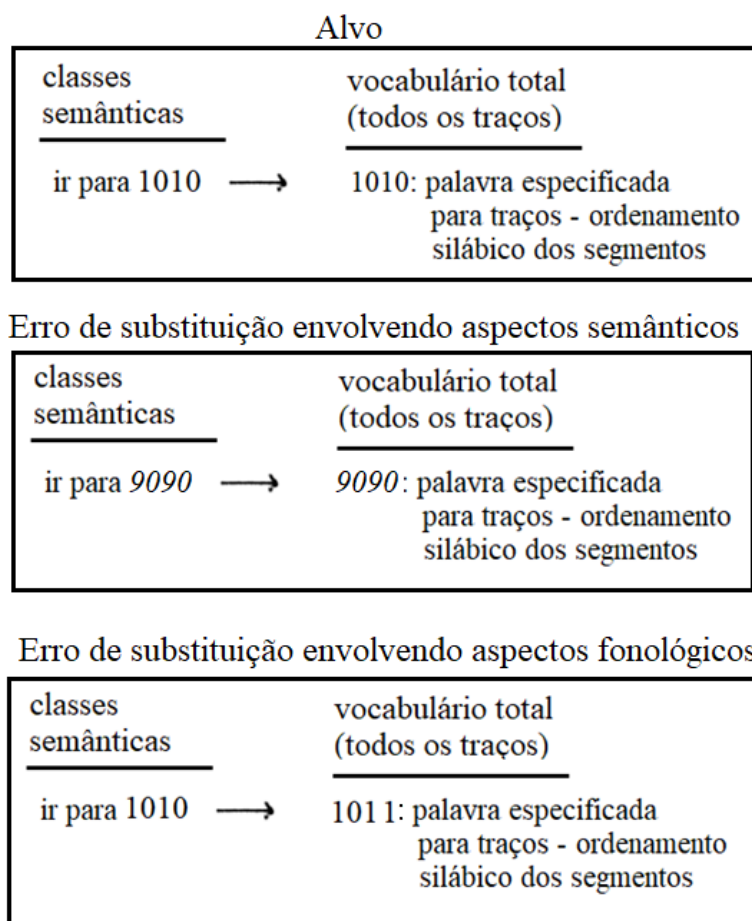


Figura 16 Representação do acesso lexical para o item no caso da produção correta, de um erro de substituição envolvendo aspectos semânticos e de um erro de substituição envolvendo aspectos fonológicos (adaptado de FROMKIN, 1971, p. 50)

O modelo de Pfau (2009), por sua vez, consegue condicionar a restrição categorial ao funcionamento do próprio sistema. Como vimos, na MD, os conteúdos fonológicos e semânticos estão distribuídos em listas e são acessados em momentos diferentes da derivação. Enquanto as substituições que envolvem aspectos semânticos devem ser motivadas pela ativação de um conceito incorreto, levando à seleção de uma raiz-intrusa na lista 1, as substituições que envolvem aspectos fonológicos são o resultado da ativação incorreta de “vizinhos fonológicos” na lista 2.

Claro que o Vocabulário não é uma lista desestruturada também. Como o estrato conceitual, o vocabulário é uma rede multi-conectada onde a ativação flui dos alvos para seus vizinhos fonológicos. Substituições baseadas na forma se formam quando um competidor fonológico recebe mais ativação do que o elemento-alvo (cf. PFAU, 2009, p. 90)⁹⁴.

Considerando que as raízes são categorizadas na sintaxe, em MD, a categoria de um item já está determinada quando a sua forma fonológica é inserida. Desse modo, mesmo que haja um erro de substituição da forma fonológica de uma palavra, seria impossível alterar sua categoria morfossintática. Assim, a restrição categorial é uma imposição do funcionamento do próprio modelo, e não uma regra *ad hoc*.

Por fim, a explicação de Dell (1986) para esse tipo de lapso baseia-se na ativação retroativa vinda dos nós fonológicos compartilhados por palavras similares. Isto é, se considerarmos a produção da sentença *Some swimmers sink*, por exemplo, teríamos a seguinte representação dos níveis morfológicos e fonológicos:

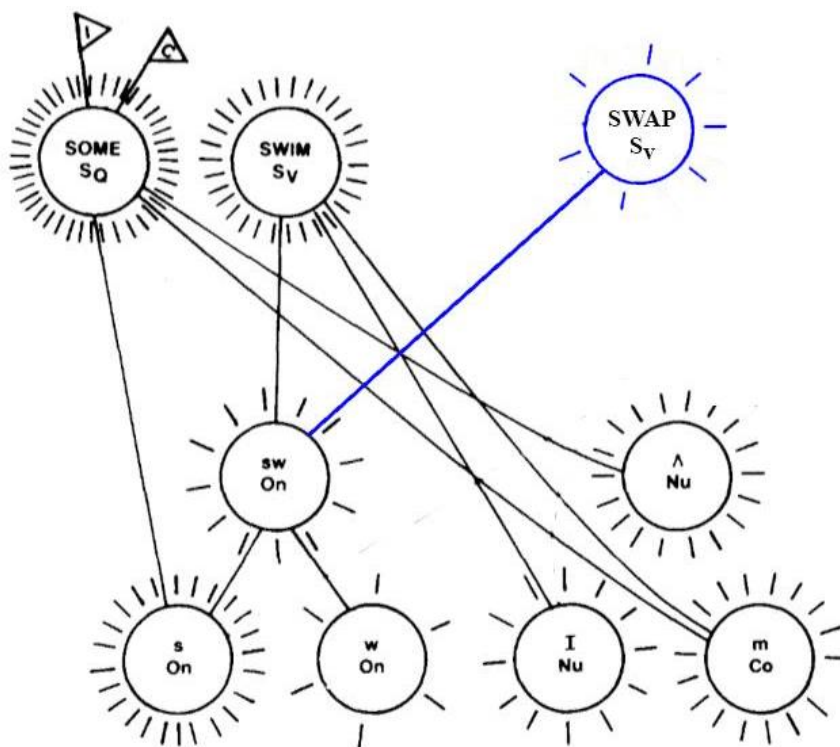


Figura 17 Representação dos níveis morfológicos e fonológicos da sentença (adaptado de Dell, 1986, p. 290)⁹⁵

⁹⁴ Tradução nossa, no original: “Of course, the Vocabulary is not an unstructured list either. Like the conceptual stratum, it is a multi-linked network where activation flows from target items to phonological neighbors. Form-based substitutions arise whenever a phonological competitor happens to receive more activation than the target element” (PFAU, 2009, p. 90)

⁹⁵ A representação da sentença está simplificada a título de ilustração do fenômeno de ativação retroativa dos nós fonológicos com base na similaridade fonológica.

Nesse exemplo, por causa da similaridade fonológica com o lema *SWIM*, o lema *SWAP* recebe ativação retroativa do nível fonológico, por estar ligado ao nó correspondente à posição silábica de *onset*⁹⁶ /sw/, comum tanto à *SWAP* quanto a *SWIM*. Se, por outros fatores, *SWAP* recebesse ativação superior à *SWIM* teríamos um erro de substituição que envolve aspectos fonológicos. Nesse sentido, palavras de várias categorias morfossintáticas poderiam receber ativação dos nós fonológicos, mas, devido aos espaços pré-estabelecidos pela representação sintática, apenas as palavras das categorias adequadas estariam sujeitas à seleção.

Na próxima seção, veremos como esses modelos explicam as substituições que envolvem aspectos fonológicos em PB tendo em vista os dados coletados no nosso *corpus*.

5.4.2. Considerações sobre as substituições que envolvem aspectos fonológicos no PB

Em nosso *corpus*, obtivemos vinte dados que podem ser classificados como substituições que envolvem aspectos fonológicos. Os dados de (85) a (88) ilustram esse tipo de erro no PB, e seguem o comportamento dos dados de Iliovitz (2001), também do PB, apresentados na seção anterior, de (81) a (84). Em (85) e (86), temos uma substituição envolvendo verbos: *amaldiçoando* por *almoçando* e *vigia* por *viaja*, respectivamente. Em (87) e (88), por sua vez, a troca ocorre com nomes: *cachinhos* por *cachorrinhos* e *falésia* por *falange*. Portanto, verificamos que, conforme o esperado, os lapsos do nosso estudo obedecem à restrição categorial, adequando-se, assim, a explicação de Pfau (2009).

- (85) Não estou te almoçando. ← Não estou te amaldiçoando
- (86) Viaja a porta. ← Vigia a porta
- (87) Os cachorrinhos dela. ← Os cachinhos dela
- (88) Tem praia com falange. ← Tem praia com falésia

⁹⁶ “On”, na figura 16, representa o ataque da sílaba, ou *onset*, no inglês. “Nu”, por sua vez, representa o núcleo da sílaba e “Co”, a sua coda.

Outro ponto bastante relevante que pode ser observado a partir das substituições em PB é que a palavra-alvo e a palavra-intrusa, no caso dos nomes, especialmente, devem ter o mesmo gênero. Em (87), *cachorrinhos* e *cachinhos* são do gênero masculino, enquanto *falange* e *falésia*, em (88), são do gênero feminino. Isto é, em todos os casos, o gênero da palavra-intrusa e da palavra-alvo é idêntico. Portanto, uma boa explicação acerca da produção desse tipo de erro deve compreender, também, esse fato.

Considerando as hipóteses dos modelos de Dell (1986) e Pfau (2009), discutidas na seção anterior, podemos tentar resolver essa questão.

Na MD, de acordo com a proposta de Armelin (2015), o gênero é codificado através de um núcleo sintático (GEN) na projeção estendida do nome (cf. seção 5.2.2.). Desse modo, a codificação de gênero é, portanto, uma operação sintática. Segundo Pfau (2009), as substituições que envolvem aspectos fonológicos ocorrem durante a inserção de vocabulário, quando um vizinho fonológico sofre uma ativação superior à do IV correto; logo, trata-se de um fenômeno pós-sintático. Ou seja, durante a inserção de vocabulário, o gênero do nome já está especificado. Assim, a inserção do expoente fonológico de uma raiz em um ambiente incompatível seria, então, banida, resultando apenas em substituições fonológicas cujos nomes compartilhassem o mesmo gênero. Logo, a priori, os lapsos desse tipo do PB podem ser explicados a partir do modelo de Pfau (2009).

Em contrapartida, Dell (1986) não discute o efeito de traços de gênero nas substituições, primordialmente porque o autor analisa lapsos de fala do inglês. Dessa maneira, gênero não é abordado dentro do modelo. Pensar em gênero como um nó pertencente à representação morfológica, no entanto, não dá conta dessa questão, uma vez que o compartilhamento do nó de gênero resultaria na propagação da ativação entre as palavras, o que facilitaria a troca devido à similaridade, mas não explicaria o condicionamento que atestamos nos dados em PB. Isto é, a substituição da palavra-alvo por palavra-intrusa de mesmo gênero seria facilitada, mas não uma condição do modelo. Temos, portanto, que a questão é explicada pelo modelo de Pfau (2009), contudo não por Dell (1986).

5.5. Lapsos que envolvem morfemas

Nesta seção, iremos analisar os lapsos de fala em que a unidade afetada pelo erro é um morfema, isto é, detalharemos ocorrências de lapsos envolvendo segmentos como raízes, prefixos e sufixos derivacionais. Esses segmentos estão sujeitos à antecipação, preservação, troca, substituição ou apagamento, e, conforme veremos, podem, ou não, sofrer acomodação ao contexto do erro. Assim, discutiremos, a seguir, como o ambiente no qual o morfema está inserido pode influenciar na sua forma, resultando em lapsos que envolvem supleção da raiz, reajuste fonológico ou inserção de morfemas devido a questões de licenciamento. Para tanto, na seção 5.5.1, vamos investigar as propriedades gerais dos lapsos que envolvem morfemas (cf. PFAU, 2009, FROMKIN, 1975), e, na seção 5.5.2, iremos analisar os dados coletados no PB.

5.5.1. Propriedades gerais dos lapsos que envolvem morfemas

Além de lapsos de fala que acometem, superficialmente⁹⁷, a palavra inteira, como é o caso das substituições que envolvem aspectos semânticos e das substituições que envolvem aspectos fonológicos, há ainda erros em que os elementos afetados são morfemas, ou seja, parte de palavras. Nesses casos, os segmentos afetados podem ser morfemas derivacionais, tais como sufixos e prefixos em PB, e raízes. De acordo com Fromkin (1971), há muitos erros envolvendo estruturas silábicas que contêm sufixos e prefixos. Por isso é possível afirmar que as palavras estão armazenadas de modo segmentado, o que permite trocas de afixos em lapsos de fala.

Dada à probabilidade maior que o acaso em que prefixos e sufixos estão envolvidos em lapsos silábicos, pode-se presumir que, mesmo que palavras sejam armazenadas com seus afixos, as raízes e os afixos têm *status* independentes. Assim, não é improvável que *grouping* seja armazenado como *group* + *-ing* que permite uma substituição de *-ment* pelo sufixo *-ing*⁹⁸. O fato de não encontrarmos afixos substituindo ou se transpondo com raízes justifica o *status* diferente das duas unidades (cf. FROMKIN, 1971, p. 46).⁹⁹

⁹⁷ Conforme demonstramos nas seções anteriores, substituições que envolvem aspectos semânticos ocorrem devido à uma falha na ativação e na seleção de uma raiz na Lista 1 (cf. PFAU, 2009), ao passo que as substituições que envolvem aspectos fonológicos alteram a forma fonológica inserida durante a inserção de vocabulário (cf. PFAU, 2009). Assim, não é correto afirmar que esses tipos de lapsos afetam palavras. O que queremos dizer, no entanto, é que, superficialmente, na sentença, o erro corresponde à palavra inteira, e nunca à parte dela nesses casos.

⁹⁸ Nesta citação, Fromkin (1971) se refere ao lapso de fala destacado à página 45 de seu em seu texto de 1971, e reproduzido adiante, no exemplo (89).

⁹⁹ Tradução nossa, no original: “Given the higher than chance probability that prefixes and suffixes are involved in syllable errors, one can further assume that, even if words are stored with their affixes, the

Além de assumir que lapsos de fala podem envolver morfemas, Fromkin (1971) também faz uma importante constatação ao afirmar que raízes e afixos têm *status* diferentes, pois, com base em evidência de lapsos de fala, não há dados que confirmem uma interação entre essas duas unidades. Isto é, raízes só podem substituir raízes e afixos só podem substituir afixos da mesma natureza¹⁰⁰. Demonstramos isso através dos dados de (86) a (89).

- (86) Slicely thinned ← Thinly sliced (cf. DELL, 1986, p. 45)
 (87) My tow towed ← My car towed (cf. DELL, 1986, p. 45)
 (88) Class will be about discussing the class ← Class will be about
 discussing the test (cf. DELL, 1986, p. 45)
 (89) Groupment ← Grouping (cf. FROMKIN, 1971, p. 45)

Desse modo, observamos, nos lapsos de (86) a (88), que os elementos afetados são raízes, enquanto em (89), o elemento afetado é um sufixo que é substituído por outro. Além disso, podemos descrever os exemplos acima quanto ao tipo de lapso e a direcionalidade: em (86), as raízes $\sqrt{\text{SLICE}}$ e $\sqrt{\text{THIN}}$ sofrem uma troca, enquanto os respectivos sufixos, *-ly* e *-ed*, continuam nas suas posições, ou seja, ficam encahados. No dado (87), por sua vez, temos a antecipação da raiz $\sqrt{\text{TOW}}$, que substitui $\sqrt{\text{CAR}}$. Além da antecipação, vamos destacar outro fenômeno interessante aqui: na sentença-alvo, o esperado é o verbo *tow*, mas, por causa da antecipação, a raiz $\sqrt{\text{TOW}}$ aparece, também, com uma categoria morfossintática diferente daquela esperada, sendo produzida como verbo e como nome no erro. O lapso em (88), em contrapartida, apresenta um caso de preservação da raiz $\sqrt{\text{CLASS}}$, que substitui $\sqrt{\text{TEST}}$. Por fim, (89) representa um caso de substituição envolvendo dois sufixos. Temos, assim, portanto, que o sufixo *-ing* é substituído não contextualmente pelo sufixo nominalizador *-ment*.

Destacamos que, em (86), os sufixos ficam encahados e apenas as raízes são trocadas, e, em (87), a raiz é antecipada e realizada como um nome, enquanto o sufixo

stem and affix have a separate status. Thus it is not unlikely that *grouping* is stored as *group* + *-ing*, which permits a substitution of *-ment* for the affix *-ing*. The fact that one does not find stems substituting for or transposing with affixes further justifies their separate status.” (cf. FROMKIN, 1971, p. 46)

¹⁰⁰ Fromkin (1971, 1973) também demonstra um caso semelhante com vogais e consoantes, uma vez que não há troca entre essas unidades nos lapsos de fala. Isto é, vogais não substituem consoantes, ou vice-versa, nos erros. Para a autora, este fato é uma evidência que vogais e consoantes têm naturezas distintas, assim como os afixos e raízes.

verbal, *-ed* (pass.), continua na sua posição. Logo, lapsos como esses são importantes porque indicam que o elemento afetado é a raiz em si, e não a palavra toda, sendo, portanto, possível haver lapsos envolvendo raízes. Por outro lado, erros como (88) não são, por si só, suficientemente claros para elucidar essa questão, uma vez que as raízes afetadas são monomorfêmicas, e, portanto, o erro poderia ser interpretado como a substituição de uma raiz ou de uma palavra.

Além do mais, morfemas estão sujeitos à acomodação, isto é, eles podem ter sua forma alterada de acordo com o contexto em que aparecem no erro para garantir a gramaticalidade da sentença. Isso acontece, por exemplo, com as substituições que envolvem aspectos semânticos (cf. seção 5.3). Para Pfau (2009, p. 223), este tipo de erro envolve, por natureza, um processo de acomodação, já que, mesmo quando a palavra-alvo e a palavra-intrusa têm gêneros diferentes, não deve haver uma falha de concordância na sentença gerada. Conforme já explicamos, a substituição das raízes deve acontecer durante a sua seleção na Lista 1, e, portanto, acontece antes de haver o processamento da concordância de gênero. Desse modo, quando a concordância se estabelece, o traço de gênero da palavra-intrusa é copiado, o que garante sua acomodação na sentença. Assim, segundo o autor, o mesmo ocorre com os lapsos de fala gerados pelo desordenamento (troca, substituição, antecipação ou preservação) das raízes. Logo, em uma troca como em (90), a gramaticalidade é mantida porque a concordância é realizada apenas após a troca das raízes $\sqrt{\text{TASSE}}$ e $\sqrt{\text{SPRUNG}}$ ter acontecido, o que assegura que os traços de gênero sejam copiados para os respectivos determinantes nesse contexto.

(90)	oh,	der	Sprung	hat	ja	ein-e Tasse
	oh,	the. _{M.NOM}	crack _(M)	has. _{3.SG}	mod.part	a- _{F.ACC} cup _(F)
	←	die	Tasse	hat	ja	ein-en Sprung
	←	the. _{F.NOM}	cup _(F)	has. _{3.SG}	mod.part	a- _{M.ACC} crack _(M)
	'Oh, the cup is cracked.'					(cf. PFAU, 2009, p. 231)

Portanto, segundo a explicação de Pfau (2009), erros de concordância não são esperados em lapsos que envolvem substituições baseadas em aspectos semânticos, nem em desordenamentos de raiz devido à acomodação. Nesses termos, a explicação de Pfau (2009) para acomodação não precisa lançar mão de mecanismos de reparo pós-erro

visto que o mecanismo que dá conta da acomodação em casos de problemas na concordância, como discutido acima, é decorrente da aplicação de operações regulares e essenciais da derivação sintática de acordo com a MD. Ou seja, como a concordância naturalmente sucede a substituição ou o desordenamento das raízes nesses tipos de lapso, ela já acontece após o erro e, conseqüentemente, não precisamos postular mecanismos que reparem a sentença para torná-la gramatical. Com isso, Pfau (2009) assume que “o conceito de acomodação, embora seja um rótulo descritivo conveniente para vários tipos de erros, não tem significância teórica – pelo menos não quando empregamos as ferramentas teóricas disponíveis na MD”¹⁰¹ (p. 230).

Outro tipo de acomodação a qual morfemas estão sujeitos são casos de reajuste fonológico ou supleção. Em (91), apresentamos um lapso de fala no qual a raiz $\sqrt{\text{LES}}$ é antecipada e combinada no nó terminal com o traço [+pass]. Em PF, a raiz $\sqrt{\text{LES}}$ é realizada fonologicamente pelo IV /le:z/, mas, posteriormente, sua forma fonológica está sujeita à regra de reajuste determinada em (92). Isto é, o IV /le:z/ deve ser produzido como /la:z/ quando uma raiz X estiver em contexto de [+pass]. Ou seja, o encalhamento de um determinado traço morfossintático, nesse dado [+pass], desencadeia um reajuste fonológico não previsto na sentença-alvo do morfema.

- (91) ich las ihr fürs, äh, ich dank-te ihr
 I read.PASS her for.the, er, I thank-PASS her
 fürs Korrektur les-en meines Handout-s
 for.the correction read-INF of.my handout-GENT
 ‘I thanked her for proofreading my handout.’ (cf. PFAU, 2009, p. 236)

(92) **Regra de reajuste fonológico correspondente à (91):**

IV: $\sqrt{\text{les}} \leftrightarrow /le:z/$

RRF¹⁰²: /e:/ \rightarrow /a:/ / X + [+past]

(onde X = les (*ler*), geb (*dar*), seh (*ver*), ...)

(cf. PFAU, 2009, p. 237)

¹⁰¹ Tradução nossa, no original: “I will argue that the concept accommodation, while being a convenient descriptive label for various error types, does not have any theoretical significance – at least not when we employ the theoretical tools made available by DM” (cf. PFAU, 2009, p. 230).

¹⁰² A sigla RRF se refere à *regra de reajuste fonológico*.

O lapso em (93), por sua vez, ilustra um caso de supleção. A raiz $\sqrt{\text{STE}}\text{H}$ é antecipada de uma posição na qual é licenciada por um verbo leve, para uma posição licenciada por um determinante e, por isso, é realizado fonologicamente como *Stand* ($/\text{ʃtant}/$). Para Pfau (2009), nesse caso, a supleção é imposta pelo IV em (94), que, por ser mais especificado para um contexto licenciado por um determinante, vence a competição e é selecionado.

- (93) auf ein-em **Stand**, auf ein-em Bein kann
 on one-M.DAT stand.NMLZ(M), on one-N.DAT leg(N) can
 man nicht steh-en
 one not stand.INF
 ‘You can’t stop at one!’ (cf. PFAU, 2009, p. 244)

(94) **Inserção de vocabulário para a raiz $\sqrt{\text{STE}}\text{H}$ dado o lapso em (93):**

IV: $\sqrt{\text{STE}}\text{H} \leftrightarrow / \text{ʃtant} / \Leftarrow [-v] [+d]$ (cf. PFAU, 2009, p. 245)

Assim, nos lapsos de fala que envolvem supleção ou reajuste fonológico de morfemas, a gramaticalidade da sentença também é garantida pelo processo de acomodação, que, mais uma vez, é apenas o resultado da aplicação de operações regulares da derivação. Dado que, para a MD, as raízes apenas recebem conteúdo fonológico pós-sintaticamente, no momento em que as trocas ocorrem, a informação fonológica ainda não foi devidamente processada. Isso impede que haja a necessidade de um reparo da forma depois do erro, já que, no momento da inserção de vocabulário, as raízes já estão realocadas, possibilitando, dessa forma, que os IVs mais especificados sejam selecionados (como em (93) e (94)) e que as RRF se apliquem quando necessárias (como em (91) e (92)).

Por fim, temos que as acomodações de morfemas também acontecem devido a questões de licenciamento, que demandam inserção de morfemas ou inserção de formas supletivas e reajuste fonológico. O exemplo (93), acima, ilustra um caso de supleção de raiz condicionada a questões de licenciamento, já que, como vimos, o IV (94) é o escolhido porque é o mais especificado para esse ambiente de licenciamento. Isso ocorre, pois, segundo a MD, as raízes são acategoriais (i.e. não possuem categoria morfossintática pré-definida) e, nesses termos, uma raiz é categorizada de acordo com o

ambiente de licenciamento no qual está inserida (cf. HARLEY; NOYER, 2003)¹⁰³. Assim, a antecipação da raiz $\sqrt{\text{STE}H}$ para um ambiente em que é licenciada como um nome desencadeia a inserção de um IV subcategorizado para esse ambiente, sendo este IV diferente do IV inserido na sentença-alvo, ainda que ambos realizem a mesma raiz.

Mais uma vez, para Pfau (2009), estamos diante de uma situação de acomodação que não requer um reparo dentro do viés da MD, porque a categoria morfossintática da raiz não é pré-determinada na sua seleção, mas decorre da sua posição sintática. Nesses termos, quando ocorre um desordenamento, a raiz pode assumir outra categoria morfossintática e, sendo a forma fonológica inserida apenas pós-sintaticamente, ela será selecionada já de acordo com o erro, não requerendo nenhum tipo de reparo.

Outro fenômeno que Pfau (2009) observa com respeito ao licenciamento nos lapsos de fala é a inserção de morfemas. Isso se dá porque, às vezes, a raiz precisa de um morfema derivacional para se acomodar ao contexto sintático pós-erro. Vemos isso no dado em (95), por exemplo. Nesse erro, a troca entre as raízes $\sqrt{\text{NATION}}$ e $\sqrt{\text{DANGER}}$ influencia o ambiente de licenciamento delas, fazendo com que $\sqrt{\text{NATION}}$ precise da inserção de um morfema derivacional adjetival para ser realizado nesse contexto. Temos, então, a inserção do morfema *-al*, que, curiosamente, não é o mesmo morfema adjetival presente na sentença-alvo. Esse fato levanta uma pergunta importante: se esse morfema não estava presente na sentença-alvo, de onde ele surge? Se considerarmos que as raízes e os morfemas são selecionados a priori na derivação, a única alternativa seria supor que um processo de reparo corrige o erro de “*nation danger*” (sem a inserção de morfemas) ou “*nation-ous danger*” (com o morfema presente na sentença-alvo) para “*national danger*”, tornando a sentença gramatical.

(95) People still see Libya as a **nation-al** danger, as a **danger-ous** nation

(cf. PFAU, 2009, p. 246)

No entanto, outra vez, considerando o conjunto de operações regulares que se aplicam no curso da derivação segundo a MD, não é preciso pensar em termos de reparo para explicar lapsos como (95). Conforme vimos, na MD (cf. seção 2.1), as raízes não

¹⁰³ Para Harley e Noyer (2003) há dois tipos de terminais sintáticos: nós-f (nós funcionais) e nós-l (nós lexicais). Os nós-f contêm conjuntos de traços, enquanto os nós-l contêm raízes. Considerando que as raízes são acategoriais, nos termos de Harley e Noyer (2003), nós-l devem ser localmente licenciados por nós-f que os c-comandam para serem categorizados. Assim, se um nó-l é localmente licenciado por um verbo leve, ele é um verbo, à medida que um nó-l localmente licenciado por um determinante é um nome.

estão associadas aos sufixos derivacionais na lista 1, uma vez que as palavras devem ser formadas na sintaxe. Assim, os morfemas derivacionais abstratos são inseridos em MS a depender do contexto de licenciamento e da raiz que está sendo licenciada. Portanto, os morfemas também estão sujeitos à inserção de vocabulário (cf. PFAU, 2009, p. 247). Pensando no lapso em (95), isso equivale a dizer que o morfema *-al* foi inserido porque: i) está em um ambiente licenciado por um categorizador adjetival; ii) é o IV mais especificado para ser inserido no contexto da raiz $\sqrt{\text{NATION}}$. Desse modo, a inserção de morfemas em lapsos como esse não é um processo de reparo, mas sim o resultado da aplicação das operações da MD.

Um problema que emerge da inserção de morfemas nos lapsos de fala é a escolha do nominalizador mais adequado para a sentença. Vamos considerar, por exemplo, o dado em (96). Nesse lapso, Pfau (2009, p. 250) aponta que a raiz $\sqrt{\text{SCHREIB}}$ poderia ter sido realizada como *Schreib-er* (escritor), *Schreib-ung* (ortografia) ou *Schrift* (escrita) em um contexto nominal. Que princípios regem a escolha sobre a inserção do nominalizador nesses casos, então?

- (96) *welch-er Schreib-er, Quatsch, welch-er Idiot*
what-M write-NMLZ(M), nonsense, what-M idiot(M)
schreib-t denn so was
write-3.SG MOD.PART such a.thing
 ‘What idiot would write such a thing?!’ (cf. PFAU, 2009, p. 246)

Para dar conta da seleção do nominalizador, Pfau (2009, p. 250), seguindo as propostas de Marantz (1997) e Harley e Noyer (1998), assume que a estrutura funcional interna ao DP é muito rica, sendo paralela à estrutura funcional das sentenças, e que envolve projeções funcionais adicionais para alocar traços como [+agentivo], [+estativo], [+eventivo], etc. Assim, “a nominalização que sofre *spell-out* no erro é, normalmente, aquela que melhor se adequa à semântica interna, isto é, à estrutura funcional interna do DP, do nome-alvo¹⁰⁴” (cf. PFAU, 2009, p. 250). Seguindo essa proposta, dentre as nominalizações possíveis para (96), *Schreiber* é a escolhida porque, assim como o nome-alvo *Idiot*, tem semântica agentiva.

¹⁰⁴ Tradução nossa, no original: “the nominalization which is spelled out in the error is usually the one that best fits the internal semantics, that is, the DP-internal functional structure, of the intended noun” (cf. PFAU, 2009, p. 250).

Apesar de comuns, trocas entre palavras que não compartilham a mesma categoria gramatical, como (95), são menos frequentes do que trocas entre palavras da mesma categoria, como (88). Isto é, há uma forte tendência para que as trocas de palavras respeitem sua identidade categorial (cf. PFAU, 2009; GARRETT, 1975). No entanto, explicar o predomínio da identidade categorial em trocas de palavras torna-se um problema para PfaU (2009), uma vez que o autor assume que esse tipo de lapso envolve não a troca de palavras, mas a troca das raízes, que são acategoriais. Ou seja, como relacionar a identidade categorial a objetos que não tem categoria, como as raízes?

A respeito dos padrões de lapsos de fala, no entanto, o abandono dos rótulos de categorias também levanta um sério problema conceitual. É um fato bem conhecido e bem embasado que a categoria gramatical dos elementos envolvidos desempenha um papel importante nas trocas de palavra. Particularmente, há uma forte tendência dos elementos participantes da troca serem da mesma categoria gramatical (cf. PFAU, 2009, p. 252).¹⁰⁵

O padrão, porém, é justamente o oposto para os lapsos que envolvem encalhamento de traços gramaticais, sendo, nesse caso, mais comuns as trocas entre palavras de diferentes categorias, como o dado (87) (repetido em (97), abaixo) por exemplo.

(97) My tow towed ← My car towed (cf. DELL, 1986, p. 45)

A emergência desse padrão leva autores como Garrett (1975) e Dell (1986) a postular que há dois tipos de trocas que ocorrem em estágios diferentes da derivação. Dell (1986) considera que os lapsos que não respeitam a restrição categorial são lapsos morfológicos, e lapsos que mantêm a identidade categorial das palavras são lapsos sintáticos. Para explicar a diferença entre os dois tipos, Dell (1986) considera os exemplos (98) e (99), abaixo:

(98) Because you stayed, I'm not blabbing ← Because you blabbed I'm not staying (cf. DELL, 1986, p. 314)

¹⁰⁵ Tradução nossa, no original: "With respect to speech error patterns, however, abandoning category labels also gives rise to a serious conceptual problem. It is a well-known and well-substantiated fact that the grammatical category of the involved elements plays an important role in word exchanges. In particular, there is a strong tendency for the elements participating in the exchange to be of the same grammatical category." (cf. PFAU, 2009, p. 252).

(99) Slicely thinned ← Thinly sliced (cf. DELL, 1986, p. 45)

Em (98), há uma troca das raízes $\sqrt{\text{STAY}}$ e $\sqrt{\text{BLAB}}$, e o encahamento dos morfemas flexionais *-ed* e *-ing*. Para Dell (1986), esse erro deve ser considerado um lapso sintático, isto é, que acontece no componente sintático da arquitetura da gramática, porque, apesar envolver morfemas e não palavras inteiras, a troca respeita a identidade categorial das palavras. Essa é uma restrição de ordem sintática para o autor, já que, nesse modelo, as categorias morfossintáticas são importantes para mapear os itens nos espaços sintáticos. Além disso, para Dell (1986, p. 315), a flexão também faz parte da estrutura sintática da sentença; assim, considerando que os sufixos encahados são flexionais, esta seria outra evidência em favor dessa classificação. Por fim, como última evidência, o autor aponta que as raízes trocadas estão em orações diferentes, o que indica que o erro provavelmente se dá no componente sintático. Por sua vez, o dado (86), repetido em (99), por conveniência, reflete a troca de duas palavras que não pertencem à mesma categoria, mas que estão adjacentes no enunciado, sendo, portanto, considerado um lapso morfológico. Dessa maneira, no modelo de Dell (1986), lapsos morfológicos são caracterizados por trocas de palavras que não preservam a identidade categorial, mas que devem estar adjacentes linearmente. Por outro lado, lapsos sintáticos preservam a identidade categorial das palavras, mas podem envolver palavras distantes linearmente.

Pfau (2009), por outro lado, não faz diferença entre esses tipos de lapsos. Para o autor, lapsos com trocas de palavras e lapsos com encahamento de traços gramaticais são muito semelhantes, pois ambos envolvem o desordenamento de raízes, independente de manter a identidade categorial das palavras ou não. A única diferença entre eles é, portanto, que, quando há encahamento, um traço que tem impacto no *spell-out* não se move com a raiz. Logo, sob esse ponto de vista, os dois tipos devem ter o mesmo tratamento, pois são instâncias de troca de raízes.

Segundo Pfau (2009), as trocas de palavras podem ser de dois tipos: trocas de raízes e trocas de palavras fonológicas. As trocas de raízes acontecem antes da inserção de vocabulário e formam enunciados gramaticais, pois estão suscetíveis à acomodação por causa da aplicação das operações da MD que sucedem esse tipo de erro. Além disso, trocas de raízes são condicionadas por contextos de licenciamento, isto é, há uma tendência forte para que as raízes manipuladas entrem em uma posição sintática que é

localmente licenciada pelo mesmo tipo de nó funcional que o da sua posição original. Apresentamos um exemplo de troca de raízes em (100). Tradicionalmente, esse erro poderia ser considerado uma troca de nomes, mas, nos termos da MD, deve ser apresentado como uma troca de raízes:

(100) I left the briefcase in my cigar ← the cigar in my briefcase
(cf. GARRETT, 1980, p. 179)

O segundo tipo, a troca de palavras fonológicas, acontece depois da inserção de vocabulário. Esse tipo não é condicionado pelos contextos de licenciamento, e, como as operações da MD já foram aplicadas nesse ponto da derivação, os elementos não se adaptam ao erro. É um tipo raro de erro, e forma uma sentença agramatical, conforme exemplificamos em (101).

(101) da wird mancher Neid vor blass werd-en
 there will._{3.SG} some envy with pale become-_{INF}
 ← blass vor Neid
 ← pale with envy
 ‘Some (people) will become pale with envy.’ (cf. PFAU, 2009, p. 255)

Nesse dado, a troca afeta elementos em contextos diferentes de licenciamento: na sentença-alvo, a raiz $\sqrt{\text{BLASS}}$ é licenciada por um elemento de grau, enquanto a raiz $\sqrt{\text{NEID}}$ é licenciada por um determinante. No entanto, apesar da troca, as raízes continuam com as formas que seriam apropriadas na sentença-alvo, mas que não são adequadas considerando o contexto de licenciamento do erro. Ou seja, as raízes não sofrem acomodação após a troca, pois seria esperado que houvesse inserção de morfemas em ambas palavras e um reajuste fonológico (*umlaut*) para a raiz $\sqrt{\text{BLASS}}$. O resultado hipotético do lapso se houvesse acomodação está em (102).

(102) **Resultado hipotético de uma troca de raízes antes do spell-out (cf. PFAU, 2009, p. 255):**

da wird mancher neid-isch vor Bläss-e werd-en
 there will._{3.SG} some envy-_{ADJ} with pale-_{NMLZ} become-_{INF}

Segundo Pfau (2009), esse é um lapso de troca de palavras fonológicas e não tem acomodação porque ocorre depois de *spell-out*, isto é, depois da aplicação das operações regulares.

Assim, considerando as trocas de raízes, que acontecem antes de *spell-out*, entende-se que as restrições de identidade categorial nesse tipo de erro são condicionadas a restrições do contexto de licenciamento. Ou seja, há uma forte tendência para que só haja troca entre raízes que compartilhem o mesmo contexto de licenciamento. No caso das trocas de palavras fonológicas essa restrição não deve se aplicar, pois esse lapso ocorre após *spell-out*. Por outro lado, as condições de licenciamento parecem ser diferentes para erros com encalhamento de traços, já que eles aparentemente não estão sujeitos às restrições de identidade categorial.

Os erros de encalhamento também podem ser de dois tipos: encalhamento de traços e/ou licenciadores locais e encalhamento de morfemas. Nos lapsos de encalhamento de morfema não há acomodação, resultando em um enunciado agramatical, pois esse tipo de encalhamento ocorre após a inserção de vocabulário. Nesse caso, não há restrições quanto às condições de licenciamento das raízes, porque os encalhamentos desse tipo não são afetados por restrições de licenciamento local, já que são resultantes de falhas pós-sintáticas, assim como as trocas de palavras fonológicas. Ilustramos esse tipo no dado em (103), em que as formas *pfeif* e *Tanz* são trocadas, enquanto o sufixo de passado e o sufixo nominalizador sofrem encalhamento.

- (103) er pfeif-te nach ihr-er Tanz-e, äh,
 he whistle-PASS to her-F.DAT dance-NMLZ(F), er,
 tanz-te nach ihr-er Pfeif-e
 dance-PASS to her- F.DAT whistle- NMLZ(F)
 ‘He danced to her tune.’ (cf. PFAU, 2009, p. 257)

Ressaltamos que, nesse exemplo, não são as raízes que são trocadas, mas sim as formas fonológicas, uma vez que esse erro acontece após *spell-out*. Se o erro tivesse ocorrido antes do *spell-out*, esperaríamos um enunciado gramaticalmente bem formado, conforme (104).

(104) **Resultado hipotético de uma troca de raízes antes de *spell-out* (cf. PFAU, 2009, p. 257):**

er	pfiff	nach	ihr-em	Tanz
he	whistle. _{PASS}	to	her- _{M.DAT}	dance. _{NMLZ(M)}

Se a troca ocorresse com as raízes, o IV que realiza a raiz $\sqrt{\text{PFEIF}}$ passaria por reajuste fonológico no contexto do traço [+pass], e a raiz $\sqrt{\text{TANZ}}$ se combinaria com um nominalizador (não realizado fonologicamente, nesse caso) quando licenciada por um determinante. Por conseguinte, *Tanz* seria especificada com um traço masculino, que seria copiado para o determinante.

Já nos erros de encaimento de traços gramaticais e/ou licenciadores locais há acomodação, portanto, esses erros devem ocorrer antes da aplicação das operações da MD, logo, antes da inserção de vocabulário. Assim, há uma troca de raízes antes de *spell-out*, deixando os traços para trás. O que ocorre depois é a inserção correta das formas fonológicas apropriadas ao contexto produzido pelo erro. Vemos isso em (105), por exemplo. Esse dado é interessante porque o IV que realiza a raiz $\sqrt{\text{BRECH}}$ é reajustado fonologicamente para *Bruch*, quando licenciado por um determinante, e, além disso, a forma correta do alomorfe para o morfema de particípio (*ge-...-t*) é escolhida para a raiz $\sqrt{\text{BANN}}$ após a troca. Nesse caso, apesar do traço de particípio e do nominalizador terem sido deixados para a trás, ambas as raízes são acomodadas gramaticalmente e realizam as formas apropriadas no contexto pós-erro. Portanto, a troca deve ter ocorrido antes de *spell-out*.

(105)	da	war	der	Bruch	ge-bann-t
	there	was	the. _M	break. _{NMLZ(M)}	PART-spell-PART
	←	der	Bann	ge-broch-en	
	←	the. _M	spell _(M)	PART-break-	PART
	'And so the spell was broken'				(cf. PFAU, 2009, p. 258)

Nesses termos, pensando no deslocamento de raízes, os erros de encaimento de traços e/ou licenciadores locais são muito parecidos com erros de trocas de raízes, sendo possível explicá-los da mesma maneira. O que os distingue, no entanto, é que, conforme já evidenciamos, enquanto as trocas de raízes majoritariamente acontecem

entre palavras da mesma categoria gramatical, o padrão oposto é observado nos lapsos de encaimento de traços. Logo, não podemos assumir que esse tipo de erro esteja condicionado a restrições de localidade. Para Pfau (2009), o que está em jogo no caso dos erros de encaimento de traços, então, são restrições de localidade entre as raízes. Isto é, se as raízes estiverem adjacentes ou muito próximas estruturalmente uma da outra, a restrição do contexto de licenciamento idêntico não se aplica.

A figura que emerge da discussão acima é que há dois cenários possíveis que permitem a troca de raízes em lapsos de fala. No primeiro cenário, duas raízes estão adjacentes uma a outra. Nesse caso, as duas raízes não precisam ser licenciadas pelo mesmo tipo de elemento funcional. No segundo cenário, outra raiz, isto é, outro possível candidato à troca, intervém entre os elementos trocados. No entanto, qualquer que seja o caso, as raízes trocadas são localmente licenciadas pelo mesmo elemento licenciador, enquanto o elemento interveniente aparece em um contexto de licenciamento diferente. Em outras palavras: esses erros obedecem à restrição de contexto de licenciamento (cf. PFAU, 2009, p. 260).¹⁰⁶

Isto é, comparando as análises de Pfau (2009) e de Dell (1986), temos que, enquanto Dell (1986) considera que os lapsos que envolvem palavras com categorias gramaticais iguais acontecem no nível da sintaxe e que lapsos que envolvem palavras com categoriais sintáticas diferentes acontecem no nível morfológico, Pfau (2009) busca uma análise mais uniforme. Desse modo, ao traçar um paralelo entre as trocas de raízes e os encaimentos de traços gramaticais e/ou licenciadores locais, de um lado, e as trocas de palavras fonológicas e encaimentos de morfemas de outro, o autor consegue prever os erros no seu sistema de um modo consistente, sem ter que postular operações *ad hoc*, o que garante uma análise mais abrangente e econômica, isto é, que dá conta de vários erros com uma única explicação.

Na próxima seção, analisaremos os lapsos de fala que envolvem morfemas no PB e veremos como as propriedades aqui discutidas se aplicam aos nossos dados, considerando questões de acomodação e as restrições de localidade e adjacência.

¹⁰⁶ Tradução nossa, no original: “The picture that emerges from the above discussion is that there are two scenarios that allow for the exchange of roots in speech errors. In the first scenario, the two roots are adjacent to each other. In this case, the two roots need not be licensed by the same type of functional element. In the second scenario, another root, that is, another possible candidate for exchange, intervenes between the exchanged elements. However, whenever this is the case, the exchanged roots are locally licensed by the same licensing element, while the intervening element appears in a different licensing environment. In other words: these errors obey the licensing environment constraint” (cf. PFAU, 2009, p. 260).

5.5.2. Considerações sobre os lapsos que envolvem morfemas no PB

Encontramos um total de trinta e dois lapsos de fala que envolvem morfemas no nosso *corpus*, dentre os quais a maioria caracteriza-se por deslocamentos de raízes. Ressaltamos que os lapsos do PB também atestam, corroborando Fromkin (1971), que raízes e afixos têm naturezas diferentes, e que, portanto, não interagem, de modo que uma raiz nunca substituirá um afixo ou vice-versa. Nos dados abaixo, ilustramos erros de troca, preservação, antecipação e apagamento de raízes no PB:

- (106) Sempre posto a legenda dele nas músicas. ← Sempre posto as músicas dele na legenda
- (107) Quando vi o terno em cima da boca. ← Quando vi o terno em cima da cama o coração veio na boca
- (108) Quando eu tô bêbada, eu bebo. ← Quando eu tô bêbada, eu choro
- (109) Quando você vai me comer no Rascal? ← Quando você vai me [levar pra] comer no Rascal?

Em (106), temos uma troca entre as raízes $\sqrt{\text{LEGEND}}$ e $\sqrt{\text{MÚSIC}}$, sendo que, nesse caso, não há o encaimento do traço de número, com a acomodação do traço de número nos determinantes pós-erro. Isto é, considerando a análise de Pfau (2009) para esse tipo de lapso, temos que a troca acontece antes do processamento da concordância, o que possibilita a concordância correta com os determinantes. O dado (107), por sua vez, representa uma antecipação de raiz, uma vez que a raiz $\sqrt{\text{BOC}}$ aparece na posição da raiz $\sqrt{\text{CAM}}$. Em (108), ocorre uma preservação da raiz $\sqrt{\text{BEB}}$, em outro contexto de licenciamento, por isso que o erro tem como resultado o verbo *beber*. Por fim, o lapso (109) sugere um apagamento de raízes, pois uma parte da sentença não é realizada.

Além dos lapsos envolvendo raízes, também destacamos aqueles cujo elemento afetado é um morfema. Encontramos casos de troca, preservação e substituição de morfemas, conforme os exemplos de (110) a (112).

- (110) Preparamentos do casativo ← Preparativos do casamento
- (111) Limão é desinfetante pro desintestino. ← Limão é desinfetante pro intestino
- (112) Eu fui no barbeador. ← Eu fui no barbeiro

O exemplo em (110), discutido rapidamente na seção 3.4, ilustra um caso de troca de sufixos. Esse lapso apresenta a troca dos sufixos *-mento* e *-tivo* após *spell-out*, pensando no sistema de Pfau (2009), uma vez que, preferivelmente, a raiz $\sqrt{\text{PREPAR}}$ combina-se com o sufixo nominalizador *-ção*, formando *preparação* e não *preparamento*. Assim, o fato de não ter havido uma acomodação sugere que a troca dos sufixos ocorreu após a inserção de vocabulário, quando a forma fonológica *-mento* já havia sido selecionada.

O dado (111), por sua vez, representa um caso de preservação de morfemas, caracterizado pela preservação do prefixo *des-* que se repete em *desintestino*. Nesse caso, a preservação do morfema pode ter ocorrido após *spell-out*, pois, de modo geral, o sufixo *-des* não se afixa a bases nominais. Logo, considerando a análise de Pfau (2009) destacada acima, a agramaticalidade desse dado sugere que a preservação seja apenas de conteúdo fonológico.

Já, o lapso apresentado em (112) ocorre devido à substituição do sufixo *-eir* por *-dor*, uma mudança que compromete o enunciado pretendido. Nesse caso, apesar de *barbeador* ser uma palavra possível e bem formada em português, ela não corresponde ao significado esperado no enunciado-alvo, já que *barbeiro* pode, informalmente, designar tanto quem exerce a atividade de barbear, quanto o lugar, enquanto *barbeador* remete ao aparelho usado. O erro acontece, então, na escolha do nominalizador. Conforme Pfau (2009, p. 250), quando há dois sufixos nominalizadores disponíveis para inserção em um lapso de fala, a escolha entre um deles é feita com base na semântica interna do DP. Assim, tendo em conta o modelo adotado por Pfau (2009), há duas possibilidades de análise para o erro em (112): a troca do sufixo *-eir* por *-dor* pode estar condicionada a uma falha na codificação da semântica interna do DP, como a falta do traço [+agentivo], ou a troca pode ter sido desencadeada por uma falha na escolha do vencedor da competição entre os sufixos, levando à inserção de um sufixo incompatível. Contudo, além do fenômeno não ter sido amplamente discutido ou descrito na literatura, estamos diante de um dado singular dentro do corpus do PB. Portanto, devido à falta de maiores evidências, as hipóteses ainda não podem ser verificadas e a questão fica aberta à espera de novas contribuições.

Por fim, trataremos de um dado bastante interessante do PB, apresentado em (112), pois o lapso *sugerão* não respeita a alomorfia da raiz $\sqrt{\text{SUGEST}}$ ¹⁰⁷ que deve ser realizada fonologicamente como /suzest/ em contextos nominais, conforme os IVs descritos em (114).

(113) "Se o chefe sugeriu, acho que a gente deve aderir à *sugerão*" ← Se o chefe sugeriu, acho que a gente deve aderir à *sugestão*.

(114) **Inserção de vocabulário para a raiz $\sqrt{\text{SUGEST}}$ dado o lapso em (113):**

IV: $\sqrt{\text{SUGEST}} \leftrightarrow /suzer/ / \Leftarrow [+v] [-d]$

IV: $\sqrt{\text{SUGEST}} \leftrightarrow /suzest/$

A primeira hipótese seria supor que, nesse caso, o erro ocorreu em decorrência da escolha do IV mais especificado, o que levou ao *spell-out* da forma fonológica /suzer/, embora este IV não seja compatível com o ambiente de licenciamento da raiz no erro. No entanto, não há evidências para supormos que possa haver falhas na inserção de vocabulário de IVs em competição, uma vez que esse é o único dado que poderia ocorrer devido a uma falha desse tipo. A segunda hipótese, então, é pensarmos que a falha de processamento aconteceu depois de *spell-out*, em decorrência da preservação da forma fonológica /suzer/, em *sugeriu*, que antecede o erro. Assim, esse lapso envolveria apenas a forma fonológica da raiz e explicaríamos a agramaticalidade do enunciado, uma vez que as falhas que ocorrem após *spell-out* estão além dos limites das operações da MD responsáveis pela acomodação. Nesse sentido, a segunda hipótese melhor descreve o processamento desse dado dentro do sistema de Pfau (2009) e da MD, já que não viola os princípios da competição entre IVs.

Desse modo, tendo em vista os fenômenos aqui descritos, observamos que os lapsos de fala que envolvem morfemas no PB, a princípio, podem ser explicados através do modelo de processamento de Pfau (2009). Além disso, vimos que uma abordagem que opte pela inserção tardia de fonologia, como a MD, revela implicações extremamente interessantes para a análise de lapsos de fala em que há acomodação pós-erro. Ademais, essas são apenas questões preliminares sobre os lapsos de fala que

¹⁰⁷ A forma para a raiz adotada foi $\sqrt{\text{SUGEST}}$ porque ela aparece em um número maior de palavras, como *sugestão*, *sugestivo*, *sugestionável*, *sugestionamento*, entre outras. O mesmo vale para a forma fonológica do IV menos especificado, /suzest/, que aparece nas palavras listadas acima, enquanto a forma /suzer/ só é compatível com verbos ou palavras derivadas a partir do verbo.

envolvem morfemas, porque, conforme já ressaltamos, alguns fenômenos demandam mais dados para uma investigação aprofundada.

A seguir, na seção 5.6, veremos como se comportam os lapsos de fala que envolvem traços gramaticais de acordo com a descrição de Pfau (2009), para, então, investigarmos quais traços são relevantes para os lapsos de fala em PB e como eles manifestam-se nos erros.

5.6. Lapsos que envolvem traços gramaticais

Conforme vimos na seção anterior, há um grande número de lapsos de fala, tanto em PB, quanto em outras línguas, como alemão e inglês, que nos fornecem evidências sobre o papel e a importância que os morfemas, em especial os afixos e raízes, assumem no processamento de uma sentença. Nesta seção, por sua vez, investigaremos o comportamento dos traços gramaticais nos lapsos de fala. Para Pfau (2009), os lapsos de fala que envolvem traços morfossintáticos são de extrema importância para teorias de processamento porque trazem evidências impressionantes a favor do acesso do processador aos traços morfossintáticos retirados da Lista 1 durante a geração de palavras e de sentenças (cf. PFAU, 2009, p. 105). Assim, na seção 5.6.1, com base na investigação feita por Pfau (2009) para os dados do alemão, veremos quais traços gramaticais estão envolvidos nos lapsos de fala e como eles são manipulados. A seguir, na seção 5.6.2, observaremos o papel dos traços gramaticais em PB a partir dos nossos dados.

5.6.1. Propriedades gerais dos lapsos que envolvem traços gramaticais

Por definição, os lapsos de fala que envolvem traços gramaticais são aqueles em que um ou mais traços gramaticais morfossintáticos são afetados por uma falha de processamento. Consideramos, por exemplo, o dado em (114):

(114) Tenors and basses of courses [tenəz ənd beisiz əv ko:siz] ← Tenors and
basses of course (cf. FRY, 1793, p. 162)

Nesse caso, o traço gramatical afetado pelo erro é o traço de número, mais especificamente o traço [+plural], que foi preservado, realizando a forma-alvo *course* como *courses*, com o sufixo de plural *-s*. Como veremos adiante, a possibilidade de ocorrência de erros de deslocamento com traços de número é uma evidência a favor da independência desse traço, no sentido em que ele pode ser acessado pelo processador de modo independente do acesso à raiz, o que, a priori, não acontece com outros tipos de traços. Nesse sentido, a partir das análises de Pfau (2009) para os dados do alemão, iremos observar o comportamento dos traços gramaticais com relação ao seu acesso pelo processador.

Segundo Pfau (2009), os traços envolvidos nos erros em alemão são: número, pessoa, gênero, tempo, Caso e negação. O autor assume que número, pessoa e gênero são traços importantes no processo de concordância, enquanto tempo e negação são núcleos de projeções funcionais próprias. Por fim, Caso é assumido como o único traço que não é diretamente retirado da Lista 1 porque é atribuído a partir das propriedades de verbos e preposições atribuidoras de Caso. Assim, assumimos que, devido às diferentes propriedades estruturais dos tipos de traços gramaticais, os traços terão comportamentos diferentes quanto à maneira como serão manipulados nos lapsos de fala.

Os traços gramaticais, de um modo geral, podem ser manipulados de três maneiras nos lapsos de fala: através de cópia, encahamento ou troca. Adiante, contudo, veremos que cada traço tem especificações quanto ao modo como pode ser manipulado devido às suas propriedades estruturais. Entretanto, antes de discutir essas especificações para manipulação, apresentaremos os tipos de manipulação, para, em seguida, discutir como cada tipo de traços gramaticais é afetado nos erros.

O primeiro tipo de manipulação que afeta os traços gramaticais nos erros é a cópia. Conforme vimos na seção 2.1, a cópia de traços é o mecanismo responsável pela concordância nominal e verbal para a MD e ocorre em MS após a computação sintática. Dois fenômenos concernentes aos lapsos de fala se sucedem a partir da cópia de traços: as acomodações e os erros de concordância.

A discussão acima deixa claro que a cópia de traços tem dois papéis distintos. Por um lado, o processo de cópia pode garantir o surgimento de um enunciado gramatical depois de uma falha de processamento. Nesse caso, o contexto de uma raiz que foi substituída ou deslocada se acomoda ao traço de gênero da raiz. Nós vimos que os padrões atestados de acomodação estão de acordo com as previsões feitas com base na arquitetura da DM: as acomodações só são observadas em erros que ocorrem antes ou em MS, nível no qual são estabelecidas as relações de concordância. Por outro lado, a cópia

de traços também pode ser a causa de um erro nos casos em que um alvo errado é escolhido e tem seus traços copiados durante a concordância. Na maioria dos erros envolvendo desencontro de traços, o alvo errado – seja ele um verbo ou um pronome – está linearmente mais próximo do controlador da concordância do que o alvo correto¹⁰⁸ (cf. PFAU, 2009, p. 221 – 222).

Isto é, os erros de concordância são aqueles em que há uma falha no processamento da concordância e o traço errado é copiado. Esse tipo de lapso foi discutido na seção 3.4, considerando os dados e os modelos de Pfau (2009) e Rodrigues (2006). Para o modelo PMP revisto e ampliado, os erros de atração em PB são resultantes de falhas de processamento do *parser* monitorador que reanalisa o núcleo do SN. Ou seja, na perspectiva de Rodrigues (2006), portanto, os erros de concordância não são instâncias de falhas envolvendo a cópia de traços. No entanto, como vimos anteriormente, consideramos que o modelo de Pfau (2009) apresenta algumas vantagens sobre o PMP no que diz respeito à maior abrangência da análise, que pode explicar outros casos de erros de concordância, além dos erros de atração, e tem uma abordagem que não necessita da interferência do *parser* nos processos sintáticos. Outra vantagem é decorrente do processamento da concordância através da cópia de traços em MS, como propõe Pfau (2009), e que esse modelo é capaz de prever os casos de acomodações morfossintáticas nos lapsos.

Assim, a acomodação é o segundo tipo de fenômeno, relacionado à cópia, que pode afetar os traços gramaticais em um erro. Casos de acomodação acontecem regularmente quando temos o deslocamento ou trocas de raízes, e, uma vez que outra raiz esteja realocada, o contexto morfossintático irá se acomodar aos seus traços, resultando em uma sentença gramatical. Para Pfau (2009), isso ocorre porque a raiz é deslocada na sintaxe, ou seja, antes do processamento da concordância. Desse modo, os traços copiados são aqueles da raiz realocada, o que garante a gramaticalidade da sentença naquele contexto. Exemplos de acomodações envolvendo traços gramaticais foram discutidos na seção 5.5, com dados de lapsos de fala envolvendo morfemas.

¹⁰⁸ Tradução nossa, no original: “The above discussion has made clear that feature copy plays two distinct roles. One the on hand, copy process may ensure that a grammatical utterance surfaces after an error has taken place. In this case, the context of a substituted or displaced root accommodates to the gender feature of that root. We have seen that the attested accommodation patterns are in line with the predictions made on the basis of the DM architecture: accommodations are only observed for errors that occur before or at the level of MS, the level at which agreement relations are established. On the other hand, feature copy can also be the cause of an error in cases where an erroneous target is chosen for agreement feature copy. In most of the errors involving feature mismatch, the erroneous target – be it a verb or a pronoun – is linearly closer to the agreement controller than the correct target.” (cf. PFAU, 2009, p. 221 – 222)

Os lapsos que envolvem encalhamentos de traços gramaticais, por sua vez, também já foram apresentados ao longo do trabalho. Estamos diante desse tipo de erro quando encontramos uma raiz que é deslocada enquanto traços, como número ou tempo, continuam nas mesmas posições, ou seja, eles não acompanham a raiz. No lapso em (115), por exemplo, enquanto as raízes $\sqrt{\text{ACH}}$ e $\sqrt{\text{ENTR}}$ foram deslocadas, os traços de [inf] e [1p, sg, pass] permanecem na mesma posição da sentença-alvo.

(115) Achei entrando ← Entrei achando

Para Pfau (2009), os erros de encalhamento são diferentes dos casos de cópia ou troca de traços gramaticais (que veremos em seguida) porque, nesse caso, o traço não é diretamente afetado no erro. Todavia, erros de encalhamento ainda são importantes, pois são provas de que os traços gramaticais podem ser separados da raiz e de outros traços que os acompanham (cf. PFAU, 2009, p. 222).

Por fim, os lapsos de troca de traços gramaticais são aqueles em que um traço gramatical é trocado, podendo ele substituir outro ou assumir outra posição estrutural. Conforme destaca Pfau (2009), traços de tempo podem substituir outro traço de tempo, enquanto traços como negação podem modificar a estrutura da sentença-alvo, como veremos no dado em (116).

No caso da troca de traços, como na cópia de traços, é o próprio traço morfossintático que é manipulado no erro. Em um erro de troca, o traço relevante não é copiado, isto é, não há relação de concordância. Em vez disso, algum traço presente na estrutura hierárquica aparece sob um nó funcional errado. A troca de traços ocorre por substituição (por exemplo, quando um traço de tempo toma o lugar de outro traço de tempo) ou pela construção de estrutura (em casos de troca de [+neg]). Além disso, o traço envolvido na troca pode desaparecer de sua posição original (“troca verdadeira”) ou pode aparecer duas vezes na estrutura como um resultado de uma antecipação ou preservação¹⁰⁹ (cf. PFAU, 2009, p. 222).

O exemplo abaixo ilustra um caso de erro de troca envolvendo um traço de negação. Na sentença-alvo, o traço de [+neg] está associado à raiz $\sqrt{\text{MÖGLICH}}$ na

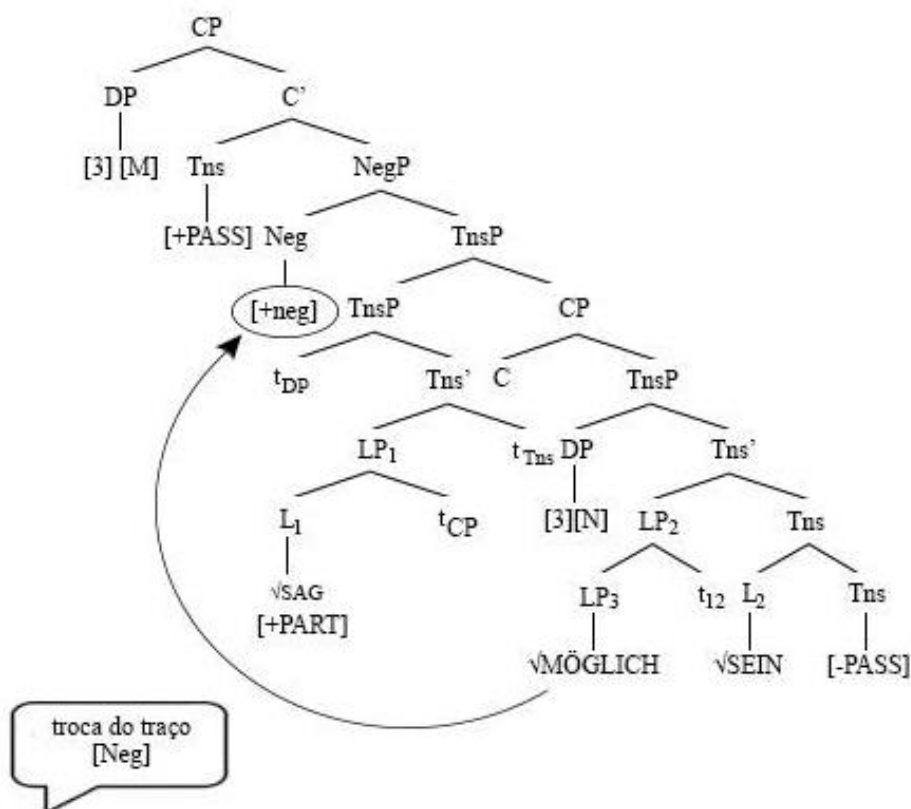
¹⁰⁹ Tradução nossa, no original: “The feature shift, just as in feature copy, it is the morphosyntactic feature itself that is manipulated in the error. In a shift error, the relevant feature is not copied, that is, no agreement relation is involved. Rather, some feature present in the hierarchical structure appears under a wrong functional node. Feature shift is either replacing (for instance, when a tense feature takes the place of another tense feature) or structure-building (as in some cases of [+neg] shift). Moreover, a shifted feature may disappear from its original position (“true shift”) or may appear twice in the structure as a result of feature anticipation or preservation (cf. PFAU, 2009, p. 222).

sentença encaixada. No erro, esse traço é antecipado para a sentença matriz, onde ele projeta um núcleo sintático NegP, alterando a estrutura da sentença-alvo. Ou seja, esse lapso também revela uma importante propriedade do traço de negação: ele é capaz de se deslocar na estrutura, adicionando a ela um núcleo funcional próprio.

- (116) Er hat nicht gesagt, dass es möglich ist, äh, ich meine,
 He has not said that it possible is, er, I mean,
 Er hat gesagt, dass es un-möglich ist
 He has said that it NEG-possible is
 “He has said that it is impossible” (cf. PFAU, 2009, p. 211)

A estrutura em (117) ilustra a estrutura do lapso em (116). Como constatamos, antes do erro, o traço [+neg] compartilhava um nó terminal com a raiz, enquanto no erro, ele é o núcleo de uma projeção funcional própria – NegP.

(117) Estrutura sintática do lapso (116) (adaptado de PFAU, 2009, p. 212)



Além da troca, o traço de negação também pode estar sujeito a encalhamento. Isto é, é possível que uma raiz se desloque, enquanto [+neg] continua em sua posição uma vez que não há uma relação de dependência entre as raízes e este traço. No entanto, como a negação não está sujeita a processos de concordância, não há casos de erro de cópia envolvendo o traço [+neg].

Outro traço especialmente importante para os lapsos de fala em alemão é o Caso, pois, em alemão, Caso pode influenciar o *spell-out* de pronomes, raízes, determinantes e adjetivos (cf. PFAU, 2009, p. 217). Ao contrário dos demais traços, Caso é atribuído a um DP como um todo de acordo com as propriedades de atribuição de Caso de um item lexical, enquanto os demais traços são associados a um nó lexical, como gênero e número, ou gerados em um nó funcional, como tempo.

Pfau (2009) observa que, no seu *corpus*, há muitos erros de encalhamento envolvendo traços de Caso, o que é bastante previsível se considerarmos que Caso é uma propriedade estrutural, e não é selecionado diretamente da Lista 1 e atribuído à uma raiz. Assim, quando Caso é atribuído em MS, é provável que a troca dos itens envolvidos nos erros já tenha acontecido, e que, portanto, ela não afete os traços de Caso. Desse modo, para o autor, o uso do termo *encalhamento*, quando nos referimos a lapsos envolvendo Caso, só se justifica em termos de descrição do erro, já que superficialmente os mesmos traços de Caso da sentença alvo estão presentes no lapso. Do ponto de vista teórico, no entanto, o traço de Caso não encalhou, de fato, pois, quando a troca aconteceu, ele ainda não havia sido processado.

O traço de Caso pode, ainda, sofrer trocas nos lapsos de fala, sendo atribuído a um DP diferente na projeção. Essa falha está ilustrada no lapso em (118) abaixo. Nesse caso, o verbo *ausspannen* requer três argumentos marcados com nominativo, acusativo e dativo, mas, no erro, o Caso acusativo é atribuído duas vezes, violando o princípio de subcategorização do verbo. Desse modo, a preservação do traço de acusativo tornou a sentença agramatical.

- (118) ich bin mir fast sicher, dass er sie mich, äh,
 I am REFL almost sure that he 3.SG.F.ACC 1.SG.ACC er,
 dass er sie mir ausspann-en woll-te
 that he 3.SG.F.ACC 1.SG.DAT pinch-INF want-PASS
 ‘I am almost sure that he wanted to pinch her from me.’

(cf. PFAU, 2009, p. 219)

Ou seja, o traço de Caso está sujeito a erros envolvendo encahamento, se considerarmos encahamento do ponto de vista descritivo, e a troca, que pode envolver a antecipação ou preservação de um dos traços de Caso da sentença. Porém, por conta de suas propriedades estruturais, Caso não pode ser afetado por erros de cópia, uma vez que não é influenciado diretamente pelo processamento da concordância.

O terceiro traço que pode estar sujeito a falhas no processamento é o traço de número. De acordo com Pfau (2009), o traço de número está sujeito a erros envolvendo cópia, encahamento ou troca. Primeiramente, erros de cópia envolvendo concordância de número podem ser desencadeados pela presença de um DP local interveniente [+pl] dentro do DP sujeito de uma sentença. Isso acontece, por exemplo, no lapso em (25), apresentado na seção 3.2 e repetido abaixo, em que o verbo concorda com o DP local marcado pelo traço [+pl] que é parte de um PP.

- (119) **ein Ende** der Unruhen **sind** nicht abzusehen
 an end of.the disturbances are not in.sight
 ← ein Ende der Unruhen ist nicht abzusehen
 ← an end of.the disturbances is not in.sight

(cf. PFAU, 2010, p. 43)

A falha nesses casos, para o autor, está associada à assimetria entre os traços de singular e plural, e, uma vez que somente o traço [+pl] é marcado nos itens, a ausência do traço é a marca do singular, por *default*. Assim, em decorrência da assimetria, o traço de [+pl] é mais proeminente, e, portanto, pode ser, ocasionalmente, detectado pelo mecanismo de cópia erroneamente. Ou seja, em (25), a presença do traço [+pl] no PP interveniente *der Unruhen* desencadeou a falha na concordância.

Conforme aponta Pfau (2009), a maioria dos lapsos envolvendo erros de concordância de número entre o DP sujeito e o verbo ocorrem por conta de um DP interveniente plural, o que sustenta a hipótese da assimetria entre singular e plural. Por outro lado, nos raros casos em que o lapso de concordância ocorre em decorrência de um DP singular interveniente, o erro pode ser justificado em termos da falha na cópia do traço de [+pl]. Isto é, nesse lapso, a cópia do traço simplesmente não aconteceu.

Nos erros que envolvem a troca de uma raiz, o traço de plural pode acompanhar a raiz ou sofrer encalhamento. No dado (120), ilustramos um caso de encalhamento do traço [+pl] após a troca das raízes $\sqrt{\text{FLOOR}}$ e $\sqrt{\text{HOLE}}$. Apesar de, em (120), não ficar particularmente claro se é o traço ou o morfema que sofre o encalhamento, Pfau (2009, p. 203) assume que é o traço que encalha, pois, normalmente, o traço irá ser realizado como o alomorfe adequado à raiz intrusa.

(120) a hole full of floor-s ← a floor full of hole-s
(cf. FROMKIN, 1973 *apud* PFAU, 2009, p. 203)

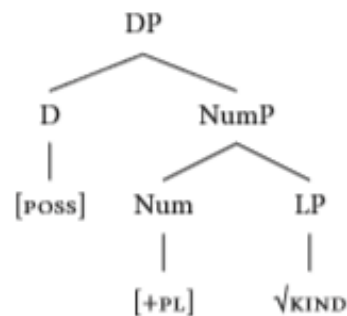
Em (121), por sua vez, o nome foi deslocado junto do traço de plural. Nesse lapso, as raízes $\sqrt{\text{KIND}}$ e $\sqrt{\text{HILF}}$ são trocadas, sendo que a primeira, especificada para o traço de plural, carrega-o para a nova posição. Além da troca, vemos que houve a acomodação por parte dos determinantes, principalmente no determinante definido *der*, que acomoda-se ao gênero e ao número de *Hilfe*. Ou seja, também é possível que o traço de número se mova juntamente com a raiz.

(121) ich habe der **Hilfe** für ihr-e **Kind-er** ge-dank-t
I have the._{F.DAT} help_(F) for their-_{PL} child-_{PL} part-thank-part
← den Kind-er-n für ihr-e Hilfe
← the._{PL.DAT} child-_{PL-DAT} for their-_F help_(F)
'I have thanked the children for their help.' (cf. PFAU, 2009, p. 203)

Segundo Pfau (2009, p. 204), assumindo a estrutura do DP dada em (122), podemos fazer três previsões sobre possíveis lapsos envolvendo troca e o traço de número: (i) LP é acessado sozinho, o que causaria o encalhamento de Num e D; (ii)

NumP é acessado, o que causaria o encalhamento de D; ou (iii) DP é acessado, o que inibe o encalhamento de qualquer parte.

(122) Estrutura do DP *ihre Kinder* (cf. PFAU, 2009, p. 204)¹¹⁰



Considerando a sentença alvo de (121), *ich habe den Kindern für ihre Hilfe gedankt* (Eu agradei as crianças pela sua ajuda), teríamos os três possíveis erros através da estrutura em (122): (121), (123) e (124). No lapso hipotético apresentado em (123), apenas o LP é acessado, o que resulta no encalhamento do traço [+pl]. No lapso indicado em (121), por sua vez, o núcleo acessado é NumP, portanto a raiz e o traço de número se movem juntos. Por fim, no erro hipotético em (124), todo o DP é acessado, portanto a raiz, o traço de gênero e o determinante são deslocados.

(123) ich habe den **Hilfe-n** für ihr **Kind** ge-dank-t
 I have the. PL.DAT help- PL for their child part-thank-part
 ← den Kind-er-n für ihr-e Hilfe
 ← the. PL.DAT child- PL.DAT for their- F help(F)
 ‘I have thanked the children for their help.’ (cf. PFAU, 2009, p. 205)

(124) ich habe **ihr-er** **Hilfe** für **die** **Kind-er** ge-dank-t
 I have their- F.DAT help(F) for the. PL child- PL part-thank-part
 (cf. PFAU, 2009, p. 205)

Por outro lado, a estrutura em (122) também nos permite levantar uma hipótese acerca dos lapsos de fala envolvendo traços de número: deve ser impossível haver uma

¹¹⁰ Pfau (2009, p.204) assume que o traço de plural projeta seu próprio núcleo funcional entre D e o núcleo lexical L, o qual denomina NumP (cf. RITTER, 1991 1995).

troca entre DPs com o encalhamento do traço em Num. Abaixo, em (125), temos uma representação hipotética da forma de um lapso de fala desse tipo. Isto é, temos a troca entre os DPs *den Kindern* (plural) e *ihre Hilfe* (singular), que são realizados como *ihren Hilfen* (plural) e *das Kind* (singular), com o encalhamento dos traços de número.

- (125) ich habe **ihr-en** **Hilfe-n** für **das** **Kind** ge-dank-t
 I have their-_{PL.DAT} help-_{PL} for the_(N) child^(N) part-thank-part
 (cf. PFAU, 2009, p. 205)

Segundo Pfau (2009), essa hipótese se confirma uma vez que não há, de fato, nenhum lapso de fala atestado em seu *corpus* que corresponda à troca de DPs com encalhamento do traço de número, como em (125). Desse modo, as evidências fornecidas pelos lapsos corroboram para a manutenção da estrutura do DP em (122).

Por fim, além de erros de cópia e encalhamento, o traço de número também pode estar sujeito a lapsos que envolvem a troca do próprio traço, seja por troca verdadeira – ou, *true shift*¹¹¹ nos termos de Pfau (2009) –, por antecipação ou por preservação. Ou seja, o traço de número pode ser deslocado na sentença e combinado com uma raiz diferente daquela da sentença alvo. Exemplificamos esse tipo de lapso em (126):

- (126) bei dieser Ausgabe sind vier Buch in den Schuber-n,
 in this edition be._{PL} four book in the._{PL.DAT} slipcase-_{PL}
 äh, vier Büch-er im Schuber
 er, four book-_{PL} in.the.m.dat slipcase_(M)
 ‘In this edition, there are four books in the slipcase.’
 (cf. PFAU, 2009, p. 205)

Em (126), temos um caso de troca verdadeira envolvendo o traço [+pl], que se desloca na posição de núcleo de NumP concatenado à raiz $\sqrt{\text{BUCH}}$ para o núcleo de NumP concatenado à raiz $\sqrt{\text{SCHUBER}}$. Conseqüentemente, o plural é copiado para o determinante do segundo DP. No entanto, o primeiro DP torna-se agramatical, uma vez que não há como ajustar o numeral *vier* (quatro) para o singular.

¹¹¹ O termo troca verdadeira, ou *true shift* em inglês, se refere aos lapsos em que um item é deslocado e desaparece da sua posição na sentença alvo. A troca verdadeira se opõe à antecipação e preservação, pois, nesses casos, o item aparece duas vezes no erro. Não só os traços, mas também os morfemas e raízes estão sujeitos às trocas verdadeiras, antecipações e preservações.

Por sua vez, o traço de tempo pode ser encachado ou trocado. Isso ocorre porque, assim como o traço de número, tempo também é o núcleo de uma projeção própria, TsnP. Logo, é possível que uma raiz seja deslocada sem carregar o traço de tempo junto, como vemos no exemplo em (127):

(127) es **droh**-te zu **schein**-en, dass... ← es schien zu droh-en
 it threat-PASS to seem-INF that... ← it seem.PASS to threat-INF
 “It seemed to impend that...” (cf. PFAU, 2009, p. 206)

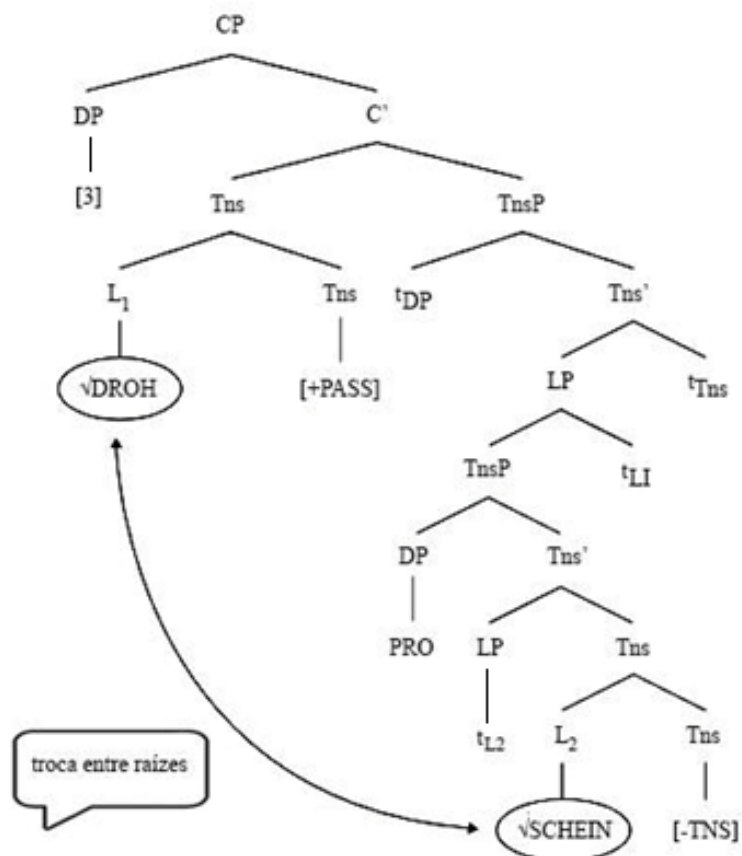
No dado acima, as raízes $\sqrt{\text{DROH}}$ e $\sqrt{\text{SCHEIN}}$ são trocadas, juntando-se aos traços de tempo encaçados – [+pass] e [-tns]¹¹², respectivamente. Nesse caso, vemos que não são os morfemas de tempo que sofrem encaçamento, mas sim os traços, pois há acomodação dos itens de vocabulário no ambiente pós-erro: adjungida ao traço [-tns], a forma fonológica da raiz $\sqrt{\text{SCHEIN}}$ não desencadeia o processo de *umlaut*, e o traço de [+pass], no contexto da raiz $\sqrt{\text{DROH}}$, é realizado pelo sufixo de passado regular *-te*.

Em (128), ilustramos a estrutura sintática do lapso (127) considerando a troca das raízes e o encaçamento dos traços de tempo.¹¹³ Como vemos na estrutura, o encaçamento de traços de tempo é possível, pois a raiz e o nó Tns são irmãos. Ou seja, em um erro, a raiz pode ser trocada, preservada ou antecipada, deixando o nó adjacente Tsn para trás.

¹¹² Para Pfau (2009), os verbos no infinitivo são marcados com o traço [-tns], enquanto os verbos no particípio são marcados com o traço [+part].

¹¹³ Levando em consideração a estrutura apresentada em (128), há duas possíveis alternativas para a troca das raízes: as raízes $\sqrt{\text{DROH}}$ e $\sqrt{\text{SCHEIN}}$ podem ter sido trocadas depois de adjungidas ao nó Tns (como indicado na imagem), ou a troca pode ter ocorrido antes do movimento de núcleo, isto é, quando as raízes ainda ocupavam as posições tL1 e tL2 (cf. PFAU, 2009, p. 207).

(128) Estrutura sintática correspondente ao erro em (127) (adaptado de PFAU, 2009, p. 207)



Além do encahamento, Pfau (2009) também relata casos envolvendo a troca, antecipação ou preservação de traços de tempo, conforme observamos no dado em (129). Nesse erro, o traço [+pass] é antecipado, combinando-se com a raiz $\sqrt{\text{KOMM}}$, e substituiu o traço [-tns].

(129) eigentlich woll-te er kam, äh, komm-en
 actually want-PAST he come-PAST, er, come-INF
 ‘Actually, he wanted to come.’ (cf. PFAU, 2009, p. 207)

Assim, temos que devido à natureza dos traços de tempo, que são o núcleo da própria projeção sintática, é possível encontrarmos lapsos de fala envolvendo traços de tempo em erros de encahamento ou troca, mas não em erros de cópia, uma vez que tempo não participa do processamento de concordância.

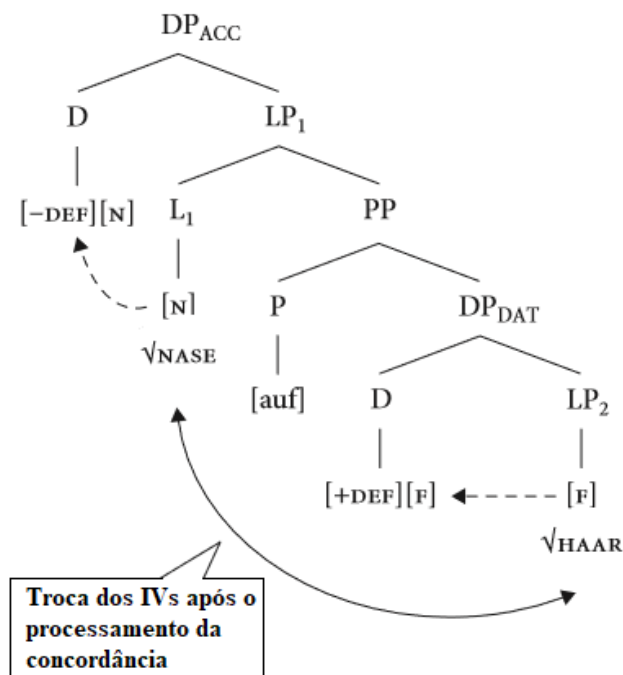
O último traço relevante discutido por Pfau (2009) que aparece nos lapsos de fala em alemão é o traço de gênero. Para o autor, o gênero é uma propriedade inerente da raiz, isto é, quando uma raiz é retirada da Lista 1, ela já deve vir marcada com o traço de gênero. Isso implicaria, portanto, que o traço de gênero está mais ligado à raiz do que o traço de número ou negação, por exemplo. Consequentemente, se gênero for inerente à raiz, erros de encahamento ou troca de gênero não devem ser possíveis.

Em alemão, uma raiz não sofreria alteração na sua realização fonológica em decorrência de uma troca de gênero causada pela troca ou pelo encahamento de um traço. Contudo, tal erro seria visível observando um desencontro entre os traços de gênero do determinante e da raiz, como no lapso em (130):

(130) ich hab' ein Nase auf der Haar, äh,
 I have._{I.SG} a._{N.ACC} nose_(F) on the._{F.DAT} hair_(N), er,
 ein Haar auf der Nase
 a._{N.ACC} hair_(N) on the._{F.DAT} nose_(F)
 'I have a hair on the nose.' (cf. PFAU, 2009, p. 214)

Em (130), com a troca de *Nase* e *Haar*, há um desencontro entre o gênero dos nomes e dos determinantes. Em (131), exibimos a estrutura sintática do lapso em (130). Como vemos, se considerarmos as raízes nas posições da sentença alvo, a concordância de gênero com o determinante ocorre plenamente. A solução para o erro seria, então, segundo Pfau (2009) considerarmos que a troca se dá entre os IVs, ou as formas fonológicas, de *Nase* e *Haar*, e não entre as raízes. Desse modo, quando a concordância é processada, as raízes ainda estão nas posições corretas. A troca, portanto, acontece só após a concordância, por isso quando os IVs são deslocados, não há acomodação de gênero nos determinantes. Então, ainda que haja um desencontro de traços, não temos um erro de encahamento, o que reforça a hipótese de Pfau (2009) de que gênero não pode ser encahado ou trocado porque é uma propriedade inerente da raiz.

(131) Estrutura sintática correspondente ao lapso em (130) (adaptado de PFAU, 2009, p. 215)



Por outro lado, o traço de gênero está sujeito a erros de cópia, assim como o traço de número, já que o gênero é um traço relevante para concordância nominal em alemão e, também, em PB. Dessa maneira, durante a concordância, um traço de gênero de um núcleo interveniente pode ser copiado indevidamente, ou o traço correto pode não ser copiado, resultando na realização do gênero *default*.

Vimos, dessa forma, que os traços gramaticais assumem diferentes propriedades com relação à sua manipulação na sintaxe, à sua participação na construção da estrutura e ao jeito como entram no sistema computacional – eles podem retirados diretamente da Lista 1, inerentes às raízes ou atribuídos na derivação. Assim, conseqüentemente, os lapsos de fala variam de acordo com as propriedades de cada tipo de traço gramatical.

No geral, os traços que projetam sua própria projeção funcional, tais como número e tempo, podem sofrer encalhamento ou trocas. O traço de negação, por sua vez, pode projetar uma projeção funcional ou se concatenar a uma raiz, logo, ele também está sujeito a erros trocas e encalhamentos. Os traços de Caso podem sofrer encalhamento, mas as trocas são bastante incomuns, já que Caso é uma propriedade estrutural. Ademais, vimos que, para Pfau (2009), gênero é inerente à raiz, e, portanto, não sofre encalhamento, nem trocas. Por fim, os erros de cópia somente podem acontecer com aqueles traços relevantes para a concordância, isto é, número e gênero.

Na próxima seção, consideraremos as propriedades estruturais dos traços aqui discutidos para analisarmos os lapsos de fala que envolvem traços gramaticais em PB.

5.6.2. Considerações sobre os lapsos que envolvem traços gramaticais no PB

Em nossos resultados, encontramos cerca de quinze lapsos que envolvem traços gramaticais no PB, sendo que, entre os lapsos dessa categoria, constam, principalmente, erros de cópia e troca dos traços. Também coletamos lapsos em que temos traços gramaticais encalhados, no entanto, como o encalhamento de traços normalmente é o resultado da troca de raízes, esses lapsos estão categorizados como lapsos que envolvem morfemas. Desse modo, verificamos que as duas categorias se sobrepõe, de alguma maneira. Os lapsos em (132) e (133), por exemplo, ilustram a sobreposição das duas categorias:

(132) Achei entrando ← Entrei achando

(133) Preparamentos do casativo ← Preparativos do casamento

Como vemos, os lapsos (132) e (133) apresentados acima fazem parte da categoria de lapsos que envolvem morfemas, pois, em ambos os casos, estamos diante de trocas de morfemas. Em (132), as raízes $\sqrt{\text{ACH}}$ e $\sqrt{\text{ENTR}}$ são trocadas, resultando no encalhamento dos traços de tempo. Por outro lado, em (133), temos a troca de dois sufixos – conforme já discutimos anteriormente na seção 5.5.2 –, *-tivo* e *-mento*, contudo o traço de plural permanece na sua posição e não acompanha o sufixo que o antecede. Ou seja, considerando que a troca de morfemas pode, ou não, deixar traços gramaticais encalhados, há uma grande sobreposição nessas categoriais.

Separados na categoria de lapsos que envolvem traços gramaticais, temos, exclusivamente, erros de cópia e troca. Diferentemente dos traços encontrados nos dados de Pfau (2009), descritos na seção anterior, os lapsos em PB incluem traços de número, gênero, pessoa e número. Logo, os traços de negação e caso não serão discutidos nessa seção.

A seguir, discutiremos os lapsos de troca encontrados em PB, apresentados em (134) e (135):

(134) Vamos ver a boneca das suas tias ← Vamos ver as bonecas da sua tia

(135) Eu alugar um lugar para morei ← Eu aluguei um lugar para morar

Em nosso *corpus*, encontramos erros de troca envolvendo traços de número, como (134), e de tempo, número e pessoa, como (135). No primeiro caso, temos a troca do traço [+pl] de *bonecas* para *tia*. A partir dessa troca, então, a concordância nominal irá operar no DP, copiando os traços de número para os determinantes. Desse modo, conseguimos explicar por que na sentença alvo temos somente dois sufixos de plural, -s, enquanto no lapso aparecem três sufixos. Isto é, na verdade, o erro não se trata do deslocamento do sufixo em si, mas do próprio traço, o que garante a boa formação da concordância no DP. Por outro lado, no lapso em (135), temos a troca dos traços de tempo, número e pessoa nas raízes $\sqrt{\text{ALUG}}$ e $\sqrt{\text{MOR}}$, [-tns] e [pret.perf, 1, sg]¹¹⁴, respectivamente.

Além do lapso em (135), os traços de tempo, número e pessoa também aparecem nos dados em (136) e (137). Nesses dados, aparentemente, temos a inserção de um IV que não corresponde à classe dos verbos em questão. Ou seja, além dos traços já mencionados e discutidos por Pfau (2009) para os lapsos do alemão, em PB, classe também é um traço relevante na discussão acerca dos lapsos de fala.

(136) Eu não to nervosa, é que eu não comi ← Eu não to nervosa, é que eu não
comi

(137) Eu quase morrei ← Eu quase morri

Conforme observamos em (136) e (137), os traços de [pret.perf, 1, sg] na classe 2, de verbos terminados em *-er* no infinitivo, devem ser realizados pelo IV /i/, enquanto o traço de classe [C₂] é realizado por /e/. Após a inserção de vocabulário, em PF, regras de reajuste fonológico atuam, resultando na forma de superfície /i/ para o conjunto dos traços [C₂] + [pret.perf, 1, sg] (cf. BASSANI; LUNGUINHO, 2011). Assim, temos a forma dos verbos *comi* e *morri*, conforme o esperado na sentença alvo. No entanto, as formas que aparecem nos lapsos, *comi* e *morrei*, correspondem à realização fonológica dos traços de [pret.perf, 1, sg] na classe 1, de verbos terminados em *-ar*. Nos verbos da classe 1, o IV inserido para os traços de [pret.perf, 1, sg] também é /i/, enquanto o IV

¹¹⁴ O traço [pret.perf] corresponde ao pretérito perfeito em PB (cf. BASSANI; LUNGUINHO, 2011).

que realiza o traço $[C_1]$ é /a/. Mais uma vez, após a inserção de vocabulário, temos a aplicação de uma RRF, que alça a vogal /a/ para /e/ na presença de /i/, resultando na realização /ei/ para os traços $[C_1] + [\text{pret.perf}, 1, \text{sg}]$.

Em (138), apresentamos a inserção dos IVs conforme Bassani e Lunguinho (2011) para os verbos em PB:

(138) Representação da inserção de vocabulário para os verbos do pretérito perfeito em PB (cf. BASSANI; LUNGUINHO, 2011, p. 23)

$\sqrt{\text{CANT}}$	+	$[C_1] \leftarrow /a/ \leftrightarrow [C_1]$	+	$\left(\begin{array}{c} \text{pret.perf} \\ 1 \\ \text{sg} \end{array} \right)$
$\sqrt{\text{BEB}}$	+	$[C_2] \leftarrow /e/ \leftrightarrow [C_2]$		
$\sqrt{\text{DORM}}$	+	$[C_3] \leftarrow /i/ \leftrightarrow [C_3]$		

a. $/i/ \leftrightarrow [1, \text{sg}]$

b. $/u/ \leftrightarrow [\text{sg}, \text{pret.perf}]$

Desse modo, temos que nos lapsos (136) e (137) o IV correspondente ao traço $[C_1]$ foi realizado, ao invés de $[C_2]$, por uma falha no processamento. Uma vez que a classe 1 é a classe com maior número de verbos em PB, poderíamos pensar apenas as raízes das classes 2 e 3 são marcadas pelos traços $[C_2]$ e $[C_3]$, respectivamente, enquanto a classe 1 é marcada pela ausência de traços, por *default*. Assim, em uma eventual falha, na ausência dos traços de classe marcando as raízes $\sqrt{\text{MORR}}$ e $\sqrt{\text{COM}}$ nos erros, teríamos a realização do IV da classe 1, de acordo com o que, de fato, ocorreu.

Por fim, o traço de gênero aparece em erros de cópia, como (139) e (140), uma vez que, em ambos os erros, o determinante não concorda com o gênero do núcleo do DP.

(139) A equipe toda vai sentir o maior saudade de você ← A equipe toda vai sentir a maior saudade de você

(140) Levantar o perna ← Levantar a perna

Seguindo a proposta de gênero de Armelin (2015), adotada na seção 5.2.2 para a análise dos *blends* frasais, o gênero de um nome é marcado no núcleo sintático GEN, que é parte da projeção estendida do nome. Para a autora, em PB, no entanto, além de

abrigar o traço de gênero, o núcleo GEN também é responsável por codificar a classe nominal a que pertence um nome. De modo, no contexto de um traço [f] no núcleo GEN, insere-se o IV default *-a*, enquanto na presença do traço [m] insere-se o IV default *-o*. Assim, o agrupamento por classes em PB é definido apenas pelo resultado de diferentes possíveis expoentes fonológicos para o núcleo sintático de GEN, e não pela marcação de classes nominais enquanto primitivos gramaticais.

Considerando isto, portanto, esperaríamos que, caso houvesse uma troca dos traços de gênero nos lapsos (139) e (140), as vogais temáticas sofressem alteração também, além dos determinantes, o que não é o caso. Desse modo, a análise de tais lapsos como erros de troca não pode ser sustentada.

Com isso, vimos que a análise dos lapsos de fala que envolvem traços gramaticais em PB pode ser sustentada pelo modelo de Pfau (2009) se incluirmos os traços de classe, que mostram-se relevantes nos nossos dados para erros com verbos e nomes. Por fim, também reiteramos a pertinência de uma análise que unifique gênero e vogal temática em PB, considerando, em especial, a análise de Armelin (2015) que havia sido incorporada na discussão dos *blends* frasais, e que, como vimos nessa seção, também é aplicável a outras categorias de lapsos.

5.7. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, observamos como se comportam os lapsos de morfológicos do ponto de vista de suas propriedades estruturais, bem como vimos como diversos modelos de processamento (cf. FROMKIN, 1971, DELL, 1986, PFAU, 2009; RODRIGUES, 2010) explicam a sua formação dentro do sistema. Conforme apresentamos, os lapsos de fala morfológicos do PB, registrados em *corpus*, compõe seis categorias distintas, separadas com base na natureza dos elementos envolvidos no erro e na localização onde se deu a falha durante o processamento. Concluímos que, entre os modelos que discutimos, o modelo de Pfau (2009) é o mais adequado para tratar dos lapsos de fala em PB, pois consegue, de modo elegante, trazer generalizações importantes acerca das propriedades de cada um dos tipos, bem como explicitar, do ponto de vista do processamento, suas diferenças.

Por fim, ressaltamos a relevância que a discussão sobre os lapsos do PB agrega aos estudos de processamento e teoria gramatical, pois, conforme vimos, a análise de

outras línguas pode trazer *insights* acerca de outros fenômenos que não haviam sido, ainda, discutidos. Desse modo, consideramos que os lapsos morfológicos do PB trouxeram evidências e questões importantes para o desenvolvimento do modelo, como a relação entre gênero e vogal temática e as propriedades do traço de classe.

Capítulo 6

Considerações finais

De acordo com a perspectiva adotada ao longo desta pesquisa, os lapsos de fala são enunciados que desviam da intenção comunicativa do falante por causa de uma falha de processamento (cf. FROMKIN, 1973). O erro pode afetar diversos níveis linguísticos (i.e. fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico) e podem prover evidências teóricas importantes para a postulação de modelos de processamento na medida em que dão indícios de algumas regularidades que controlam o sistema. Assim, nesta pesquisa, escolhemos investigar os lapsos de fala morfológicos do PB, buscando explicitar e descrever o conjunto de propriedades e características que os regem. Além disso, também discutimos os lapsos de fala do ponto de vista de seu processamento, levando em conta modelos como o de Levelt (1989), Pfau (2009) e Rodrigues (2010).

Para tal, trabalhamos de modo a alcançar três objetivos distintos: o metodológico, o descritivo e o teórico. Com o objetivo metodológico, nos propusemos a coletar um número extenso de lapsos de fala morfológicos em PB produzidos em contextos naturalísticos. Nosso objetivo descritivo, por sua vez, consistia em classificar e descrever os tipos diferentes de estruturas e unidades linguísticas afetadas pelos

lapsos. Por último, o objetivo teórico da pesquisa pretendia testar o modelo de gramática e processamento proposto por Pfau (2009), que tem como base os pressupostos teóricos da MD e o modelo de processamento de Levelt (1989), buscando adequar o modelo, e sanar suas eventuais falhas, aos dados encontrados em PB.

Em um primeiro momento, nossos esforços se concentraram em atingir o objetivo metodológico do trabalho. Para tal, coletamos cerca de 140 dados, disponíveis no anexo. A partir desse *corpus*, pudemos desenvolver uma classificação tipológica para os lapsos de fala morfológicos em PB, conforme apresentamos na seção 4.2. Essa classificação levou em conta, principalmente, quais os elementos morfológicos foram afetados e a localização da falha dentro da arquitetura da gramática. Os tipos encontrados foram: (i) *blends* de palavra; (ii) *blends* frasais; (iii) substituições que envolvem aspectos semânticos; (iv) substituições que envolvem aspectos fonológicos; (v) lapsos que envolvem morfemas; e (vii) lapsos que envolvem traços gramaticais. Do ponto de vista descritivo, encontramos algumas propriedades individuais a cada categoria dos lapsos de fala, como características estruturais e unidades linguísticas envolvidas, que retomaremos brevemente agora.

Considerando os *blends* de palavra, vimos que Pfau (2009) assume que esse tipo de lapso é o resultado da fusão das formas fonológicas de duas raízes que foram simultaneamente selecionadas na lista 1 para ocupar o mesmo espaço computacional. A partir daí, por problemas articulatórios de linearidade, a solução que PF encontra para dar conta dessa falha no processamento é mesclar fonologicamente as duas formas, resultando em um *blend*. No entanto, nossos resultados apresentaram que essa explicação é, de certa maneira, insuficiente para dar conta dos *blends* de palavra em PB, pois encontramos tanto *blends* paradigmáticos como sintagmáticos. Assim, enquanto os *blends* paradigmáticos enquadram-se no modelo de Pfau (2009), os *blends* sintagmáticos - resultado da fusão fonológica de duas palavras adjacentes linearmente - precisam de outra explicação. Concluímos, portanto, que eles não ocorrem em decorrência da seleção simultânea de duas raízes, mas, apenas, são o resultado de uma falha no processamento articulatório que irá antecipar ou preservar o conteúdo fonológico da palavra adjacente.

Além disso, ressaltamos a importância da discussão sobre os *blends*, pois, ao contrário dos demais tipos de lapsos de fala morfológicos, *blending* também é um processo de formação de palavras regular em PB. Dessa maneira, vimos que há *blends*

de palavra - resultantes dos lapsos de fala -, e *blends* neológicos, que são novas palavras, produzidas intencionalmente e que, frequentemente, integram o vocabulário da língua. Contudo, conforme constatamos, as discussões acerca dos *blends* (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015; GONÇALVES, 2003; RIO-TORTO, 2014; BASILIO, 2010; ARAÚJO, 2000; LEHRER, 2003; 2007; LEHER; VERES, 2000) não abarcam os *blends* de palavra, concentrando-se, exclusivamente na formação dos *blends* neológicos. A partir da comparação entre as propriedades dos *blends* de palavras e dos *blends* neológicos, mostramos que há diferenças nos processos de formação de ambos, uma vez que, de acordo com Minussi e Nóbrega (2014), há a influência de um *input* semântico na formação dos *blends* neológicos que atua de maneira a garantir um efeito cômico, ausente nos *blends* de palavra. Por isso, entendemos que estamos diante de processos distintos e que a análise de Pfau (2009) compreende melhor o processamento dos *blends* de palavra em PB, mesmo com as ressalvas apresentadas no parágrafo anterior.

Os *blends* frasais, por sua vez, são o resultado do cruzamento entre duas sentenças ou sintagmas paralelos. Mostramos que há dois tipos de *blends* frasais: aqueles em que há duas raízes alternativas, e aqueles em que há duas sentenças alternativas (cf. GARRETT, 1988; 1993; PFAU, 2009), sendo o primeiro tipo o mais relevante para este trabalho. De acordo com Pfau (2009), os *blends* frasais - especialmente os que envolvem raízes - são formados a partir da seleção simultânea de duas raízes na lista 1 e que irão ocupar o mesmo lugar na derivação sintática. No entanto, enquanto uma das raízes desencadeia a concordância, a outra é quem tem seu conteúdo fonológico inserido, o que pode resultar no desencontro dos traços da raiz realizada e da raiz alternativa. Em PB, observamos que sempre que os nomes alternativos apresentam gênero e classe diferentes, o desencontro entre o gênero da forma realizada e do determinante é sempre acompanhado do desencontro da vogal temática. Isto é, inseria-se o conteúdo fonológico de uma raiz mais a vogal temática da outra, com a qual acontecia a concordância de gênero do DP. Desse modo, verificamos que há uma relação de dependência entre gênero e classe nominal nos *blends* frasais, que pode ser apreendido pela estrutura proposta por Armelin (2015). Assim, constatamos que os lapsos de fala podem prover evidências a favor da manutenção de um sistema em que gênero e vogal temática estejam relacionados em PB, uma vez que essas propriedades são, aparentemente, dependentes no caso dos *blends* frasais.

O terceiro tipo de lapso discutido foram as substituições que envolvem aspectos semânticos. Para diversos autores (cf. PFAU, 2009; DELL, 1986; FROMKIN, 1971; LEVELT, 1989), esses lapsos são uma evidência a favor da construção de modelos de processamento que separam o acesso às informações semânticas e fonológicas, demonstrando que um item pode ser acessado por uma das duas vias. Apresentamos, então, como três modelos de processamento (cf. PFAU, 2009; DELL, 1986; FROMKIN, 1971) lidam com falhas desse tipo, sendo comum aos três a hipótese de separação entre às informações semânticas e fonológicas. Do ponto de vista de Pfau (2009), as substituições que envolvem aspectos semânticos ocorrem quando um conceito-intruso recebe mais ativação do que o conceito-alvo no conceitualizador. A maior ativação do conceito-intruso leva, então, à seleção da raiz correspondente na lista 1, sendo a falha na ativação motivada pela semelhança semântica entre o conceito-intruso e o conceito-alvo. Com isso, chamamos atenção para o fato que, na perspectiva assumida, o que são comumente chamados de lapsos de substituições de palavras, são, na verdade, substituições das raízes (cf. PFAU, 2009).

Também vimos que todos os lapsos do PB desse tipo respeitam a regra de restrição categorial (cf. DELL, 1986, GARRETT, 1975). Ou seja, nomes substituem nomes, adjetivos substituem adjetivos e verbos substituem verbos. Mas que, no entanto, essa restrição é apenas um epifenômeno quando assumimos um modelo como o de Pfau (2009), que opera com raízes acategoriais. Nesse sentido, as substituições que envolvem aspectos semânticos sempre respeitarão as categorias morfossintáticas porque as raízes-intrusas são inseridas no mesmo ambiente de licenciamento das raízes-alvo, e, logo, serão categorizadas da mesma maneira.

O terceiro e último aspecto que chamou nossa atenção com relação às substituições que envolvem aspectos semânticos é a semelhança, também, fonológica e morfológica que há entre a palavra-alvo e a palavra-intrusa em alguns dos erros do PB. Esse fato já foi documentado na literatura para os lapsos de fala em outras línguas (cf. HARLEY, 1984, FROMKIN, 1971, DELL, 1986) e pode ser explicado por meio de modelos com *feedback* retroativo na ativação, como o de Dell (1986). No entanto, ressaltamos que essa questão ainda precisa ser explorada mais profundamente no modelo de Pfau (2009), de modo que haja uma reformulação no sistema que dê conta desse fenômeno.

De acordo com Pfau (2009), as substituições que envolvem aspectos fonológicos, por sua vez, são o resultado da seleção incorreta de “vizinhos fonológicos” na lista 2. Nesse caso, estamos lidando com uma falha na seleção dos IVs. Isso implica também, de certa maneira, que haja uma estruturação na organização da lista 2, de modo que formas fonológicas com fonemas semelhantes estejam perto uma das outras, em uma configuração parecida com um dicionário. Mais uma vez, quando consideramos os dados do PB, vimos que há uma restrição categorial atuando sobre as substituições que envolvem aspectos fonológicos. Porém, conforme já discutimos acima, no modelo de Pfau (2009), a restrição categorial é um epifenômeno e não uma regra ad hoc, pois, considerando que as raízes são categorizadas na sintaxe na MD, a categoria de um item já está determinada quando a sua forma fonológica é inserida. Assim, mesmo que haja um erro de substituição da forma fonológica de uma palavra, o IV intruso deverá ser licenciado para aquele ambiente também.

O quarto tipo analisado foram os lapsos que envolvem morfemas. Como vimos, os morfemas estão sujeitos à antecipação, preservação, troca, substituição ou apagamento, e podem, ou não, sofrer acomodação ao contexto do erro. Vimos também que o deslocamento de um morfema pode resultar em reajuste fonológico, supleção ou inserção de morfemas devido às questões de licenciamento. Para muitos autores, esses processos são chamados de acomodações. Isto é, considera-se que o sistema pode modificar uma sentença gerada onde houve uma falha para torná-la gramatical por meio de reparos. No modelo de Pfau (2009), no entanto, a noção de acomodação é desprezada, uma vez que a forma do erro é sempre resultado da aplicação dos mecanismos de concordância e inserção de vocabulário regulares da MD.

Além disso, observamos que o sistema de Pfau (2009) apresenta uma vantagem teórica para a análise dos lapsos de fala envolvendo morfemas do PB que é a separação entre erros de trocas de raízes e encalhamentos de traços, por um lado, e trocas de palavras fonológicas e morfemas, por outro. Para o autor, a diferença entre esses tipos é que enquanto os primeiros ocorrem sempre antes de *spell-out*, os do segundo tipo ocorrem depois, e, portanto, envolvem apenas a troca de conteúdo fonológico. Ou seja, os lapsos de trocas de raízes e encalhamentos de traços estão sujeitos à acomodação, mas os erros de trocas de palavras fonológicas e morfemas não. Assim, a partir desse modelo, podemos dar conta de dados do PB como *preparamentos do casativo*, que deve ser uma troca entre morfemas após *spell-out*, porque não há acomodação.

Por fim, em relação aos lapsos que envolvem traços gramaticais, observamos que cada traço apresenta uma configuração individual de realização nos erros que depende de sua natureza estrutural. Vimos que os traços que projetam sua própria projeção funcional (i.e. traços de número, tempo e negação), podem sofrer encalhamento ou troca. Os traços de Casos, por sua vez, são atribuídos a partir de propriedades de verbos e preposições atribuidoras de Caso, e, portanto, pode sofrer encalhamento ou trocas. Também constatamos que apenas os traços morfossintáticos envolvidos no processamento da concordância podem estar envolvidos em erros de cópia, são eles: gênero e número.

Além dos traços destacados por Pfau (2009) para os erros do alemão (i.e. Caso, tempo, número, gênero, pessoa e negação), constatamos que o traço de classe é particularmente importante para a análise dos lapsos de fala que envolvem traços gramaticais no PB. Desse modo, nossa análise incluiu também o traço de classe, tanto nominal como verbal. Com esses dados, reiteramos, também, a relevância de mantermos uma análise que unifique gênero e vogal temática em PB (cf. ARMELIN, 2015).

Do ponto de vista teórico, assumimos que o modelo de processamento de Pfau (2009) apresenta diversas vantagens para a análise dos lapsos de fala morfológicos em PB, pois consegue dar conta de diversos tipos de erros, como os quais encontramos na nossa classificação. Já o modelo PMP revisto e ampliado (cf. RODRIGUES, 2010), apresentado na seção 3.3, apesar de pensando a partir de dados do PB, não tem a abrangência teórica necessária para explicar lapsos diversos. Assim, consideramos que o modelo de Pfau (2009) mostra-se mais adequado para a análise dos lapsos morfológicos em PB.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, C. C. **As classes formais do português e sua constituição:** um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída. 2003. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **As classes formais do português brasileiro.** In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n.1, pp. 5-15, 2010.

ARMELIN, P. R. G. **A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro:** Uma abordagem sintática da formação de palavras. 2015. 274f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ARONOFF, M. **Morphology by itself:** Stems and inflectional classes. 1994. Cambridge: MIT Press, 1994.

BASSANI, I. S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro.** 2013. 382f. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BASSANI, I. S.; LUNGUINHO, M. V. **Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída:** um estudo do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. ReVEL, edição especial n. 5, 2011.

BASÍLIO, M. **Fusão vocabular expressiva:** um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, pp. 201-210, 2010.

BOOMER, D. S.; LAVER, J. D. M. **Slips of the tongue.** In: Ed. FROMKIN, V. A. (Org.). *Speech Errors as Linguistic Evidence.* The Hague: Mouton, 1973.

BRESNAN, J.; KAPLAN, R. **Introduction: Grammars and Mental Representations of Language.** IN: BRESNAN, J. (ed.) *The Mental Representation of Language.* Cambridge, Mass.: MIT Press. 1982.

BUTTERWORTH, B. **Speech errors: old data in search of new theories.** In: CUTLER, A. (ed.) *Slips of the tongue.* Amsterdam: Mouton, 1982.

CHOMSKY, N. **A minimalist program for linguistic theory.** In *The view from building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger,* ed. Kenneth. Hale & Samuel Keyser, 1-52. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

CHOMSKY, N. **The minimalist program.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

_____. **Derivation by Phase.** MIT: WPL, 1999.

_____. **On Nature and language.** Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2002.

CORRÊA, L.M.S.; RODRIGUES, E. **Erros de atração no processamento da concordância sujeito-verbo e a questão da autonomia do formulador sintático** In: MAIA, M.; FINGER, I. (Orgs.). *Processamento da Linguagem.* Pelotas: EDUCAT, 2005. pp. 303-336.

DELL G. S. **A Spreading activation theory of retrieval and sentence production.** *Psychological Review.* v. 93, pp. 283-321, 1986.

EMBICK, D.; NOYER, R.; **Movement operations after syntax.** *Linguistic Inquiry.* v. 32, n. 4, pp. 555 - 595, 2001.

FREUD, S. **Psicopatologia da vida quotidiana.** Delta S. A.: Rio de Janeiro, 1958.

FROMKIN, V. A. **The nonanomalous nature of anomalous utterances.** *Language.* v. 47, pp. 27-52, 1971.

_____. **Introduction. Speech Errors as Linguistic Evidence.** In: Ed. FROMKIN, V. A. (Org.). *The Hague: Mouton,* 1973.

GARRETT, M. F. **The analysis of sentence production.** In: *Psychology of Learning and Motivation,* Vol.9, G. Bower (Ed.), 133–177. New York: Academic Press, 1975.

_____. **Processes in language production.** In: F. J. Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge survey: III. Language: Psychological and biological aspects,* pp. 69-96. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **Errors and their relevance for models of language production.** In *Linguistic Disorders and Pathologies: An International Handbook,* G. Blanken, J. Dittmann, H. Grimm, J. Marshall & C. Wallesch (Eds), pp.72–92. Berlin: de Gruyter, 1993.

GUIMARÃES, M. **Sintaxe Minimalista.** In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Org.). *Sintaxe, Sintaxes.* São Paulo: Contexto, 2015. pp.27-49.

GONÇALVES, C. A. **Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência.** *Veredas, Juiz de Fora,* v. 7, n. 1 e 2, pp.149-167, 2003.

HALLE, M.; A. MARANTZ. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**. In: HALE, K.; & KEYSER, S. J. (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

_____. **Some Key Features of Distributed Morphology, Papers on Phonology and Morphology**, MITWPL 21. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, 1994, pp. 275–288.

HARLEY, T. **A critique of top-down independent levels models of speech production: Evidence from non-plan-internal speech errors**. *Cognitive Science*, v.8, pp. 191-219, 1984.

HARLEY, H.; NOYER, R. **State-of-the-article: Distributed Morphology**. *Glott International*, v. 4, n.4, pp. 3 - 9, 1999.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W.T. **The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?** *Science*, v.298, pp. 1569-1579, 2002.

HORSTEIN, N. **A Theory of syntax: minimal operations and universal grammar**. Cambridge: CUP, 2009.

ILIOVITZ, E. R. **Uma análise prosódica dos lapsos da língua**. 2001.142 f. (Dissertação de Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2001.

_____. **Fronteiras Linguísticas dos Lapsos da Língua**. *Letras & Letras*. Volume 23, número 2, jul./dez. 2007, p. 81 - 110.

LANGACKER, R. W. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

LEHRER, A. **Understanding trendy neologisms**. *Rivista di Linguistica*, 15(2), pp. 369-382. 2003.

_____. **Blendalicious**. In: JUDITH, M (ed.), *Lexical Creativity, Texts and Contexts*, pp. 115-133. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins. 2007.

LEITÃO, M. **Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem**. In: Martelotta, M. (org.) **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEVELT, W. J.M. **Speaking: From Intention to Articulation**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

LEVELT, W. **Language use in normal speakers and its disorders**. In G.Blanken, E. Dittman, H. Grimm, J. Marshall, & C. Wallesch (Eds.), *Linguistic disorders and pathologies. An International Handbook* (pp. 1-15). Berlin: Walther de Gruyter. 1993.

MARANTZ, A. **No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon**, University of Pennsylvania, Working Papers in Linguistics 4, pp. 201-225. 1997.

MENDES, R.B. **Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana**. 2013. Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br>>. Acesso em 25/06/2016.

MERINGER, R; MAYER, K. **Versprechen und Verlesen**. Eine psychologisch-linguistische Studie. Stuttgart: Göschen, 1895.

MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. **A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras**: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. Veredas (UFJF), v.18, n. 1, 2014.

NOBREGA, B. F. S. **Os lapsus linguae e o léxico mental**. 2010. 141 f. (Dissertação - Mestrado em Terapia da Fala) – Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Alcoitão. 2010.

NÓBREGA, V.; MINUSSI, R. D.; **O tratamento da morfologia não-concatenativa pela Morfologia Distribuída**: O caso dos blends fonológicos. Revista Letras, Curitiba, n. 91, 2015.

NOOTEBOOM, S. G. **The tongue slips into patterns**. In: A. G. Sciarone, A. J. van Essen, & A. A. Van Raad (Eds.), *Leyden studies in linguistics and phonetics*. The Hague: Mouton, 1969.

PESETSKY, D. **Zero syntax: Experiencers and cascades**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

PFAU, R. **Features and Categories in Language Production**. (Tese de Doutorado), Johann-Wolfgang-Goethe-University, Frankfurt/Main. 2000.

PFAU, R. **Grammar as processor**. A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

REEVES, L. M., Hirsh-Pasek, K.; Golinkoffs, L. **Words and Meaning**: From Primitives to Complex Organization. In: Gleason, J.; Ratner, N. (Eds.), *Psycholinguistics*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1998. pp. 157-226.

RIO-TORTO, G. **Blending, cruzamento ou fusão lexical em português**: padrões estruturais. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 7-29, jan./jun. 2014.

RODRIGUES, E. S. **Processamento da Concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças**. (Tese de Doutorado), Departamento de Letras – PUC-Rio. 2006.

_____. **O estudo psicolinguístico da produção da linguagem**: uma breve apresentação de métodos empregados na investigação do processamento adulto. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 5, número 1, 2009.

_____. **Concordância de gênero e número em estruturas predicativas no português brasileiro**: um estudo experimental de produção induzida de lapsos. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, número 1, junho de 2015, pp. 135-152.

RODRIGUES, E.; CORRÊA, L.M.S. **Linear and hierarchical hypotheses reconciled:** grammatical formulation and ongoing parsing in the production of subject-verb agreement errors. In: The 17th Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, p.80, 2004

SCHER, A. P. **ReVEL na escola:** Morfologia Distribuída. ReVEL, v. 13, n. 24, 2015.

STEMBERGER, J.P. **Spontaneous and Evoked Slips of the Tongue.** In BLANKEN, G.; DITTMAN, J.; GRIMM, H.; MARSHALL, J.; C-W. WALLECH (Eds). *Linguistic Disorders and Pathologies. An International Handbook.* Berlin: Walter de Gruyter, 1993. pp. 53-65.

WARREN, Paul. **Introducing Psycholinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press. 2012.

WELLS, R. **Predicting slips of the tongue.** Yale Scientific Magazine, December, 1951. pp. 9-12.

Anexos

Grupo 1) *Blends* de palavra

1	Lapso	Mosquilongo
	Alvo	Mosquito / Pernilongo
2	Lapso	"Tchau amor, boa <u>naula</u> "
	Alvo	Tchau amor, boa natação / aula
3	Lapso	"Tinha um saco enorme de ração de <u>rachorro</u> "
	Alvo	Tinha um saco enorme de ração de cachorro
4	Lapso	"Eu só preciso <u>defidir</u> minhas prioridades"
	Alvo	Eu só preciso <u>decidir</u> / <u>definir</u> minhas prioridades
5	Lapso	"Obrigaldo"
	Alvo	Obrigada, Heraldo
6	Lapso	"Jacaré tem <u>rauba</u> "
	Alvo	Jacaré tem rabo / cauda
7	Lapso	Inventório
	Alvo	inventário / repositório
8	Lapso	Fisão e fussão (/fi.zãw e 'fu.sãw/)
	Alvo	Fissão e fusão (/fi.sãw e 'fu.zãw/)
9	Lapso	"Vamos por mais uma vez para todo mundo <u>confirmir</u> "
	Alvo	Vamos por mais uma vez para todo mundo confirmar / conferir
10	Lapso	Cruspão
	Alvo	Crusp / Uspão

11	Lapso	"Não lembro nem de ter <u>ouvisto</u> "
	Alvo	Não lembro nem de ter ouvido / visto
12	Lapso	PLF [pe.lɛ.fe]
	Alvo	PF e LF
13	Lapso	Borda
	Alvo	Merda / Bosta
14	Lapso	"Provavelmente vai ser <u>Chitãoró</u> e (...) "
	Alvo	Provavelmente vai ser Chitãozinho e Chororó
15	Lapso	"Tá no singular ou no <u>plurar</u> ?"
	Alvo	Tá no singular ou no plural?
16	Lapso	"Quando eu fui <u>tentra</u> ... Tenta entrar"
	Alvo	Quando eu fui tentar entrar
17	Lapso	"Esplicicar"
	Alvo	Explicar / explicitar
18	Lapso	"Pego o <u>folher</u> ?"
	Alvo	Pego o garfo / colher?
19	Lapso	"Eu tenho dois tios, o <u>Anildes</u> e o <u>Antonísio</u> "
	Alvo	Eu tenho dois tios, o Anísio e o Antonildes
20	Lapso	"Também chamada de <u>analu</u> "
	Alvo	Também chamada de anoboense / pangalu
21	Lapso	"Vi a <u>Mia</u> hoje de manhã"
	Alvo	Também chamada de anoboense / pangalu
22	Lapso	"Laura, menos conversa e mais <u>falação</u> "
	Alvo	Laura, menos conversa e mais ação
23	Lapso	"Ela fica tancando"
	Alvo	Ela fica tocando / cantando
24	Lapso	"Naíra e Raiara"
	Alvo	Raíra e Naiara
25	Lapso	"Maragnífico"

	Alvo	Maravilhoso / Maganífico
26	Lapso	"B[ɔ]lhas"
	Alvo	Bolhas / Bolas
27	Lapso	"Faleu"
	Alvo	Falou / Valeu
28	Lapso	"Não posso correr se não a <u>toque atassa</u> "
	Alvo	Não posso correr se não a tosse ataca

Grupo 2) Blends frasais

1	Lapso	"Vamos ser <u>madrinhos</u> "
	Alvo	Vamos ser padrinhos
2	Lapso	"Depois <u>o ouvido</u> dele inflama e a culpa é minha"
	Alvo	Depois o ouvido / a orelha dele inflama e a culpa é minha
3	Lapso	"E <u>essa sapata</u> do cão me machucando"
	Alvo	E esse sapato / essa sandália do cão me machucando
4	Lapso	"Cuidado com sua <u>genra</u> "
	Alvo	Cuidado com sua sogra
5	Lapso	"Ela vai ser <u>padrinha</u> "
	Alvo	Ela vai ser madrinha
6	Lapso	"Eu gosto quando você fala <u>no meu ouvido</u> "
	Alvo	Eu gosto quando você fala no meu ouvido / na minha orelha
7	Lapso	"Bonito <u>seu corrente</u> "
	Alvo	Bonito seu colar / bonita sua corrente
8	Lapso	"Eu sou a <u>padrinha</u> de casamento do meu irmão"
	Alvo	Eu sou a madrinha de casamento do meu irmão
9	Lapso	"Não me deixa na frente se não eu me [e]rro"
	Alvo	Não me deixa na frente se não eu erro / me perco
10	Lapso	"Ele escreveu <u>o menino que roubava livros</u> "
	Alvo	Ele escreveu o menino do pijama listrado / Ele escreveu a menina que roubava livros

Grupo 3) Substituições que envolvem aspectos semânticos

1	Lapso	"A sobrinha da minha <u>filha</u> nasceu"
	Alvo	A sobrinha da minha amiga nasceu
2	Lapso	"Minha Rosa"
	Alvo	Minha sogra (O nome da sogra é Rosalina)
3	Lapso	"Coube tudo no <u>liquidificador</u> "
	Alvo	Coube tudo no congelador
4	Lapso	"Coordenadora do programa de <u>geografia</u> econômica"
	Alvo	Coordenadora do programa de história econômica
5	Lapso	"Eu não sou chinesa. Eu não tenho <u>nariz</u> puxado"
	Alvo	Eu não sou chinesa. Eu não tenho olho puxado
6	Lapso	"Um apartamento de três <u>andares</u> "
	Alvo	Um apartamento de três dormitórios
7	Lapso	"Guarda a cerveja no <u>microondas</u> "
	Alvo	Guarda a cerveja no freezer
8	Lapso	"Guarda [o bolo] dentro do <u>guarda-roupas</u> "
	Alvo	Guarda dentro do forno
9	Lapso	"Pega uma <u>sala</u> para dez"
	Alvo	Pega uma mesa para dez
10	Lapso	"O guarda-chuva de <u>mangueira</u> não tava funcionando"
	Alvo	O guarda-chuva de bacia não tava funcionando
11	Lapso	"Vou fazer bebida pro <u>chá de bebê</u> da Amanda"
	Alvo	Vou fazer bebida pro chá de cozinha da Amanda
12	Lapso	"A Poloca vai vir pro seu <u>aniversário</u> ?"
	Alvo	A Poloca vai vir pro seu chá de cozinha?
13	Lapso	"Os vizinhos devem estar <u>rasgando</u> a madeira"
	Alvo	Os vizinhos devem estar cortando a madeira
14	Lapso	"Quando eu achei que ia dar um problema sério, <u>o médico...</u> <u>O veterinário...</u> O mecânico não achou nada"

	Alvo	Quando eu achei que ia dar um problema sério, o mecânico não achou nada
15	Lapso	"Ralei <u>cenoura</u> calabresa para gente fazer"
	Alvo	Ralei linguiça calabresa para gente fazer com ovo mexido
16	Lapso	"Tô coando <u>calcinha</u> na <u>cueca</u> "
	Alvo	Tô coando café na calcinha
17	Lapso	"Copo de <u>óleo</u> "
	Alvo	Copo de leite
18	Lapso	"Apaga a <u>luz</u> "
	Alvo	Apaga o fogo
19	Lapso	"O cupcake do <u>banheiro</u> tava"
	Alvo	O cupcake da geladeira tava
20	Lapso	"Compra da <u>raça</u> parafuso"
	Alvo	Compra do tipo parafuso
21	Lapso	" <u>os meus pais</u> / os meus avós morreram"
	Alvo	os meus avós morreram
22	Lapso	"Uma água com rodela de <u>gelo</u> "
	Alvo	Uma água com rodela de limão
23	Lapso	Lapso de falha
	Alvo	Lapso de fala
24	Lapso	"A sala também está <u>desbagunçada</u> "
	Alvo	A sala também está desarrumada
25	Lapso	"Miga, pega o <u>sorvete</u> "
	Alvo	Miga, pega o bolo
26	Lapso	"Essa <u>linguiça</u> tá gostosa"
	Alvo	Essa sardinha tá gostosa
27	Lapso	"As flores que o Chiquinho deu <u>pro seu pai</u> "
	Alvo	As flores que o Chiquinho deu pra sua vó
28	Lapso	"Esse foi o segundo que ele <u>leu</u> ... que ele leu não, escreveu"
	Alvo	Esse foi o segundo que ele escreveu

29	Lapso	"Quando eu era mais <u>velho</u> "
	Alvo	Quando eu era mais jovem
30	Lapso	"Parece que machucou o <u>ombro</u> "
	Alvo	Parece que machucou o cotovelo
31	Lapso	"Você viu a foto do <u>leão</u> ?"
	Alvo	Você viu a foto do lobo?
32	Lapso	Não pode chocolate por causa da tosse
	Alvo	Não pode sorvete por causa da tosse
33	Lapso	O verão desse ano vai ser médio
	Alvo	O inverno desse ano vai ser médio
34	Lapso	Você vai fazer chá de bebê?
	Alvo	Você vai fazer chá de cozinha?
35	Lapso	A gente vai no aniversário de namoro
	Alvo	A gente vai no aniversário de casamento

Grupo 4) Substituições que envolvem aspectos fonológicos

1	Lapso	"Tem imãs diferentes"
	Alvo	Tem himens diferentes
2	Lapso	"O Kiel conhece alguém que toca <u>fax</u> ?"
	Alvo	O Kiel conhece alguém que toca sax?
3	Lapso	"Não estou te <u>almoçando</u> "
	Alvo	Não estou te amaldiçoando
4	Lapso	"Acho que sim, talvez o youtube tenha virado <u>privacidade</u> "
	Alvo	Acho que sim, talvez o youtube tenha virado prioridade
5	Lapso	"Tem praia com <u>falange</u> "
	Alvo	Tem praia com falésia
6	Lapso	" <u>Viaja</u> a porta"
	Alvo	Vigia a porta
7	Lapso	"Só muda a <u>sanca</u> "
	Alvo	Só muda a sacada
8	Lapso	"Faz uma associação <u>ordinária</u> "
	Alvo	Faz uma associação ordenada
9	Lapso	"Acreditamos no poder do <u>diabo</u> "
	Alvo	Acreditamos no poder do diálogo
10	Lapso	"Os <u>cachorrinhos</u> dela"
	Alvo	Os cachinhos dela
11	Lapso	"O suggar do <u>feijão</u> "
	Alvo	O Suggar do fogão
12	Lapso	"Depois da redução da velocidade, nunca mais teve <u>congelamento</u> na Marginal"
	Alvo	Depois da redução da velocidade, nunca mais teve congestionamento na Marginal
13	Lapso	"Abre o <u>guarda-roupa</u> "
	Alvo	Abre o guarda-chuva
14	Lapso	"Marquei uma <u>empresa</u> "

	Alvo	Marquei uma limpeza
15	Lapso	"O Vini por <u>panela</u> "
	Alvo	O Vini por tabela
16	Lapso	"O Lucas já jogou o <u>pau</u> "
	Alvo	O Lucas já jogou o sal
17	Lapso	"Mexerica antes de entrar na <u>graduação</u> "
	Alvo	Mexerica antes de entrar na derivação
18	Lapso	"Lê a <u>bina</u> "
	Alvo	Lê a bula
19	Lapso	"As classificações são amplas e <u>genéticas</u> "
	Alvo	As classificações são amplas e genéricas
20	Lapso	"Nós vamos entrar como se fosse o cortejo: a <u>bandeja</u> , "a bandeja" (risos) a bandinha vai entrar (...)"
	Alvo	Nós vamos entrar como se fosse o cortejo: a bandinha vai entrar (...)

Grupos 5) Lapsos que envolvem morfemas

1	Lapso	"A rasgola sacou"
	Alvo	A sacola rasgou
2	Lapso	"Singulino masculino"
	Alvo	Singular masculino
3	Lapso	"Preparamentos do casativo"
	Alvo	Preparativos do casamento
4	Lapso	"Tá <u>coisa</u> a <u>feia</u> "
	Alvo	Tá feia a coisa
5	Lapso	"Malvado salvino"
	Alvo	Malvino Salvador
6	Lapso	"A <u>universão</u> é tomada como um tipo de formação de palavras universal"
	Alvo	A composição é tomada como um tipo de formação de palavras universal
7	Lapso	"Eu fui no <u>barbeador</u> "
	Alvo	Eu fui no barbeiro
8	Lapso	"Se o chefe sugeriu, acho que a gente deve aderir a <u>sugeração</u> "
	Alvo	Se o chefe sugeriu, acho que a gente deve aderir a <u>sugestão</u>
9	Lapso	"Só de <u>saber falar</u> , eu já <u>ouvi</u> "
	Alvo	Só de ouvir falar, eu já soube
10	Lapso	"Limão é desinfetante pro <u>desintestino</u> "
	Alvo	Limão é desinfetante pro intestino
11	Lapso	"São <u>movimentações</u> ... <u>manifestações</u> de movimentos populares"
	Alvo	São manifestações de movimentos populares
12	Lapso	" <u>A amiga</u> da <u>minha namorada</u> <u>gosta</u> "
	Alvo	O namorado da minha amiga
13	Lapso	"Vou te dar 24 metros de <u>quatro</u> "
	Alvo	Vou te dar 24 metros de corda
14	Lapso	"Quando você vai me comer no Ráscal?"
	Alvo	Quando você vai me levar [pra comer] no Rascal?

15	Lapso	"Os professores nunca terminam <u>a hora na aula</u> "
	Alvo	Os professores nunca terminam a aula na hora
16	Lapso	"Sempre posto a <u>legenda</u> dele <u>nas músicas</u> "
	Alvo	Sempre posto as músicas dele na legenda
17	Lapso	"Eu queria aprender a fazer <u>churros de bolo</u> "
	Alvo	Eu queria aprender a fazer bolo de churros
18	Lapso	"Achei entrando"
	Alvo	Entrei achando
19	Lapso	"Tá <u>Roco</u> , seu <u>louco</u> ?"
	Alvo	Tá louco, seu Roco?"
20	Lapso	"Cuidado que se <u>quebrar cai</u> "
	Alvo	Cuidado que se cair quebra
21	Lapso	"Quando vi o terno em cima da <u>boca</u> "
	Alvo	Quando vi o terno em cima da cama o coração veio na boca
22	Lapso	"Quando eu tô bêbada, eu <u>bebo</u> "
	Alvo	Quando eu to bêbada, eu choro
23	Lapso	"Apaga para <u>tia</u> "
	Alvo	Apaga para mim, tia
24	Lapso	"De <u>morre</u> eu não <u>fomo</u> "
	Alvo	De fome eu não morro
25	Lapso	"A <u>mala</u> da <u>chave</u> "
	Alvo	A chave da mala
26	Lapso	"Escolhe <u>o cabelo da cor</u> do seu filho"
	Alvo	Escolhe a cor do cabelo do seu filho
27	Lapso	"Eu sabia que <u>regra</u> tinha <u>carta</u> "
	Alvo	Eu sabia que carta tinha regra
28	Lapso	"Toda criança já <u>sabe nascendo</u> isso"
	Alvo	Toda criança já nasce sabendo isso
29	Lapso	"Eu <u>pedo</u> na Prima"

	Alvo	Eu peço na prima
30	Lapso	"Eu <u>mido</u> "
	Alvo	Eu meço
31	Lapso	"A gente vai ter que ficar 12 <u>foras hora</u> "
	Alvo	A gente vai ter que ficar 12 horas fora
32	Lapso	"Se nós <u>fizesse issimos</u> "
	Alvo	Se nós fizéssemos isso
33	Lapso	Que ótimo dia de começar [...]
	Alvo	Que ótimo jeito de começar o dia

Grupo 6) Lapsos que envolvem traços gramaticais

1	Lapso	"Eu não tô nervosa, é que eu não <u>comei</u> "
	Alvo	Eu não tô nervosa, é que eu não comi
2	Lapso	"A equipe toda vai sentir <u>o maior saudade</u> de você"
	Alvo	A equipe toda vai sentir a maior saudade de você
3	Lapso	"Deixa eu quebrar isso aqui <u>na sua dente</u> "
	Alvo	Deixa eu quebrar isso aqui no seu dente
4	Lapso	"Eu <u>alugar</u> um lugar para <u>morei</u> "
	Alvo	Eu aluguei um lugar para morar
5	Lapso	"Vamos ver <u>a boneca das suas tias</u> "
	Alvo	Vamos ver as bonecas da sua tia
6	Lapso	"Dá <u>um grande sensação</u> de sucesso"
	Alvo	Dá uma grande sensação de sucesso
7	Lapso	"Levantar <u>o perna</u> "
	Alvo	Levantar a perna
8	Lapso	<u>O Sandy e a Junior</u>
	Alvo	A Sandy e o Junior
9	Lapso	"Eu gosto de usar o rolinho na primeira de mão porque ele cobre uma área mais <u>rápida</u> "
	Alvo	Eu gosto de usar o rolinho na primeira de mão porque ele cobre uma área mais rápido
10	Lapso	Encho
	Alvo	Encheu
11	Lapso	"Ter alguma <u>coisa sério</u> "
	Alvo	Ter alguma coisa séria
12	Lapso	"Eu quase <u>morrei</u> "
	Alvo	Eu quase morri
13	Lapso	"Eu estou com saudade dela porque <u>na sua</u> aniversário eu falei pouco com ela"
	Alvo	Eu estou com saudade dela porque na sua [festa de] aniversário eu falei pouco com ela

14	Lapso	mas e esse sotaque de Curitiba?... <u>de Paraná?</u> do Paraná?
	Alvo	mas e esse sotaque de Curitiba? do Paraná?
15	Lapso	"Se você puder <u>vier</u> "
	Alvo	Se você puder vir